

Na PB, 61 museus preservam a memória cultural do Estado

Projeto do Governo Estadual pretende integrar esses espaços e desenvolver planos de atração do público. [Página 25](#)

Foto: Roberto Guedes



Luzes de Natal desenharam história e religião

Tradição, que surgiu no século 18, remete às celebrações pelo nascimento de Cristo. Hoje, a iluminação é parte da decoração natalina de casas e ruas das cidades. [Página 5](#)

Foto: Secom-PB

Diversidade



Evaporação Estudo realizado pela Agência Nacional de Águas calculou o índice de perda de água dos principais reservatórios do país. [Página 20](#)

Foto: Evandro Pereira



Retomada Para superar crise, provocada pela pandemia, a indústria gráfica diversificou a produção e iniciou processo de recuperação. [Página 17](#)

77
Conversa com o GOVERNADOR
NA RÁDIO TABAJARA
FM 105,5
TODA SEGUNDA-FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H
facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba
Tabajara



Imagens: Divulgação



Em campanha de financiamento
Antologia '1979 - O Ano Que Resignificou a MPB' reúne mais de 90 textos sobre disc/9aos lançados no final dos anos 1970; LPs de Geraldo Vandré, Zé Ramalho, Elba Ramalho e Cátia de França integram a lista. [Página 9](#)



Entrevista



Foto: Oríllio Antonio

Diabetes Médico João Modesto fala sobre estilo de vida e alimentação para o controle da doença. [Página 4](#)

Geral

Campanha convida o homem a lutar contra violência à mulher

Amanhã é dia nacional de mobilização, data que integra a campanha Laço Branco, realizada em 50 países. [Página 3](#)

Paraíba

Cariri e Sertão são pontos de observação astronômica

A Paraíba apresenta condições ideais para quem trabalha ou simplesmente sente prazer em observar o céu. [Página 6](#)

Extensionista rural atua para melhorar realidade no campo

Na Paraíba, serviço funciona há 66 anos, levando orientação e conhecimento aos produtores rurais. [Página 7](#)

Economia

Mais brasileiros têm investido em previdência complementar

Contribuinte tem buscado reforçar aposentadoria, mas é preciso ficar atento à cobrança do Imposto de Renda. [Página 18](#)

Colunas

/// Se é verdade que o sentimento de imortalidade tende a acometer megalomaniacos e solipsistas, não deixa de ser curioso que se trate também da expressão do poder de classe. [Página 10](#)

Estevam Dedalus

/// O livro de (Manoel) Jaime, 'Espaços, Vivências e Pessoas', nos leva a refletir, mais uma vez, sobre a questão do Patrimônio Arquitetônico da cidade de João Pessoa. [Página 11](#)

Alex Santos

/// A obra de (Leonardo) Padura reconstrói as trajetórias de Leon Trotsky, o líder soviético, e de seu assassino, o militante espanhol Ramón Mercader. [Página 26](#)

Angélica Lúcio

Editorial

O alvo é preto

Um negro amarrado e arrastado pelo algoz investido da autoridade conferida pela função que exerce é uma imagem secular da sociedade brasileira. A cena tem os mesmos personagens e o mesmo caráter racista e bárbaro, fosse durante os séculos de escravidão no país, seja nos dias atuais, nas ruas modernas da grande metrópole.

Quem é o jovem de pele preta amarrado, humilhado e achincalhado pela população enquanto é castigado por supostamente infringir as normas? O morador da comunidade Jhonny Ítalo da Silva é a personificação do morador da senzala, ambos acusados, presos e castigados sem direito à defesa.

E quem é realmente o policial que, na presunção de uma superioridade social, não passa de mais um trabalhador - assalariado, é verdade -, mas tantas vezes humilhado e renegado pelos "nobres"? Não era essa a figura do feitor?

Acusados, perseguidos, presos e humilhados, mesmo quando não cometeram crimes, negros de todo o país continuam sendo vítimas do preconceito racial. São detidos para averiguação, impedidos de entrar em estabelecimentos, expulsos a pontapés ou mortos por seguranças. Também são executados em supostos confrontos com as forças policiais todos os dias.

Mais de 130 anos após a lei que aboliu a escravidão no Brasil, negros não têm segurança sequer para andar livremente pelas ruas. Podem ser facilmente confundidos com bandidos, acusados de tentar roubar a bicicleta cara de um branco ou os produtos da prateleira do supermercado. Se de fato cometeram crimes, como brancos também os cometem, podem ser amarrados a postes e espancados, arrastados presos a carros e motocicletas ou executados e jogados numa vala.

Até quando a sociedade brasileira fechará os olhos para a situação dos negros neste país? Até quando se permitirá a existência desse velado sistema de castas, onde pele branca é sinônimo de vantajosa superioridade? Até quando brancos e negros serão tratados de forma diferente, quando a lei garante igualdade a todos, indistintamente?

Ou alguém acredita que a cor da pele de Jhonny é apenas uma coincidência?

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Terrivelmente Evangélico?

Fui aos dicionários à procura do significado do termo "terrível". Eis o que encontrei: "o que infunde ou causa terror; assustador; temível". Daí, fiquei sem entender como alguém pode ser classificado de "terrivelmente evangélico". Pior, isso colocado como se fosse algo que merecesse ser considerado como virtude, comportamento a ser apoiado e aplaudido. Uma expressão de cunho negativo que não se ajusta ao que conhecemos como postura evangélica.

Alguém que causa terror pode ser admirado, reverenciado, aceito como uma pessoa de convivência saudável? Na minha humilde compreensão, terrível seria uma condição mais apropriada para o estado anti-evangélico. O Evangelho, na sua essência, nunca será uma mensagem que assuste, cause temor, e sim de prática da justiça, da ética, do amor.

Surpreende ver a indicação de um ministro para o Supremo Tribunal Federal tendo como principal referência a identificação como "terrivelmente evangélico". A interpretação e aplicação do direito constitucional não podem ser orientadas conforme regras estabelecidas por grupos sociais específicos. Mais grave ainda quando se formula uma característica ameaçadora. Porque terrivelmente? Não poderia ser apenas convictamente evangélico?

Não há dúvidas de que se espera de um julgador o comportamento de isenção, imparcialidade, justiça, lisura, honestidade, tão intensamente recomendado no Evangelho. Então, bastaria que fosse apresentado como um jurista que conhece o Evangelho, o que já nos daria a tranquilidade de que a legalidade será sempre a linha maior dos seus julgamentos. Sem proselitismo reli-

gioso ilimitado que inspire posicionamentos de intolerâncias inadmissíveis numa sociedade democrática.

A opção religiosa não pode ser o primeiro critério de escolha para o exercício das elevadas funções de ministro da mais Alta Corte da Justiça brasileira. Não se ignora que a palavra "evangélico" tem uma história rica de significado. Tem a ver com "a boa notícia" de Deus em Cristo Jesus. Portanto, incompatível com o termo "terrível". O sentido bíblico do que seja "evangélico", não se harmoniza com a interpretação semântica da palavra "terrível".

/// Não há dúvidas de que se espera de um julgador o comportamento de isenção, imparcialidade, justiça, lisura, honestidade, tão intensamente recomendado no Evangelho. ///

A nossa expectativa é de que o novo ministro seja alguém que conheça bem e respeite a Constituição. O fato de tratar-se de um pastor presbiteriano, não o distingue para que possa atuar com mais competência na atividade judicante que exercerá a partir de agora. Sua atuação tem que se ater a uma racionalidade estritamente constitucional, colocando suas convicções e crenças pessoais de lado, na hora do julgamento.

Se ele for, efetivamente, um bom cristão, não se revelará "terrível". Na sabatina a que se submeteu no Senado, ele próprio já destacou como inapropriada essa afirmação do "terrivelmente evangélico" quando falou: "Aqui, a Constituição é a minha Bíblia, o Brasil, a minha única religião. Juiz, no foro, cultura o direito". Ufa!!! O STF, enquanto guardião maior da Constituição, é uma instituição necessariamente afeta às limitações da laicidade. É aceitável o seu compromisso com determinada fé religiosa, mas nunca que isso seja condição preponderante nas suas ações decisórias. Que Deus o abençoe.

Artigo

Sítônio Pinto

sintoniopinto@gmail.com | Colaborador

A fonte e o ponto

A Usaid instalou água encanada em algumas cidades da Índia. Aos mais jovens, como pode ser o caso do Doutor Leitor, informo que a United States Agency for International Development foi uma das tentativas de John Kennedy para barrar o "avanço do comunismo". Esse "avanço" fazia parte da paranoia norte-americana, de quem John Kennedy era o profeta por excelência. Além da Usaid, ele criou a Aliança para o Progresso, cuja área de atuação era a América Latina, e o Corpo da Paz.

Há quem diga que a Aliança para o Progresso foi invenção do poeta Augusto Frederico Schmidt, uma espécie de assessor de Juscelino Kubitschek. O presidente Kennedy incorporou a ideia e juntou-a à Usaid e ao Corpo da Paz (Peace Corps), para "combater o comunismo". O Corpo da Paz era constituído por jovens norte-americanos, chamados de Voluntários da Paz, que prestavam serviços nos países subdesenvolvidos, ao mesmo tempo em que serviam como embaixadores, estabelecendo laços afetivos com os "nativos".

Onde andarão Sally Ann Mary Heiss, do Wisconsin, e Carolyn Kennedy Cox, da Georgia? A Guerra do Vietnam foi outra invenção de John Kennedy para "barrar o comunismo". O Corpo da Paz era uma alternativa para adiar a convocação da rapaziada para "lutar conta o comunismo" no Vietnam. Scott, que esteve aqui entre nós tocando sua gaita de boca, foi para o Vietnam e até hoje não voltou. Mas a inteligência ianque matou Kennedy também e ele ficou visto como um bom sujeito.

Kennedy não entendeu que quanto mais gastasse mais estimularia o "avanço do comunismo", pois esse esforço iria amadurecer o capitalismo nos países subdesenvolvidos - e o capitalismo é uma fase histórica necessária para o surgimento do socialismo. E Kennedy gastou rios, mares de dinheiro com a Usaid, Peace Corps e com a Guerra do Vietnam - onde morreram quatro generais e 50 mil rapazes. Fora os que morreram depois que voltaram,

acometidos de produtos usados na guerra química, como o agente laranja, o desfolhante usado também no Brasil no combate às ervas daninhas. E que matou milhões de pessoas no Vietnam, matando o meio ambiente.

Os que voltavam morriam de várias causas, inclusive de suicídio, tangidos pela neurose de guerra. Até Kennedy não voltou. O desfolhante era empregado para matar as árvores, aliadas dos guerrilheiros. Eles se escondiam na mata, e florestas foram exterminadas para acabar com esse abrigo. Noventa milhões de litros do desfolhante foram despejados de helicóptero no Vietnam, com sua letal tetracloreto de dibenzodioxina. A ditadura militar facilitou a introdução do agente laranja no Brasil.

Mas eu ia falar sobre o abastecimento d'água na Índia, feito pela Usaid. Em algumas comunidades a população pediu que desativassem o serviço, pois a água encanada estava interferindo no papel das fontes como meio de comunicação. É que as fontes serviam de veículos de notícias; era lá que as pessoas se inteiravam dos assuntos pertinentes à comunidade e ao mundo. As fontes eram o jornal e o rádio do povo. Não sei como está hoje a situação das fontes na Índia, um país que tem crescido bem mais que o Brasil e está programado para ser o terceiro do mundo.

Discute-se o alargamento de vias paralelas aos corredores de tráfego da cidade. Tempo desses, quis abordar esse assunto aqui na coluna, mas passei batido. Já li em algum lugar que essa medida não resolveu o problema do trânsito onde foi aplicada. Mas acho a medida simpática. Não resolveu por quê? Porque ataca um sintoma, em vez da causa? E o que é que isso tem a ver com os canos de Kennedy? Tem a ver porque melhora o transporte coletivo. E o ponto de ônibus é um ponto de encontro, como as fontes na Índia. O ônibus já foi um duplo meio de comunicação, não só transportando gente, mas levando e trazendo a notícia do bairro.

Fotolegenda



Foto: Renata Ferreira

Passos das gerações

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Um convite aos homens na luta contra a violência de gênero

Dia de mobilização dos homens pelo fim da violência doméstica, que acontece nesta segunda-feira, reforça debate do engajamento

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

A luta pelo fim do machismo é uma trincheira que deve ser protagonizada pelas mulheres, as maiores vítimas dessa chaga social, mas o combate pelo fim da violência de gênero é uma missão de toda sociedade, dos homens inclusive. A secretária da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba, Lídia Moura, defende que o desmonte da estrutura patriarcal que reflete numa rotina de violência de gênero passa pelo engajamento de todos. O tema volta à tona a partir do Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, que será lembrado amanhã.

Lídia Moura explica que é preciso convocar os homens para o processo de engajamento e a data, conhecida pela Campanha do Laço Branco, é uma iniciativa que aproxima os homens da compreensão dos problemas do machismo. “É fazer um diálogo franco, porque o machismo e a misoginia afetam as mulheres, mas também afetam a vida dos homens. Queremos trazer os homens para esse debate e dizer que, como eles são metade da população, também precisam se engajar para buscarmos a civilidade, que passa pelo fim de qualquer tipo de violência contra as mulheres”, acrescentou.

A pandemia evidenciou que a presença dos homens na luta é urgente. O número de casos de violência doméstica no Brasil e na Paraíba cresceu com o isolamento social causado pela Covid-19. Enquanto no país houve um aumento de 22% nos registros em 2020, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, na Paraíba o crescimento foi menor, de 3,8%, no mesmo período.

Porém, o número frio não reflete a sensibilidade do tema, e qualquer aumento, por menor que seja, revela que estamos distantes de um mundo menos cruel para as mulheres. Por trás de cada número, uma história, muitas vezes parecida. Sandra (nome fictício), tem 29 anos, morava com seu companheiro, de 35 anos, em um apartamento no bairro do Alto do Mateus, em João Pessoa. Durante os primeiros meses da pandemia, em 2020, o companheiro passou a trabalhar em regime remoto. Estando em casa mais tempo, as brigas surgiram, as agressões verbais também, até que culminaram em uma agressão física.

“Pequenas coisas do dia a dia foram se acumulando, chegou um momento em que as coisas acumuladas foram sendo colocadas para fora e as brigas saíram do controle ao ponto de vizinhos acionarem a polícia. Fui agredida fisicamente e humilhada por

ele, que ainda me difamou no grupo de Whatsapp do condomínio e falou para ninguém se meter no nosso relacionamento. Conversei com algumas amigas sobre o caso e tomei coragem para sair do apartamento”, comentou a jovem.

Sandra voltou para a casa da família, na cidade de Bayeux, e conseguiu encerrar o ciclo de violência, mas colocar o fim nesse processo não é fácil. Lídia Moura, secretária da Mulher e da Diversidade Humana, comenta que muitas mulheres vítimas da violência doméstica não têm para onde ir, ou ainda guardam sentimentos pelos companheiros e por isso acreditam em uma mudança de comportamento, se fechando no ciclo. Conhecendo a realidade das vítimas e, sobretudo, dispondo do aval para implementação de políticas públicas, a secretária relata que várias ações foram implementadas em decorrência da elevação da violência doméstica.

“É fazer um diálogo franco, porque o machismo e a misoginia afetam as mulheres, mas também afetam a vida dos homens, por isso queremos trazer os homens para esse debate”



Foto: Agência Brasil

Número de casos de violência doméstica cresceu com o isolamento social causado pela pandemia de covid-19

+ Ampliação da Patrulha Maria da Penha

“Ampliamos a Patrulha Maria da Penha da Polícia Militar para circular por 24 horas no perímetro das mulheres que tinham medidas protetivas. Além disso, juntamente com o Instituto Avon, ampliamos o acolhimento na Casa Abrigo mantida pelo Governo do Estado para receber também mulheres que não eram somente vítimas de tentativas de feminicídio e também fizemos a segunda etapa da Patrulha Maria da Penha para Campina Grande, ampliando a cobertura para 60 cidades”, listou Lídia Moura.

Para a data do Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres, a secretária promove uma conversa ao vivo, dentro da programação dos 16 + 5 dias de ativismo no combate à violência contra as mulheres, com um instituto que trabalha na convocação de homens no processo de engajamento dessa trincheira. A secretária reforça que todas as ações implementadas surtiriam efeito, tendo em vista que todas as mulheres protegidas pela patrulha não foram vítimas de feminicídio ou de tentativas.

Além das ações diretas, a Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana

desenvolve ações indiretas, apoiando a rede de apoio feita por instituições não-governamentais que atuam no combate à violência de gênero, bem como estimulando políticas públicas junto aos municípios paraibanos. “Fomentamos as políticas junto aos municípios por meio do Fórum de Gestoras Municipais. Temos em curso o selo Prefeitura Parceira das Mulheres, que estabelece pontuações para que os municípios desenvolvam políticas para as mulheres”, acrescentou a secretária.

Observando os dados mais recentes por outra perspectiva, o aumento dos casos também representa um maior encorajamento das mulheres, que têm denunciado mais os casos de que são vítimas. O encorajamento passa, principalmente, pela condição de não se sentir sozinha e entender que outras mulheres passam pela mesma situação e muitas delas conseguiram superar aquela condição buscando o caminho legal. Taty Valéria, militante feminista e editora de conteúdo do portal Paraíba Feminina, reforça o papel de aproximação que os meios digitais exercem no processo de empoderamento das mulheres.

CAMPANHA LAÇO BRANCO

■ O Laço Branco é uma campanha internacionalmente conhecida que existe há 24 anos no Canadá depois que o jovem Marc Lepine, de 25 anos, entrou armado numa escola de Montreal e atirou contra 14 mulheres sob a alegação de que odiava feministas. Marc suicidou-se logo em seguida e deixou uma carta com uma lista de 19 feministas que ele pretendia matar. Desde então, homens canadenses lançaram a campanha para mostrar ao mundo que, apesar de existirem aqueles que agridem mulheres, há também os que repudiam e não se calam diante da violência.

■ Atualmente a campanha tem adesão de 50 países em todos os continentes: Índia, Japão, Vietnã, Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Espanha, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Namíbia, Quênia, África do Sul, Marrocos, Israel, Austrália e Estados Unidos. No Brasil, o lançamento oficial da campanha foi realizado em 2001.

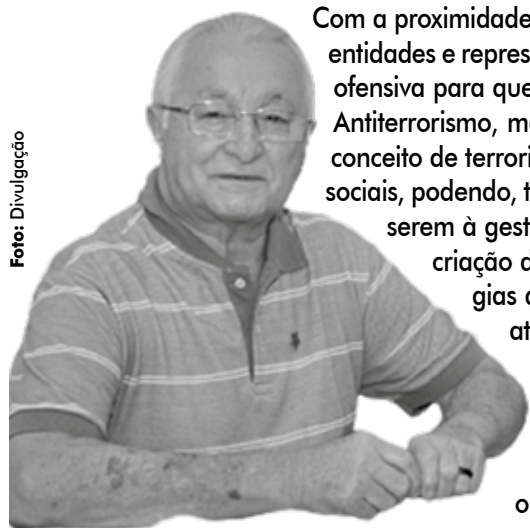
UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

LEI ANTITERRORISMO: PARA OPOSITORES, PROPOSTA QUER CRIMINALIZAR AÇÕES DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Com a proximidade de o Projeto de Lei 1595/2019 ser apreciado no plenário da Câmara dos Deputados, entidades e representantes de movimentos sociais, em conjunto com políticos de oposição, iniciaram uma ofensiva para que a matéria não entre em pauta. Originalmente, a proposta pretende endurecer a Lei Antiterrorismo, mas os críticos afirmam que isso é uma espécie de cortina de fumaça para ampliar o conceito de terrorismo, de modo a criminalizar ações típicas de organizações sindicais e de movimentos sociais, podendo, também, dar legalidade a atos de perseguição contra adversários políticos que se opuserem à gestão Bolsonaro. Entre outros pontos considerados questionáveis, o projeto estabelece a criação de uma estrutura de vigilância do Estado, sem controle civil, com a adoção de estratégias de monitoramento e infiltração de agentes com o intuito de, supostamente, combater atos terroristas. O problema está no conceito de terrorismo que se quer abarcar. “Na prática, querem é criar uma possibilidade jurídica de criminalização dos movimentos sociais e enquadrar isso como terrorismo”, acusa o deputado Paulo Pimenta (PT-RS). Para o deputado Frei Anastácio (foto, do PT-PB), “na verdade, esse projeto tem uma missão autoritária: dar poderes ao governo para vigiar, controlar e até punir quem se opuser a ele. É um braço do resqúicio da ditadura militar”.

Foto: Divulgação



“É UM PROJETO FASCISTA”

Frei Anastácio alerta que o Projeto de Lei 1595/2019 permite a criação de uma polícia secreta, que “terá uma missão clara, que é a de perseguir os opositores do governo, como aconteceu durante a ditadura militar. A democracia brasileira não permitirá esse retrocesso. Espero que os congressistas não votem a favor desse projeto fascista”.

NÃO GEROU ENTUSIASMO

O deputado Cabo Gilberto voltou a ocupar espaços em emissoras de rádio para reafirmar que é pré-candidato a governador e que espera conseguir o apoio de Bolsonaro. O problema é que até agora nem o PL, seu futuro partido, endossou sua postulação. E outras legendas de oposição não se entusiasmaram com a candidatura dele.

TEM OUTRA PRIORIDADE

Presidente do PTB na Paraíba, Nilvan Ferreira não descarta ser candidato a governador se essa for uma decisão dos integrantes da legenda – está confirmada reunião, na terça-feira, quando, de acordo com ele, será definida a participação da legenda na eleição. Porém, analistas políticos afirmam que o foco dele é outro: cuidar de uma pré-candidatura a deputado federal.

SITUAÇÃO É CRÍTICA

A pesquisa Istoé/Sensus, divulgada na sexta-feira, corrobora que a situação eleitoral de Bolsonaro em 2022 é crítica. Isso é demonstrado não somente pelo resultado que daria vitória a Lula no primeiro turno, com 50,8% dos votos válidos. Num cenário hipotético de 2º turno, o presidente perderia para Ciro Gomes (38,7% a 34,5%) e Moro (36,1% a 30,8%).

CONTRA O DESMATAMENTO

Ex-ministros do Meio Ambiente enviaram carta ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, pedindo a realização de debate sobre pautas ambientais, antes da apreciação de projetos em tramitação, como o de licenciamento ambiental (PL 2159/21) e o de regularização fundiária (PL 510/21). Consideram que eles afrouxam a legislação e permitem o agravamento do desmatamento.

AMAZÔNIA: ÁREA DESMATADA CORRESPONDE A ALAGOAS E DF

Na carta, os ex-ministros, entre os quais Marina Silva, Gustavo Krause e José Sarney Filho, informam dado alarmante: “Desde 2019, já perdemos 34.125 km2 da Amazônia. Essa extensão corresponde à soma do Estado de Alagoas e do Distrito Federal, em apenas três anos. Nesse período, perdemos 1,9 bilhões de árvores e aumentamos nossas emissões de CO2 em 2 bilhões de toneladas”.

João Modesto,
endocrinologista

“A alimentação é fundamental para a qualidade de vida do diabético”

Tratamento nutricional deve ser individualizado, respeitando-se as características de cada paciente

Luiz Carlos
lulaip@gmail.com

O portador de diabetes, seja do tipo 1 ou do tipo 2, tem que viver permanentemente atento a uma série de fatores para controlar os níveis de açúcar no sangue, especialmente mudanças no estilo de vida, que vão do comportamento à alimentação adequada, além da terapia com medicamentos. Para o endocrinologista João Modesto Filho, “Por ser uma doença sistêmica com repercussões em todo o organismo, todos esses tópicos se enquadram nos avanços. Temos que buscar um bom controle glicêmico pois é uma prioridade indiscutível”, enfatiza. Nessa conversa com **A União**, João Modesto destacou que o diabetes está quase sempre

associado à obesidade, que “é uma doença universal, de prevalência crescente, proporções epidêmicas, sendo um dos principais problemas de saúde pública da sociedade moderna. Ela aumenta risco de inúmeras doenças crônicas como diabetes, dislipidemias, doenças cardíacas e cerebrovasculares, neoplasias, doenças articulares, esteatose hepática, apneia do sono, etc.” Ele revela também que muitos paraibanos não estão atentos para o perigo que alguns alimentos representam para a doença e alertou: “Na realização do Censo Brasileiro do Diabetes realizado em 12 capitais do país, constatou-se que cerca de 21% dos diabéticos de João Pessoa faziam uso de açúcar refinado, o que contribuía para o controle insatisfatório da doença”

“Uma perda de peso moderada (5 a 10%) melhora o controle glicêmico, reduz o risco de doença cardiovascular e retarda o diabetes”



Foto: Ortilo Antônio

Segundo João Modesto, quando há o diagnóstico do diabetes, é preciso interferir em todas as possibilidades que elevem a glicose no sangue e a terapia medicamentosa tem um papel decisivo para reverter caminhos metabólicos, devendo-se escolher qual a melhor terapia para determinada pessoa

A entrevista

Que avanços podem ser destacados hoje no tratamento do diabetes?

Os avanços abrangem os mais variados tópicos relacionados ao diabetes, como os ligados às mudanças no estilo de vida, como adequação dietética e combate ao sedentarismo, as novas drogas para o tratamento, sejam substâncias em forma de comprimidos ou injetáveis, as extraordinárias conquistas tecnológicas, como a melhora das bombas de insulina, os utensílios atuais para avaliação glicêmica e os estudos direcionados à cura do diabetes.

O maior desenvolvimento no tratamento traz avanços no campo do remédio, da aplicação do hormônio da insulina ou na opção por uma alimentação ideal para os portadores da doença?

Por ser uma doença sistêmica com repercussões em todo o organismo, todos esses tópicos se enquadram nos avanços. Temos que buscar um bom controle glicêmico, pois é uma prioridade indiscutível. Este objetivo é alcançável com a participação do paciente e o arsenal terapêutico que temos. O ponto principal é a motivação para mudar o comportamento, tanto em termos de alimentação, quanto de atividade física. Faz-se necessário um reequilíbrio alimentar realista e personalizado, atentando para não haver excessivamente restrições estritas para não correr o risco de abraçar frustrações e transtornos alimentares. Algo a ser buscado é criar mudanças na dieta para mantê-la a longo prazo, restaurando a regulação fisiológica do apetite e trabalhando as sensações alimentares.

Na verdade, parece que sempre comemos mais do que precisamos?

A adoção de um plano alimentar saudável é indiscutível,

ou seja, a atenção nutricional é fundamental para o controle metabólico e a melhora na qualidade de vida do Diabético. É importante lembrar que toda terapia nutricional deve ser individualizada, respeitando o estágio da vida em que a pessoa se encontra, seu estado nutricional, as morbidades associadas, a presença ou não do desequilíbrio metabólico e/ou tratamento medicamentoso.

Há possibilidade de, num futuro próximo, os diabéticos não precisarem mais furar o dedo para medir a glicemia?

Hoje já dispomos de dispositivos, como os sensores que são colocados usualmente no braço e que fazem a medição da glicose a cada 5 minutos durante duas semanas. A “furada” no dedo fica restrita para determinadas ocasiões para calibração do aparelho. Mais recentemente foi lançado o aparelho “Eversense - Continuous Glucose Monitoring System (CGM)” que é um sistema implantável de longa duração atualmente autorizado (por 90 dias nos Estados Unidos e 180 dias na Europa). Um estudo multicêntrico - Promise - foi projetado para avaliar esse novo sistema em pessoas com diabetes por um período de 180 dias.

Há uma associação direta entre o diabetes e a obesidade?

Sim. A obesidade é uma doença universal, de prevalência crescente, proporções epidêmicas, sendo um dos principais problemas de saúde pública da sociedade moderna. Ela aumenta risco de inúmeras doenças crônicas como diabetes, dislipidemias, doenças cardíacas e cerebrovasculares, neoplasias, doenças articulares, esteatose hepática, apneia do sono, etc. inúmeros estudos têm demonstrado a relação direta entre aumento da obesidade e aumento do diabetes. Estudiosos sinalizam que pelo menos três grandes itens agredem

o organismo humano: sedentarismo, poluição do meio ambiente e alimentação industrializada.

Como o senhor vê a cirurgia metabólica, que trouxe uma série de benefícios especialmente no que diz respeito ao controle da glicemia?

A cirurgia metabólica tem-se mostrado como um dos grandes avanços no tratamento da obesidade e, conseqüentemente, de inúmeras comorbidades relacionadas, como diabetes, hipertensão, dislipidemias, etc. Por exemplo, para obesidade grave a cirurgia é mais eficaz a médio e longo prazo do que o tratamento médico tradicional e deve ser bem preparada e bem seguida em nível multidisciplinar.

Por que é tão importante para o paciente evitar a ingestão de carboidratos?

Esse é um item que precisa ser bem esclarecido. Em primeiro lugar, o planejamento alimentar tem que levar em conta as preferências individuais e as necessidades metabólicas de cada paciente e deve ser explicado para o mesmo que isso é um tratamento e implica em mudança de estilo de vida. Na realidade, não se tem um consenso a respeito da melhor dieta para o diabético. Deve-se estar atento para a quantidade e ao tipo dos macronutrientes, principalmente os carboidratos. Existe o chamado índice glicêmico onde se procura ver o efeito que determinado tipo de carboidrato exerce sobre a glicose do sangue, como também temos a contagem de carboidratos; ambas são estratégias usadas no manejo dietético do diabético. A Sociedade Brasileira de Diabetes recomenda cerca de 50% do valor calórico total composto por carboidratos, principalmente os complexos. Procura-se buscar o peso saudável incessantemente, tendo-se em vista que a obesidade

aumenta a resistência à insulina e dificulta o controle do diabetes. Uma perda de peso moderada (5 a 10%) melhora o controle glicêmico, reduz o risco de doença cardiovascular e pode prevenir ou retardar o desenvolvimento do diabetes nos pacientes tidos como intolerantes à glicose.

Algum tipo de carboidrato é mais nocivo do que outro? Há alguma classificação?

Os carboidratos simples (por ex. o açúcar comum) são rapidamente absorvidos no trato gastrointestinal e elevam rapidamente a glicose sanguínea; os carboidratos complexos (por ex. alimentos integrais) têm uma absorção mais lenta e não elevam rapidamente a glicemia. Nesse sentido, a preferência deve ser pelos carboidratos complexos.

Açúcares como os das frutas, mel, rapadura, mascavo também fazem tanto mal ao diabético quanto os refinados?

Os carboidratos do mel, rapadura, mascavo, refrigerantes, açúcar refinado são carboidratos simples e como são rapidamente absorvidos, produzem mais precocemente uma sensação de fome. Possuem alto ou moderado valor de índice glicêmico e devem ser evitados pelos diabéticos e por quem deseja emagrecer. Na realização do Censo Brasileiro do Diabetes realizado em 12 capitais do país, constatou-se que cerca de 21% dos diabéticos de João Pessoa faziam uso de açúcar refinado, o que contribuía para o controle insatisfatório da doença.

É possível controlar os níveis de glicose no sangue apenas com o cuidado redobrado com a alimentação?

Cada caso é um caso e existem estudos mostrando que mudanças no estilo de vida, diga-se alimentação saudável e prática,

de atividade física, podem retardar o aparecimento do diabetes nas pessoas pré-diabéticas. A tendência atual é de que, quando temos o diagnóstico do diabetes, precisamos interferir em todas as possibilidades que elevem a glicose no sangue. A terapia medicamentosa tem um papel decisivo para reverter caminhos metabólicos, devendo-se escolher qual a melhor terapia para determinada pessoa. Não podemos pensar em tratar a doença e sim uma pessoa que por vários mecanismos tem a sua glicose elevada.

Qual a importância do exercício físico para o controle da glicemia?

O exercício físico é um dos pilares do tratamento do diabetes. A atividade física regular melhora a sensibilidade à insulina, o controle glicêmico e reduz fatores de risco cardiovascular, como hipertensão e dislipidemia. O condicionamento aeróbico reduz ainda o risco de doença cardiovascular. A orientação prévia é de que a atividade física deve ser precedida de uma avaliação cardiovascular, particularmente nos diabéticos com idade superior a 35 anos de idade.

A que sintomas uma pessoa deve estar sempre atenta em relação ao diabetes?

A presença de sintomas pode ter relação com os níveis de açúcar no sangue. Glicemias pouco elevadas não costumam apresentar maiores sintomas. No entanto, glicemias elevadas podem desencadear sintomas como urinar muito, tomar muita água e perder peso. Essas manifestações são mais vistas no diabético tipo 1 que apresenta início abrupto.

Quais as diferenças entre os tipos 1 e 2 do diabetes?

Embora ambos os tipos possam surgir em qualquer idade, usualmente o tipo 1 acomete mais

crianças e adolescentes, enquanto o tipo 2 costuma apresentar-se mais comumente a partir dos 30-40 anos de idade. Por isso, antigamente eram conhecidos como diabetes infantojuvenil e diabetes do adulto. Saliente-se que o tipo 2 é o de maior prevalência, acometendo cerca de 90% de todos os casos de diabetes, enquanto cerca de 10% são do tipo 2. O tipo 1 costuma aparecer de forma abrupta com perda de peso, urina em abundância e ingere muita água. Já o tipo 2 pode ser silencioso e ser descoberto em exames de rotina.

O senhor é otimista em relação a uma solução definitiva de controle ou até mesmo de cura para o diabetes?

Os progressos na imunologia, na genética e na farmacologia tem mostrado que investigações e intervenções terapêuticas mostram que medicamentos e técnicas em busca de uma possibilidade de cura. Transplantes de ilhotas do pâncreas, terapia gênica/células tronco, estudos imunológicos, e outros avanços reacendem a esperança para uma solução definitiva do Diabetes. Por outro lado, um novo campo de estudos está em franca expansão, qual seja a diversidade e riqueza da microbiota. No homem, estudos têm comprovado que o excesso de peso, Diabetes tipo II e hipertensão arterial estão associados a uma diminuição da Akkermansia muciniphila, bactéria presente na microbiota intestinal, enquanto que uma microbiota rica nessa bactéria tende a ter IMC baixo, marcadores hepáticos diminuídos menos resistência à insulina. A Metformina, possivelmente a droga mais usada no tratamento do diabetes, modifica a composição e função da flora intestinal e trabalhos especiais estão sendo desenvolvidos no sentido de saber como a restauração da microbiota intestinal contribuirá para o controle do diabetes.



Foto: Allysson Macário



Prefeitura deve concluir trabalho de instalação da iluminação natalina nos bairros de João Pessoa até o próximo dia 10 de dezembro



Fotos: Roberto Guedes

Luzes de Natal enfeitam ruas, praças e casas de João Pessoa

Iluminação natalina das árvores e prédios é uma tradição que simboliza o nascimento de Jesus Cristo e surgiu no século 18

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Dezembro chegou, muitas casas já estão iluminadas e a cidade começa a entrar no clima natalino. Pontos comerciais, vias públicas se enchem de luzes coloridas que simbolizam o período das festas de final de ano. Mas, essa decoração não representa apenas um mero acender de luzes. Existe um enredo por trás do surgimento da tradição. A história conta que muito antes da invenção das luzinhas de Natal, eram utilizadas velas para enfeitar as árvores e o sentido era fazer uma alusão ao nascimento de Jesus. O problema é que elas causavam incêndios com frequência e houve a necessidade de substituí-las por uma forma mais segura de lembrar o Natal.

“As velas eram acesas por ‘significarem a luz de Jesus’”, disse John Hanssen, colecionador de antiguidades relacionadas com o Natal e membro do *Golden Glow of Christmas Past*, uma organização internacional focada na história do Natal. No texto “A histórias das luzes de Natal”, é contado que o uso das velas foi inspirado em um ritual pagão dedicado aos deuses ancestrais e elas serviam para celebrar o retorno da luz do sol.

A árvore de Natal teria sido levada para as casas no século 18, no início da Alemanha moderna. “Naquela época, as velas eram coladas com cera derretida nos galhos de árvore ou presas por alfinetes. Por volta de 1890, os castiçais foram usados pela primeira vez para velas de Natal. Entre 1902 e 1914, pequenas lanternas e bolas de vidro para segurar as velas começaram a ser usadas”, diz o texto.

As primeiras luzes elétricas

Velas

Antes de serem utilizadas lâmpadas, já havia a tradição de acender velas para representar o Natal

de Natal datam de 1880, mas no início elas não deram muito certo. Os inventores foram Edward H. Johnson, amigo e sócio

de Thomas Edison, o inventor da lâmpada. Foi Edward quem criou o primeiro fio de luz elétrica e, durante o período natalino de 1880, amarrou os fios do lado de fora do seu Laboratório Menlo Park. As pessoas que passavam perto dali viram o primeiro visor de luz elétrica. Porém, só em dezembro de 1882, os inventores lançaram uma série de luzes elétricas de Natal. Em 22 de dezembro daquele ano, foram instaladas 80 lâmpadas vermelhas, brancas e azuis, enroladas em volta da árvore de Natal.

Apesar da novidade, mais moderna e segura, as velas continuaram sendo utilizadas porque

as luzes e a fiação eram muito caras e a maioria da população não tinha condições de arcar com os custos. Somente em 1903, o mercado começou a crescer. Foi quando a empresa General Electric começou a fabricar os kits pré-montados, conforme a Rossi.

Publicada no site Campo Grande News em dezembro de 2018, a reportagem “Luzes de Natal: a criação das lâmpadas para as festas”, de Mário Sérgio Lorenzetto, relata que em 1917, um menino de 15 anos chamado Albert Sadacca sugeriu ao pai que vendesse em sua loja de iluminação guirlandas montadas. O pedido foi feito após um incêndio que come-

çou por conta de velas natalinas suspensas em uma árvore.

O pai atendeu ao pedido e passou a vender o item com lâmpadas brancas, mas foi um fiasco. No ano seguinte, trocou o estoque por luzes coloridas e as vendas dispararam. O então presidente dos Estados Unidos, Calvin Coolidge, aderiu à novidade, colocou três mil lâmpadas no Capitólio, e assim, as luzes de Natal se tornaram tradição nos EUA e demais países ocidentais. Em 1920, o menino Sadacca fundou, com seus dois irmãos, a Noma Electric Company, que se tornou a maior empresa de luzes natalinas até 1965.

+ Iluminação especial instalada em mais de 50 bairros

Em João Pessoa, a Prefeitura iniciou a instalação e iluminação das árvores que compõem a decoração natalina. A previsão é que o trabalho seja concluído até o próximo dia 10 de dezembro, contemplando mais de 50 bairros da cidade com temas e cores variadas. Em vias como a Avenida Hilton Souto Maior; Praça da Paz, nos Bancários; e Praça Pedro Gondim, na Torre, já há adereços instalados e a Secretaria de Infraestrutura (Seinfra) realizou a instalação na Avenida Epitácio Pessoa.

A chefe da Diretoria de Iluminação Pública (Dilup), Joyce Alves, explicou que em 2021 a Prefeitura de João Pessoa está levando as árvores e a iluminação para bairros nunca contemplados. O trabalho segue uma programação diária até que todas as regiões da cidade estejam definitivamente no clima natalino.

“Planejamos um Natal diferente, com abrangência, temas diversos, luzes coloridas e itens inéditos, fazendo uma iluminação natalina bem diversificada. A Seinfra também está executando a iluminação do Natal dos

Sentimentos, projeto concebido pela Secretaria de Turismo e que faz parte da decoração de Natal desse ano”, acrescentou.

Evolução tecnológica

Em 1940, foram lançadas as *bubble-lites* ou *bubble lights*, ‘luzes de bolha’, uma das categorias antigas de iluminação natalina. A informação está no texto de Gene Teslovic, especialista na área de iluminação de Natal *vintage* e antiga, publicado no site ‘*The Golden Glow of Christmas Past*’, do qual é membro.

A Noma Electric Corporation de Nova York, dos irmãos Sadacca, só teria começado a produção em 1941, mas em razão da Segunda Guerra Mundial, só foi apresentada pela primeira vez no Natal de 1946. Desde então, conforme Teslovic, as luzes foram sendo aperfeiçoadas, passando por diversas transformações.

Simbologia religiosa

As velas que eram acesas lá no início da história significavam a luz de Jesus,

de acordo com John Hanssen, colecionador de antiguidades relacionadas com o Natal e membro do *Golden Glow of Christmas Past*. Para a Igreja Católica, as luzes, sejam velas ou pequenas lâmpadas, representam o próprio Jesus, como afirma o arcebispo da Paraíba, Dom Manoel Delson.

“A luz é, para nós, um dos símbolos que representa Jesus, que é a Luz do Mundo, o Salvador. Na tradição Católica, antes do Natal do Senhor, vivemos o Tempo do Advento, que dura 4 semanas. Neste tempo, acendemos velas que vão simbolizando este tempo de espera”, afirmou o religioso.

E acrescentou: “Quando Deus se torna homem e vem para o meio de nós, somos convidados a sermos luz também, anunciando a todos que o Salvador chegou. Então, para nós, as luzes de Natal não são meramente efeitos visuais, artigos de decoração. Ela é uma representação forte da nossa fé e carrega significados importantes para os cristãos”.

PB é um dos melhores lugares para observação astronômica

Cariri e Alto Sertão apresentam condições ideais à astronomia, com áreas longe das grandes cidades e poucas chuvas e nuvens

Sara Gomes

saragomesreporterauniao@gmail.com

A Paraíba é um dos melhores locais a céu aberto para observar objetos astronômicos no Brasil, pois apresenta condições extremamente favoráveis à astronomia, principalmente nas regiões do Cariri ao Alto Sertão. Tanto é que anualmente acontece o Encontro Paraibano de Astrofotografia (EPA) na cidade de Maturéia, escolhida para sediar o evento por estar localizada em uma das áreas mais escuras do Estado, favorecendo as observações e fotografias astronômicas. O evento é considerado o maior encontro de astrofotografia do país.

Todos os estados do Nordeste têm locais favoráveis à astronomia, afastados das grandes cidades, com pouca precipitação e baixa cobertura de nuvens. A Paraíba é privilegiada porque possui grandes áreas assim, a exemplo do Lajedo Pai Mateus, em Cabaceiras; Pedra

da Boca, em Araruna; e Pico do Jabre, em Maturéia.

O encontro, que acontece desde 2013, é voltado para astrônomos, astrofotógrafos e entusiastas da astronomia. O presidente da Associação Paraibana de Astronomia, Marcelo Zurita, explica que o evento visa promover a difusão da prática da astrofotografia através da interação entre o público iniciante e os mais experientes na área.

Em 2019, a APA promoveu prática, trilhas noturnas, palestras e um curso de iniciação à astronomia com identificação de constelações voltado a jovens e crianças na cidade de Maturéia. Além disso, os moradores presenciaram uma noite de observação pública com telescópio na praça da cidade. "É importante oportunizar a experiência de observar os astros e estrelas pelo telescópio, pois é uma forma de despertar o interesse de novos adeptos e promover o trabalho de divulgação científica da astronomia", afirmou.



Foto: Allysson Macario/Divulgação

Pico do Jabre, localizado no município de Maturéia, é um dos pontos de observação dos objetos astronômicos localizados no Alto Sertão paraibano

Radiotelescópio em Aguiar

Além de uma localização privilegiada para a astronomia, a Paraíba também tem recebido investimentos nessa área. A criação do Radiotelescópio Bingo é um exemplo disso pois representa um novo capítulo da história da astronomia no Estado. O município de Aguiar foi escolhido para a construção do radiotelescópio, por apresentar melhores condições geográficas de silêncio e baixa interferência de sinais.

Um dos méritos do Bingo é ser o primeiro projeto astrofísico liderado por cientistas brasileiros, com colaboração internacional de pesquisadores de sete países. Tanto o Radiotelescópio Bingo quanto os projetos satélites vão favorecer o crescimento da astronomia no Estado.

O radiotelescópio será fonte de conhecimento científico para pes-

quisas internacionais e também proporcionará o desenvolvimento de diversos setores na Paraíba como o turismo, educação para jovens e tecnologia. O projeto visa estudar a energia escura e também o fenômeno das rajadas rápidas de rádio a partir do céu brasileiro. A previsão de conclusão é no final de 2022.

O presidente da APA, Marcelo Zurita, ressaltou a importância desse projeto para fomentar a economia local, despertando o interesse do Estado em eventos de divulgação científica. "A APA se colocou à disposição de um dos idealizadores do radiotelescópio da Universidade São Paulo (USP) para divulgar os projetos satélites, explicando à população conhecimentos básicos sobre astronomia, já que as pessoas não poderão interagir com o radiotelescópio", declarou.

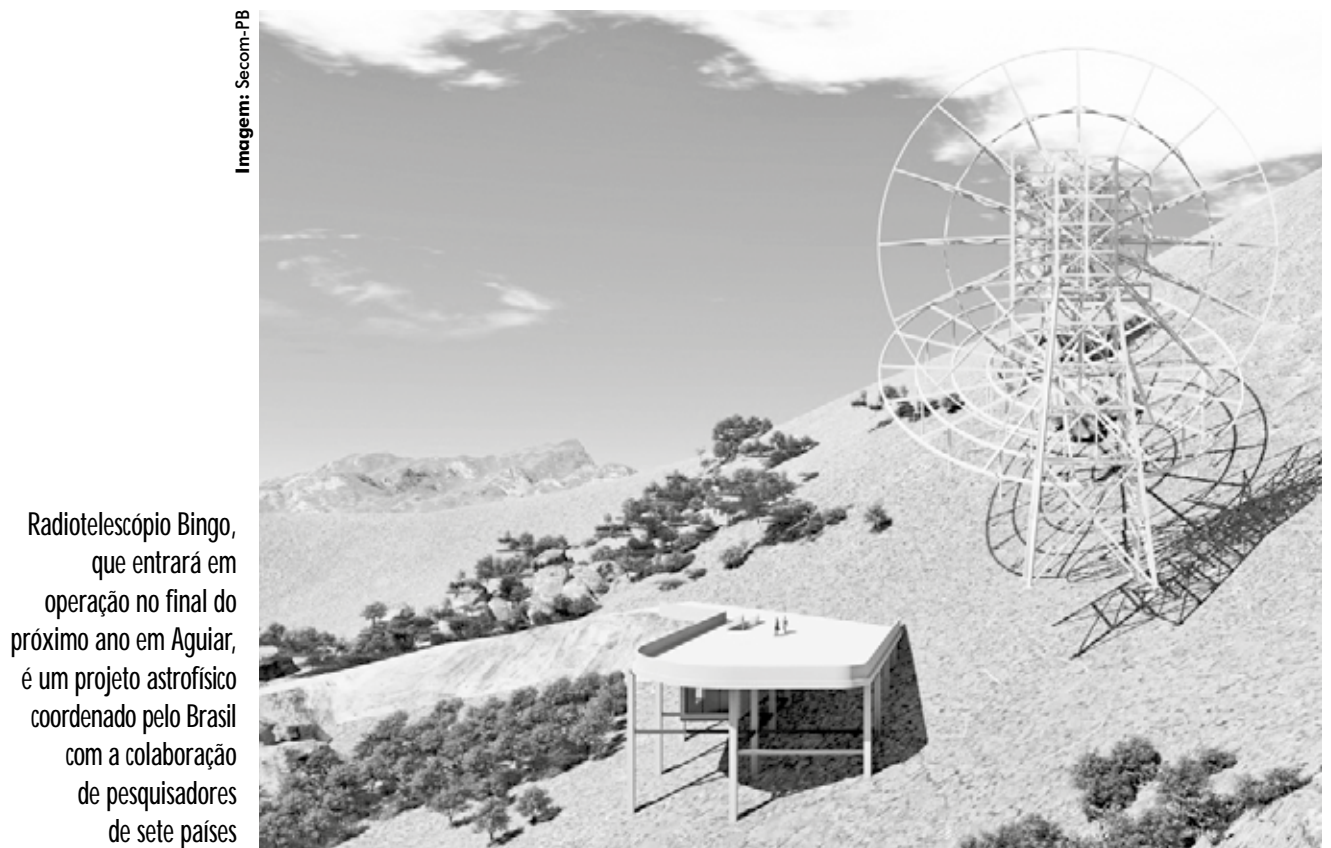


Imagem: Secom-PB

Radiotelescópio Bingo, que entrará em operação no final do próximo ano em Aguiar, é um projeto astrofísico coordenado pelo Brasil com a colaboração de pesquisadores de sete países

+ Pioneiros, observatório, projeto Apollo 11 e outras histórias

A história da astronomia na Paraíba começou em 1968, com a chegada do professor Rubens de Azevedo a João Pessoa - um dos maiores selenógrafos (estudiosos da Lua) do Brasil. O professor foi recrutando pessoas interessadas em astronomia, até que no dia 12 de fevereiro de 1968 fundou a Associação Paraibana de Astronomia (APA).

Segundo informações extraídas do artigo 'Escrito pelos astros', de autoria de Ailton de Freitas, o período mais promissor da astronomia na Paraíba ocorreu entre 1968 e 1975. Para avançar nas pesquisas, os membros construíram a cúpula do Observatório Astronômico da Paraíba, no prédio da Fundação Padre Ibiapina, na Rua 13 de Maio, Centro de João Pessoa. O interessante é que o suporte do telescópio e da cúpula do observatório foi construído com peças de um caminhão, um carro e uma moto vespa. "A implementação do telescópio destacou a associação no cenário nacional", relembrou Marcos Jerônimo, astrônomo amador que vivenciou esse período.

O boletim informativo "Astro" foi uma das primeiras criações da APA para informar as pesquisas e descobertas astronômicas feitas

pelos membros do Observatório de Astronomia Paraibano (OAP).

Marcos Jerônimo relembra que o observatório participou na observação e registro de fenômenos transitórios lunares nas missões Apollo da Agência Espacial Norte-Americana (Nasa) devido ao desenvolvimento das pesquisas por Rubens de Azevedo. "Nos registros feitos, em 1969 durante a missão Apollo 11, o professor Rubens constatou um brilho anormal em uma determinada região lunar, a cratera Aristarco, então solicitou à Nasa que confirmasse essa observação. O astronauta Edwin Aldrin, segundo homem a pisar na superfície da Lua, confirmou sua hipótese", relembrou.

Outro acontecimento marcante foi em 1970, quando a Paraíba sediou o Primeiro Encontro Nacional de Astronomia, em São Gonçalo, distrito de Sousa.

Primeira fase

Segundo informações do artigo, os anos de 1971, 1972 e 1973 foram de sucesso e reconhecimento para a APA e OAP. O Astro publicou no ano de 1972, conquistas como a elaboração de um mapa cartográfico e fotográfico da Lua, dia a dia. "Várias notícias sobre astronomia eclodi-

ram nos jornais, despertando o interesse... Veio gente da Índia, Argentina, França, etc", relatou Marcos Jerônimo.

Novas etapas

O retorno do professor Rubens Azevedo a Fortaleza, sua cidade de origem, marcou o fim da primeira fase, começando um período improdutivo na história da astronomia paraibana, entre 1975 a 1985.

Na terceira fase (1986 -1990) aconteceu a restauração das dependências do prédio do observatório e do seu equipamento do antigo Observatório Astronômico da Paraíba através

do "Projeto Ciência", mas não foi inaugurado.

De 1991 até os dias atuais, a APA realizou um trabalho mais científico e criterioso na realização de cobertura de eventos astronômicos. Atualmente, a APA encontra-se instalada nas dependências do IFPB, desenvolvendo atividades como cursos, atividades observacionais de eventos astronômicos e participado na realização do Encontro Paraibano de Astrofotografia - EPA em Maturéia. A APA também atua junto ao Laboratório de Astronomia da Estação Cabo Branco em cursos, exposições, comemorações, e observação de eventos astronômicos.



Foto: Divulgação

Cúpula do antigo Observatório de Astronomia da Paraíba construída no Centro de João Pessoa

Imperador da Astronomia

O Dia Nacional da Astronomia, comemorado na última quinta-feira, dia 2 de dezembro, surgiu em homenagem ao imperador Dom Pedro II - um astrônomo amador que acabou recebendo o título de patrono da astronomia no Brasil. Sua dedicação a esta ciência era tanta que fundou o Observatório Nacional, localizado no Rio de Janeiro.

O coordenador do Laboratório de Astronomia da Estação Cabo Branco, diretor técnico científico da APA e astrônomo amador há 52 anos, Marcos Jerônimo, explica. "O astrônomo profissional está preocupado com a teoria e desenvolvimento da pesquisa. Já o amador constantemente olha para o céu e quando surge alguma novidade comunica aos pesquisadores. A maioria das descobertas astronômicas é feita pelos astrônomos amadores pois eles apreciam a astronomia de forma prazerosa", diferenciou.

Extensionistas rurais, agentes do progresso no campo

Profissional atua junto aos agricultores com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva

José Nunes
Especial para A União

Nesta segunda-feira (6) será comemorado em todo o Brasil o Dia do Extensionista Rural. Na Paraíba, esse serviço funciona há 66 anos. Começou com as extintas Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (Ancar), depois transformada em Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater) e hoje Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão e Regularização Fundiária (Empaer), empresa vinculada à Secretaria de Estado do Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), sendo uma das principais responsáveis pela execução da política agropecuária do Governo do Estado.

A sua missão é contribuir com o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva rural, por meio da transferência de tecnologia agropecuária, social e organizacional. A extensão rural, segundo o presidente da Empaer e da Asbraer, associação que

Homenagem

O Dia do Extensionista Rural é comemorado amanhã, 6 de dezembro, em todo o Brasil

congrega as entidades de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) de todo o Brasil, Nivaldo Magalhães, tem papel fundamental de promover mudanças no meio rural. “O nosso objetivo é poder cada vez mais, por meio de um processo educativo, promover mudanças no comportamento das famílias agricultoras paraibanas, fixando-as no campo, mas de forma digna e cidadã”, disse.

O extensionista é um profissio-

nal que no dia a dia no campo está próximo aos produtores rurais, apoiando, socializando saberes, inovações tecnológicas e políticas públicas, melhorando a qualidade da produção e, simultaneamente, abrindo novas oportunidades de mercados para a comercialização dos produtos. Também cumpre um importante papel na execução das políticas públicas voltadas ao meio rural e na disseminação de alternativas para convivência com o Semiárido, sempre preocupada com a preservação do meio ambiente.

A melhoria do processo de produção passa, necessariamente, pelo trabalho dos extensionistas, desde a introdução de novas tecnologias, capacitação e troca de conhecimento, a promoção do incremento de renda, e também ao estabelecer parcerias e participação dos diversos espaços de discussão de políticas públicas.



Extensionista rural auxilia as famílias produtoras paraibanas com novas tecnologias e informações



Trabalho dos extensionistas rurais resulta em produtos de melhor qualidade que serão comercializados nas feiras e mercados de toda a Paraíba

+ Pandemia não suspendeu atendimentos

O presidente da Empaer destacou que durante a pandemia do coronavírus, seguindo protocolos sanitários, os técnicos atenderam aos produtores de forma remota, e agora retornam às atividades presenciais, igualmente seguindo todas recomendações de distanciamento.

A sua missão é contribuir com o desenvolvimento sustentável da cadeia produtiva rural, por meio da transferência de tecnologia agropecuária, social, organizacional e gerencial, buscando a melhoria da qualidade de vida da sociedade paraibana.

Ainda segundo Nivaldo, o Extensionista Rural é o profissional que colabora para garantir a qualidade dos alimentos e a educação alimentar, orientando sobre a produção de uma alimentação saudável que é levada para toda população.

O grande desafio da extensão rural é trabalhar cada vez mais para conscientizar o produtor rural, para que ele possa produzir de forma organizada e sustentável, além de se profissionalizar para poder competir no mercado. “Quero parabenizar os extensionistas rurais de todo o país, pois eles desenvolvem importante papel na busca do

fortalecimento da família rural brasileira, por meio dos ensinamentos e orientações técnicas continuadas e o acesso as políticas públicas vigentes”, disse.

Nivaldo também destacou o apoio e a ajuda financeira do Governo do Estado e das parcerias com as Prefeituras Municipais, com o Governo Federal, bancos oficiais e privados e demais órgãos públicos e privados. Integram a Empaer nove estações experimentais de pesquisas agropecuárias, espalhadas pelos municípios de João Pessoa, Sapé, Alagoinha, Lagoa Seca, Tacima, Umbuzeiro, Soledade, Itaporanga e Sousa.

Histórico

A data faz referência à criação da primeira instituição estadual de Assistência Técnica e Extensão Rural, que se chamava Associação de Crédito e Assistência Técnica de Minas Gerais (ACAR-Minas), é de 1948.

Em todo o país, atualmente, são assistidos agricultores familiares de mais de cinco mil municípios, e conta com a atuação diária de 17 mil servidores da extensão rural.

“Eles (extensionistas rurais) desenvolvem importante papel na busca do fortalecimento da família rural brasileira, por meio dos ensinamentos e orientações técnicas continuadas e o acesso às políticas públicas vigentes”

História na Paraíba começou em 1955

Na Paraíba, o serviço de extensão começou em setembro de 1955 com a criação da antiga Ancar, que funcionava em cidades: Alagoa Grande, Serraria, Guarabira e Caiçara.

A extensão rural da Paraíba assiste direta e indiretamente a cerca de 120 mil produtores, a grande maioria agricultores familiares, por intermédio de 15 gerências regionais, 222 gerências operacionais e uma gerência central, atingindo os 223 municípios paraibanos.

A força de trabalho da Empaer é composta de 1.057 servidores, sendo 817 do quadro efetivo, 212 cedidos e 28 comissionados em diversas áreas (níveis doutores, pesquisadores, superior e médio).

O 6 de dezembro foi instituído como o Dia Nacional do Extensionista Rural no dia 3 de março de 2011 pela Lei Ordinária 12.386/2011, de autoria do deputado federal Zé Silva, de Minas Gerais, que também é Extensionista da Emater-MG.



Transferência de tecnologia agropecuária, social e organizacional contribui para o crescimento das mais diferentes cadeias produtivas do meio rural



O diálogo com o homem do campo é ferramenta permanente do trabalho do extensionista rural



Fotos: Ascom Prefeitura de Aroeiras



Aroeiras: a terra da pamonha, que abastece quase toda a PB

Com produção semanal de 20 mil unidades, iguaria também é comercializada em Recife e outras cidades de Pernambuco

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Aroeiras, no Cariri paraibano, é conhecida na região como a cidade da pamonha, pois sua produção semanal de cerca de 20 mil unidades é responsável pelo abastecimento em grande parte dos municípios paraibanos. Inclusive, o produto, que é feito à base de milho, é comercializado na capital pernambucana, Recife, e outras cidades do estado vizinho.

Localizada entre riachos e serras, suas paisagens chamam atenção de quem por

lá passa, principalmente por suas características urbana e rural estarem entrelaçadas em todas as localidades do município.

Seu Roberto Marinho de Souza, 60 anos, é um exemplo de agricultor que viu na produção das pamonhas a oportunidade de ampliar sua renda. Antes, ele vivia da criação de gado, mas, há dois anos, abriu uma fábrica de pamonhas e gera emprego para mais oito famílias da cidade. “Nossa produção está sendo de mais de quatro mil, por semana. A gente vende quase tudo para a Região Metro-

litana do Recife. Levar nosso produto para outro estado é um avanço para Aroeiras”, comenta o produtor rural.

A cidade também tem sua economia complementada com a fabricação de queijos artesanais e produtos derivados do leite, no comércio local e artesanatos feitos com madeiras, tecidos e palhas de milho. Essas atividades econômicas do setor primário, juntamente com a agricultura familiar, fomentada pela tradicional feira agroecológica, são responsáveis pela geração de renda dos aroeirenses.



HISTÓRIA DE AROEIRAS

• A cidade começou a surgir no século 19, quando vários agricultores vinham vender suas produções de macaxeira (mandioca) para uma casa de farinha, do fazendeiro Antônio Gonçalves, e por lá ficavam para construir suas famílias. Nessa época, foi criada a ‘Feira de Catolé dos Sousas’, onde foi construída a primeira casa do povoado. Com o crescimento da feira foram surgindo outras residências e o povoado passou à categoria de distrito do município de Umbuzeiro, em 1911. Sua emancipação política só veio em 2 de dezembro de 1953. O nome de Aroeiras se deu quando o português, Laurentino Varehão, esteve pelo local, em 1815, e observou que nas matas existiam muitos pés de aroeiras. “Eram tantas árvores da planta que se fez nome de nossa terra”, explica o professor Dudé.



Celeiro de poetas e escritores ilustres

Por ficar entre os leitos do Rio Paraíba e Piabinha, além de barragem Acauã, que é o terceiro maior reservatório hídrico do Estado, e responsável pelo abastecimento de várias cidades da região, Aroeiras possui diversos atrativos naturais, como o Centro de Convivência Milton Mariano de Aguiar, uma ampla área de lazer para população local e das cidades vizinhas. Tem ainda o açude Epitácio Pessoa, conhecido como o açude da Serra, onde as pessoas desfrutam de banho em águas calmas.

Outro ponto de turismo rural de Aroeiras é o Serrote da Torre, que abriga inscrições rupestres de civilizações antigas e suas altas pedras permitem aos visitantes uma visão ampla do município, com um pôr do sol entre os montes da região. “Estamos sempre melhorando as estradas para permitir que o visitante possa conhecer e apreciar as belezas naturais de nosso Município, já que muitas delas ficam em áreas rurais, cercadas pelas pedras que criam paisagens de encher os olhos”, destaca o prefeito municipal César Marques.

Com pouco mais de 19 mil habitan-

tes, Aroeiras é daquelas cidades onde todos se conhecem e fazem questão de organizarem as festividades locais, como a festa da padroeira Nossa Senhora do Rosário (que ocorre sempre no mês de outubro), os festejos juninos – quando acontece o Forró do Turista – e os campeonatos de futebol.

Uma das peculiaridades da cidade é a aproximação do urbano com o rural. Para o professor de História, Iordan Queiroz Gomes, 37 anos, natural de Aroeiras, essa característica oferta diversas aprendizagens ao viver humano. “Crescer nesse ambiente de pertencimento é enriquecedor, principalmente quando a gente sai da cidade para outros centros e se depara com uma impessoalidade e distância muito grande entre os indivíduos. Aqui, vivemos em um ambiente de sociabilidade intenso”.

Entre os ilustres aroeirenses estão os escritores e poetas conhecidos nacionalmente Hildeberto Barbosa, Pedro Paulo de Andrade e Severino da Costa Barbosa (o ‘Dudé das Aroeiras’) que também é cantor e autor do hino oficial do município.



Cidade abrigou chefe do cangaço

Entre os fatos passados que os aroeirenses contam é que por muitas vezes a cidade foi abrigo de um dos cangaceiros mais famosos do país, Manoel Baptista de Moraes, mais conhecido como Antônio Silvino. Sua passagem por Aroeiras fez com que o paraibano Epitácio Pessoa, na época ministro da Justiça, enviasse tropas federais ao município, em 1910, para capturar o mais famoso chefe do cangaço que antecedeu Lampião.

“Nessa época, Aroeiras ficou conhecida em toda a região, porque guardas da presidência vieram à cidade para prender Antônio Silvino, que era bem conhecido por suas façanhas que eram consideradas criminosas.

Mas, o cangaceiro conseguiu se livrar da prisão”, conta o historiador Iordan Gomes.

Outra lembrança que orgulha os moradores da cidade é a passagem de Frei Damiano por lá. O professor José Severino da Costa Barbosa, mais conhecido por Dudé das Aroeiras, relembra que a visita do famoso padre ainda permanece bem viva em suas memórias. “O que marcou muito por ser filho de Aroeiras foi quando eu era criança e Frei Damiano passou por mim e com o seu cordão branco me mandou trocar de roupa e ir ao catequismo. Carrego dentro do peito um sentimento de muita gratidão por ter nascido aqui!”.



Foto: Divulgação

Obra reúne artigos sobre a fortuna musical de 1979

Publicação conta com autores e artistas paraibanos da MPB, a exemplo de Elba, Zé Ramalho, Cátia de França e Vandré

Gi Ismael
gi.ismael@gmail.com

No final dos anos 1970, a ditadura militar brasileira começava a se dissolver. Em 1979, chega ao fim o regime AI-5 e cidadãos exilados retornavam ao país após a assinatura da Lei da Anistia. Os artistas, afetados desde 1964 pelo conservadorismo autoritário, tinham muito o que dizer naquele ano.

Alguns dos mais relevantes discos produzidos neste período são tema do livro *1979 - O ano que ressignificou a MPB*, idealizado e organizado pelo jornalista Célio Albuquerque, e publicado pela Editora Garota FM Books.

A obra, que está em processo de financiamento coletivo na plataforma Catarse, investiga, através de 93 artigos escritos por jornalistas e artistas, o que torna a música de 1979 tão emblemática na história. "O ano de 1979 ressignificou a MPB porque deu novos conceitos para vários temas. A mulher compositora, por exemplo, ganha uma força espetacular. Fátima Guedes, Ângela RoRo, Joanna, Marluí Miranda, Cátia de França, Marina Lima, a consolidação de nomes como Joyce, Sueli Costa, Rita Lee... O feminino está no DNA de 1979", contou Célio Albuquerque. Joyce, cantora e compositora citada pelo idealizador, é também uma das colaboradoras do livro e escreve sobre *Essa Mulher*, disco de Elis Regina, cuja música-título é de autoria de Joyce em parceria com Ana Terra.

Foi a partir de conversas com amigos também especialistas em MPB que Albuquerque se atentou - mais do que nunca - à importância do ano em questão e tomou a iniciativa para montar o livro. Em 2014, Célio idealizou e publicou *1973 - O Ano que Reinventou a MPB*, uma coletânea de pouco mais de 50 textos sobre os discos da época. Em comparação, *1979* traz mais de 90 colaboradores, como Chris Fuscaldo, Mauro Ferreira, Leonardo Lichote e Cláudia Menescal. "Se a curadoria foi trabalhosa? Foi. Mas extremamente prazerosa. Quem

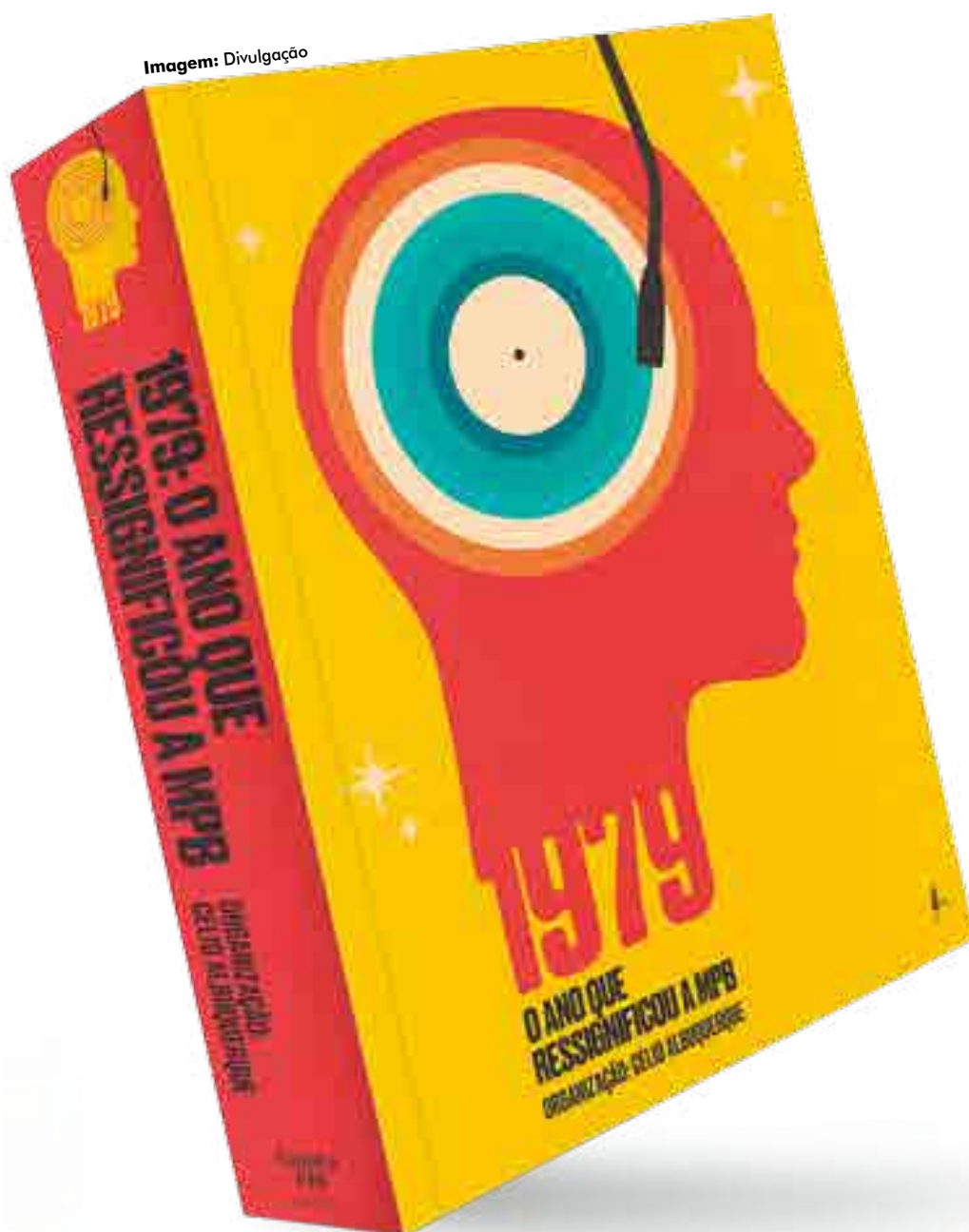


Imagem: Divulgação

entrou nessa viagem quer desembarcar nos diversos cais da música popular feita no Brasil", falou Célio.

Assim como a música brasileira demonstra década após década, o livro propõe exaltar a multiplicidade geográfica, estilística e de vivências próprias de seus autores. "Cada região do país tem sua força particular. Em 1979, diversos artistas nordestinos de peso brilharam no cenário e cada qual com sua identidade. O canto cortante de Elba, a poética nordestina/feminina de Cátia, a marcante personalidade musical de Zé Ramalho, mostram ao resto do Brasil que a Paraíba, por exemplo, era muito mais do que Geraldo Vandré, que naquele ano, com os soros da Anistia, ganhava novos signi-

ficados", disse o organizador.

Como citada por Célio, a música paraibana está presente em 1979 com discos emblemáticos de Cátia de França (*20 palavras ao redor do sol*), Elba Ramalho (*Ave de Prata*), Zé Ramalho (*A peleja do diabo com o dono do céu*) e Geraldo Vandré (disco homônimo). Este último foi o escolhido por e para o jornalista André Cananéa, gerente executivo de mídia impressa da EPC, que pela segunda vez participou de um livro organizado por Albuquerque (no anterior, 1973, Cananéa escreveu sobre o disco *A Música Livre de Hermeto Pascoal*).

"Célio me convidou para escrever para o 1973. Ele me perguntou sobre quem eu gostaria de escrever, conversamos que seria interessante algum artista do Nordeste e eu sugeri Hermeto Pascoal e o LP lançado naquele ano. Depois

desse convite, nunca deixei de falar com Célio e criamos uma amizade querida. Quando ele entrou neste projeto do novo livro, me convidou já com a proposta de escrever sobre Geraldo Vandré", disse.

Cananéa contou que seu encontro pessoal com Vandré, em 2018, quando o recluso cantor veio a João Pessoa para um show único, serviu de mote e material inicial para o artigo do livro. "De certa maneira, eu sempre acompanhei Vandré como eu acompanho os demais artistas paraibanos, com curiosidade jornalística, pesquisas... O texto que está no livro é fruto disso também. Recorri aos livros e procurei explorar os conflitos biográficos, as informações, as histórias", disse. "Gosto muito de escrever sobre os bastidores que levaram ao disco esse tipo de coisa. O texto traz isso tudo", concluiu.

Quando se fala da representatividade política da

música dos anos 1970, não tem como não citar Geraldo Vandré. Dono de um dos maiores hinos da resistência contra a ditadura, o paraibano foi uma das vítimas da censura e perseguição do autoritarismo instaurado no Brasil.

"O disco de 1979 é, na verdade, uma reedição do LP de 1966, o *5 anos de canção*, acrescentado de 'Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores (Caminhando)'", lembrou Cananéa. "A música tinha sido lançada, até então, só em formato compacto que foi apreendido pela ditadura. Nesta época, Geraldo foi banido do país e exilado. Em 1979, 'Caminhando' ainda estava viva na memória de um Brasil profundo", contextualizou.

Adiantando um pouco do que traz em seu artigo, André Cananéa afirma que o próprio Vandré ressignificou a MPB com suas ideias e a maneira como trouxe a moda de viola para a elite da MPB. "Essa

moda de viola, junto com uma estética urbana, as raízes nordestinas, essa mescla toda fez de Vandré um baluarte em vários aspectos", analisa.

Do pagode de Beth Carvalho, ao forró de Luiz Gonzaga e o rock de Rita Lee, *1979 - O ano que ressignificou a MPB* será um livro para entusiastas da pluralidade musical brasileira. Após a campanha de financiamento coletivo, caso a meta seja atingida, os livros serão publicados e as recompensas enviadas a partir de junho de 2022, com lançamento oficial para o segundo semestre de 2022.



Através do QR Code acima, acesse a campanha da obra no Catarse



Imagens: Divulgação

Da esq. para dir.: dentre os textos, há artigos sobre álbuns de paraibanos como Geraldo Vandré; Zé Ramalho ('A peleja do diabo com o dono do céu'); Elba Ramalho ('Ave de Prata') e Cátia de França ('20 Palavras ao Redor do Sol')

Foto: Divulgação



Organizado por Célio Albuquerque (acima), o livro, que terá quase 600 páginas e será lançado no próximo ano, propõe exaltar a multiplicidade geográfica, estilística e de vivências próprias de seus autores

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Sobre a morte

A crença na finitude humana não foi unanimidade ao longo do tempo. A experiência da morte variou historicamente e, se é verdade que o sentimento de imortalidade tende a acometer megalomaníacos e solipsistas, não deixa de ser curioso que se trate também da expressão do poder de classe. Os imperadores romanos ilustram bem essa ideia. Muitos se achavam e eram vistos como imortais. Ao entrarem na arena, os gladiadores os saudavam com a expressão: *Morituri moritum salutant*, isto é, “os que vão morrer te saudam”. O que deveria estimular ainda mais o ego e a estranha ilusão da imortalidade.

No ocidente, a expectativa de vida aumentou vertiginosamente. Em pouco mais de 100 anos houve um aumento médio de 145%. Em grande medida por causa da ciência moderna, do desenvolvimento técnico, melhor alimentação, da pacificação interna das sociedades, do controle de epidemias e da criação de políticas de saúde – como a implementação de sistemas de saneamento básico. Na antiguidade e na época medieval, vivíamos em média 25 ou 30 anos. As mulheres costumavam se casar precocemente, aos 12 ou 14 anos, engravidando sucessivamente até falecer. Na Europa, a expectativa de vida alcançou os 45 anos apenas em 1900. Atualmente, vários países têm média de 80 anos. No Brasil, esse número é de 75 anos.

A experiência social da morte também sofreu mudanças importantes. O sociólogo Norbert Elias defende a tese de que com o processo civilizatório a morte foi arremessada para os bastidores da vida social, deixan-

do de ser um acontecimento público. Com o interdito, se transformou em tabu. Entre os medievais, por exemplo, tal assunto era discutido em roda de conversas. Morria-se em casa com mais dor física, diga-se. Até o século 18, penas de morte e suplícios foram atrações em praça pública. Assistir a execução violenta de pessoas, portanto, já foi um pasatempo divertidíssimo.

O processo civilizador teria, então, produzido um recalçamento da morte. A relação entre as crianças e a morte é sintomática. Dificilmente os pais tratam do tema com seus filhos e raramente os levam a velórios e enterros, eventos cada vez mais privados. Em algumas cidades do interior do Nordeste, ainda é possível ver carros de som convidando as pessoas para participar de velório. Nas grandes cidades, é comum que moradores passem anos sem conhecer seus vizinhos do apartamento ao lado.

A morte na sociedade contemporânea se tornou um fenômeno solitário e privado. Nela, os moribundos são retirados do convívio familiar com certa rapidez e levados ao ambiente impessoal, burocrático e asséptico dos hospitais. Isso também acontece com os idosos, por sua condição física e por representarem simbolicamente um estorvo aos ideais hedonistas e de valorização da juventude que a nossa sociedade cultua. Os idosos são responsáveis por trazerem à tona aquela memória desagradável, indesejada, nauseante que inadvertidamente tentamos apagar. Como diria Goethe: “A morte é, de certa maneira, uma impossibilidade, que de repente se torna realidade”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

“Sem música... a vida emocional... vai morrer”

Julia Fischer (1983) é uma virtuosa violinista e pianista clássica alemã, leciona na Universidade de Música e Artes Cênicas de Munique e se apresenta em média 60 vezes por ano. Fischer afirmou: “O que é útil para uma carreira é que ela é sempre sobre a música e não sobre a carreira. Assim que um jovem músico decide por certas razões seguir uma carreira em vez de usar razões musicais, posso garantir que será – se é que o será – uma carreira curta. Eu realmente acredito que se alguém quiser passar sua vida profissional com música, ele o fará – seja como solista, membro de orquestra, professor, promotor de concertos ou agente – no fim, não tem importância. Deve-se escolher ser músico porque acredita que o mundo precisa de música e sem música a vida emocional do ser humano vai morrer. Todo o resto virá com dedicação e muito trabalho”.

Julia Fischer é de ascendência alemã-eslovaca. Iniciou os estudos de violino antes dos quatro anos de idade. Poucos meses depois, começou a receber aulas de piano da própria mãe. A escolha de estudar violino surgiu quando Julia justificou: “Minha mãe é pianista e eu também queria tocar piano, mas como meu irmão mais velho também tocava piano, achei que seria melhor aprender outro instrumento. Concordei em experimentar violino e fiquei com isso.”

Fischer sempre afirma que a educação musical de qualquer tipo deve incluir os fundamentos do piano para aumentar o próprio repertório e o conhecimento de harmonia, teoria e estilo. Aos 8 anos, iniciou sua educação formal de violino no Conservatório Leopold Mozart, em Augsburg. Aos 9 anos, foi admitida na Universidade de Música e Artes Cênicas de Munique. Quando tinha doze anos, interpretou o ‘Concerto para Violino’, do compositor e pianista alemão e Ludwig van Beethoven (1770-1827). Aos 13 anos de idade, venceu a Competição Internacional de Violino Yehudi Menuhin (1916-1999), de 1995. Noutras competições, venceu todas. Isso a fez ser convidada a ser solista em várias Orquestras do Ocidente e Oriente. Também trabalhou em orquestras alemãs, americanas, britânicas, polonesas, francesas, italianas, suíças, holandesas, norueguesas, russas, japonesas, tchecas e eslovacas. Nesses países interpretou peças de seus compositores, foram mais de 40 que se tornaram antológicas e aproximadamente



Foto: Divulgação

Segundo a violinista e pianista clássica alemã Julia Fischer, “o mundo precisa de música”

mais 60 peças de música de câmara. Pode-se afirmar que Julia Fischer interpreta – ao violino ou ao piano – uma dinâmica poética criativa e com linda originalidade técnica, de forma a extrair o drama e alegria dos temas. Venceu vários prêmios com seu violino Guaragnini 1742 e três com seu piano. Tem mais de 16 prêmios internacionais. Gravou vários CDs, que foram premiados.

A partir da frase de Júlia Fischer: “Sem música a vida emocional do ser humano vai morrer”. Pode-se fundamentá-la nos *Cursos de Estética* (1835), do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Esses cursos apresentam a convivência do fenômeno sensível da arte com a teorização filosófica, que contém os fundamentos do “belo” quanto a relação entre arte e natureza ou a arte e os diferentes momentos históricos. Os quatro volumes apresentam conceitos que tratam da estrutura das diferentes modalidades artísticas, desde a arquitetura até a poesia.

Em relação a teoria do belo na música, Hegel afirma que “a música é essencialmente pertencente ao interior da consciência. O seu conteúdo espiritual tem no “elemento” da aparição exterior e no intuir – ao qual se oferece a forma exterior – uma existência ao mesmo tempo estranha para o interior, a partir da qual a arte deve novamente extrair

as suas concepções a fim de transpô-las para um âmbito que é – tanto segundo o material quanto a espécie da expressão – para si mesmo de espécie mais interior e mais ideal. Esse é o processo dado pela música, na medida em que ela tornou o interior enquanto tal e o sentimento subjetivo de algo interior, em vez das formas intuitivas, nas suas figurações do soar em si mesmo e de forma vibrante. Contudo, a música passou para a concentração subjetiva não explicitada, cujo conteúdo encontrou – novamente – nos sons uma exteriorização simbólica. Pois, o som tomado por si mesmo é destituído de conteúdo e encontra a sua “determinidade” em relações numéricas, de modo que o elemento quantitativo do “Conteúdo espiritual” corresponde em geral a estas relações quantitativas, as quais se estabelecem como diferenças essenciais, oposições e mediações, mas, em sua “determinidade” qualitativa, não pode ser marcado completamente por meio do som. Se este aspecto não deve faltar de todo, então, a música deve, por causa de sua unilateralidade, buscar ajuda na designação mais exata da palavra e requer, para referência mais firme à particularidade e à expressão característica do conteúdo, um “texto” que forneça primeiro o preenchimento mais preciso em relação ao subjetivo, o qual é vertido por meio dos sons. Por meio deste proferimento de representações e sentimentos evidencia-se a interioridade abstrata da música como uma explicação mais clara e mais firme; mas o que é configurado por ela não é em parte o aspecto da sua representação e forma adequada à arte; e, sim, apenas a interioridade que acompanha enquanto tal. Em parte, a música se livra geralmente da ligação com a palavra, a fim de se movimentar desimpedidamente em seu próprio círculo do soar. Desse modo, separa-se o âmbito da representação, que não permanece na interioridade mais abstrata como tal, mas que configura o seu mundo como uma efetividade concreta, também livre por seu aspecto e se dá para si mesma na arte da poesia uma existência adequada à arte”.

■ Sinta-se convidado à audição do 347º Domingo Sinfônico, deste dia 5, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer interpretações da violinista e pianista Julia Fischer.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Lacet trouxe
‘Yauaretê’

Em tempos ainda difíceis, talvez nunca tanto assim, a nossa atribuição, a dos homens de boa vontade (e aí estão incluídas as mulheres), a amabilidade tem dado corda ao mundo. É preciso ser capaz de entrar nessa corda e abraçar o próximo, ainda que muitos rezelem pouco interesse.

Eu sou um peregrino dessa estrada. O juiz Adhailton Lacet Porto também tem essa sensibilidade, que começa por interrogar-se a si mesmo, ao trabalhar com crianças e adolescentes da Paraíba, mas já não somos nem crianças, nem adolescentes. Seu trabalho é notável como titular da Vara de Infância e Juventude da Capital. Mas não é sobre isso que eu quero falar.

Na ausência de luxos, no convívio com livros e discos, ele consegue se multiplicar, até na falta de orgulho do poder. Um homem que não reclama. Parece um sertanejo, embora lembre o ator escocês Sean Connery, em seu papel mais famoso no cinema, do espião James Bond. Connery foi o primeiro a interpretar o 007 no cinema. Connery está morto, Lacet vai bem mais.

Lacet tem essa exigência consigo mesmo, de quando é amigo, é pra valer. Seu trabalho como escritor dá origem a um estilo moderno e sutil, ao cultivo exasperado das coisas mundiais, a desses homens que, em algum momento, aspiram a deixar uma obra destinada à humanidade.

Seu livro de crônicas *Os Ditos do Quiçá*, lançado no Hotel Globo, no ano passado, traz um recado para que possamos refletir sobre os temas, que são muitos. Mas não é sobre isso que quero escrever hoje, muito embora tenha ficado honrado com o convite para escrever no seu livro.

Lacet tem um diálogo vivíssimo. Esteve comigo domingo passado na minha casa, com a sensibilidade mais aguçada. Ele leu um texto meu publicado aqui no jornal *A União*, sobre o disco *Yauaretê*, de Milton Nascimento, o único que faltava em minha coleção. Lacet veio com Milton nas mãos. Eu fiquei emocionado.

Isso dele, não é hoje. Quando o conheci em 1990, ao chegar ao Tribunal de Justiça, ele já sabia muito de música e literatura e, como eu não tinha grana, Lacet copiava as novidades em CD, depois em MP3. Foi ele quem me deu o disco *Bicho Baile Show – Caetano Veloso e Banda Black Rio*, ao vivo, gravado no Teatro Carlos Gomes, em 1978 – este, como o de Milton, estão fora de catálogo, duas raridades.

O que leva Lacet sempre a praticar o seu espírito de homem bom, por ter seu nome escrito nas cordas do meu coração, para além do canto das caturras de cada tempo, é que nunca lhe faltará o último momento.

Nossa amizade nunca será um carvão apagado. Recentemente, vi um amigo virar cinzas. Usamos a mão dupla e nem sei o que fiz por ele.

Seu filho Vinícius, estudou com meu filho Vítor e já estão encaminhados na vida.

Lacet não é do time do enxame, por onde passa a multidão. Olhos nos olhos.

Poderia ter sido um jornalista, desde suas mais antigas crônicas. Sempre um infiltrado na literatura e no jornalismo, ele tornou-se uma das facetas mais notáveis, mas a carreira na magistratura falou mais alto.

Sua amizade não cobra lágrimas, nada.

E o que mais? Pouco mais, quase nada. Obrigado Lacet, em nossa amizade, se precisarmos comeremos livros, as letras entre os dentes, nos farão mais fortes e que perdure a lealdade entre nós.

Kapetadas

1 – Sobre essa polêmica de ter ou não Carnaval, a única certeza que temos é que no *showmício* nas eleições de 2022, todos os políticos estarão a favor. Cambada ruim.

2 – Eu li que os Beatles são eurocêntricos, heterossexuais e cis demais para terem representatividade na atualidade. Será?

3 – Som na caixa: “Let it be, let it be, let it be, let it be / Whisper words of wisdom, let it be”, deles.

Foto: Acervo Pessoal



Kubitschek Pinheiro (D) recebendo o disco ‘Yauaretê’ do juiz Lacet Porto (E)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Os espaços, vivências e pessoas de um médico amigo de cinema

Se alguém me perguntasse, por uma razão ou outra ligada ao cinema, se as minhas ideias de representação histórica, urbana e social são hoje partilhadas com alguém, no que nos é importante como referências à nossa historiografia e, certamente, ao nosso cinema, afirmaria sem pestanejar: com o médico amigo Manoel Jaime Xavier Filho.

Não sem razão, havia anos vimos trabalhando juntos e focados naquilo que nos é verdadeiramente caro: a nossa urbanidade; digo melhor, naquilo que nos tem sido mais importante resgatar em imagens e sons de nossa cidade, cenograficamente, de seus “espaços, vivências e pessoas”. Como tão bem soube traduzir o salutar escritor Jaime em seu mais recente livro publicado pelas Edições CRM-PB/Ideia.

Dias atrás, recebia na portaria do meu prédio um envelope endereçado a mim, que sob cuidados me foi entregue de imediato. Pelo remetente, saquei logo qual seria o seu conteúdo. Mesmo porque já havia lido uma crônica na internet sobre o lançamento daquele livro. E em sendo indagado sobre o mesmo, de imediato o autor me disse pelo WhatsApp: “Alex, sou avesso ao espalhafatoso.” Sobre o quê acordamos e rimos juntos...

O livro de Jaime, *Espaços, Vivências e Pessoas*, nos leva a refletir, mais uma vez, sobre a questão do Patrimônio Arquitetônico da cidade de João Pessoa. Dessa vez, focando suas lentes nos antigos prédios abandonados, como o da antiga Faculdade de Medicina, no Varadouro. São pontos cenográficos que tanto nos preocupam, mesmo não sendo arquitetos, mas dois simples “cinemistas” – e aqui, uso um neologismo criado pelo meu netinho Arthur Luna, de 9 anos de idade (completados amanhã, dia 6,

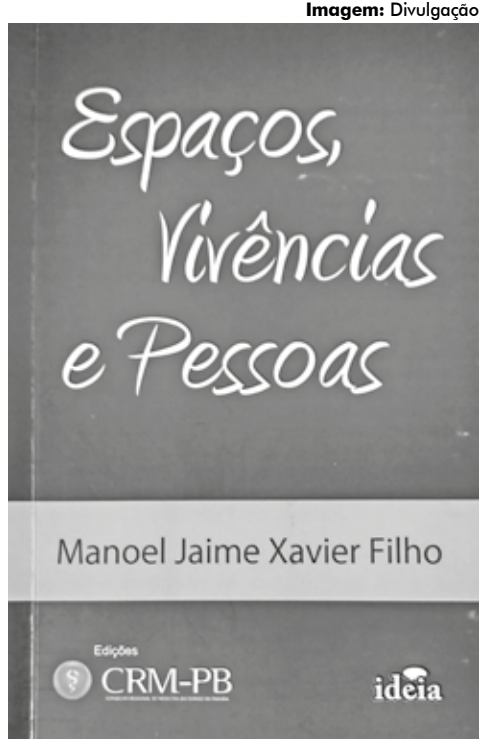


Imagem: Divulgação

Na obra, Manoel Jaime Xavier Filho revê a História da Medicina na Paraíba e a sua estrutura urbana

Dia de Santa Claus), isso quando gravávamos uma das cenas com ele, dois anos atrás, justamente nos degraus da Igreja São Frei Pedro Gonçalves, no Centro Histórico, para o audiovisual *Poltrona Rasgada*.

Pois bem, retomando o novo livro de Jaime, em alguns momentos ele nos traz preocupações bem fundadas sobre nosso patrimônio arquitetônico. Diria que sua visão urbana-literária-cenográfica é pertinente, o que nos têm dado perspectivas muito boas de resgate e de uma vigilância constante sobre a urbe em que vivemos. Vejam-se, por exemplo, alguns audiovisuais que já realizamos juntos – *Antomarchi*, *Américo - Falcão*

Peregrino, e, mais recentemente, *Poltrona Rasgada*. Em todos esses trabalhos primamos por uma cenografia citadina, envolvendo a importância dos muitos atores que nela existiram e que registramos (*in memoriam*), distinguidos que foram em suas trajetórias social, política, artística, enfim, histórica.

Apesar de tratar em especial sobre os prédios públicos ligados ao exercício médico, alguns deles atualmente em ruínas, como é o caso da Antiga Faculdade de Medicina, no Varadouro, Jaime cita a acuidade de alguns nomes que fizeram e ainda fazem a história da Medicina na Paraíba. E, de quando em vez, mostra sua verve literária, coisa que deveras adquiriu nos tempos de academia, quando da leitura obrigatória de livros, que “muito contribuirá para alicerçar a formação do futuro médico.” Dentre os autores, ele cita Machado de Assis, Liev Tolstói, Gógol, Stevenson de *O Médico e o Monstro*, entre muitos outros...

Espaços, Vivências e Pessoas, mesmo sendo um livro sobre medicina, médicos e sua arquitetura urbana, ele nos traz lances de Cultura Social, quando do capítulo Diretório Acadêmico Napoleão Laureano, à página 72 o autor nos dá algumas pistas. Talvez por isso, Jaime nos tenha premiado com atuações bem convincentes, que as descrevo pela ordem das nossas realizações: o médico em *Antomarchi*; o escritor em *Américo - Falcão Peregrino*; e o padre em *Poltrona Rasgada*.

Mas e o cinema onde se situaria nesse livro do amigo Jaime?

Mesmo não em razão da Sétima Arte, em seu conteúdo encontramos um elemento fundamental do cinema: o “espaço”, que se soma ao “tempo e ritmo”, trilogia que dá mobilidade (cinética) às imagens. – Mais Coisas de Cinema, em: www.alexasantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Marcos Tavares e Wilson Martins

Orgulho-me em ver o autor paraibano reconhecido pela crítica literária nacional, sobretudo quando essa crítica é exercida com rigor e competência, distanciada também das circunstâncias provincianas, com seus limites e mal-entendidos, entre os quais se destacam o compadrio caviloso, a inveja doentia e o ressentimento dos mediocres e dos frustrados.

Quem conhece Wilson Martins sabe do serviço que prestou à literatura brasileira em obras monumentais, atentas à dimensão histórica do fato literário e, sem concessões ocasionais, à qualidade estética dos textos em suas variadas possibilidades de gênero, técnica, forma, conteúdo e estilo.

Tenho lido sistematicamente seus *Pontos de vista*, coleção em 13 volumes, publicada em São Paulo por T. A. Queiroz Editor, 1991-1997, que reúne sua colaboração periódica na imprensa, desde 1954 até 1994, num total, portanto, de 30 anos de militância crítica. Nem é preciso dizer que se trata de obra indispensável, quer pelo valor histórico, quer pelo valor crítico e exegético, para todos aqueles que pretendem conhecer o movimento editorial e literário brasileiro ao longo do tempo.

Pois bem: aqui e ali, deparo-me com algum escritor paraibano a merecer esse ou aquele registro crítico por parte do autor de *História da inteligência brasileira*. Urge esclarecer, de saída, que o autor paraibano, aqui referido, não é aquele que consolidou seu nome na história literária e que já é reconhecido nas esferas extraprovincianas, a exemplo, entre outros, de um Augusto dos Anjos, um José Américo de Almeida, um José Lins do Rego e um Ariano Suassuna. Penso em autores que, a despeito do mérito artístico de sua dicção, ficaram conhecidos apenas por aqui mesmo, sem maiores ressonâncias lá fora, em função, é evidente, de uma série de fatores culturais que não me compete discutir agora.

É nesta perspectiva que vejo o nome do poeta Marcos Tavares, à página 269 do volume 10 dos *Pontos de vista*, em pequeno, porém justo e pertinente comentário de Wilson Martins acerca do poema *Memorial*, vencedor do Concurso de Poesia Augusto dos Anjos, realizado pela Fundação Cultural do Estado da Paraíba – Funcep, em 1978, e inserido, juntamente com os poemas dos outros concorrentes, no volume *Liga poética*, publicado pela Editora Universitária-UFPB, em 1980.

A partir de um cotejo com a poesia do paraibano maranhense José Chagas e explorando a significação do passado, presente na lírica de um e do outro, o crítico ressalta que o *Memorial* “apresenta-se como texto de grande beleza, nas mesmas linhas de espontânea integração na realidade e excelente instrumento poético”. Ao que acrescenta, como fecho do raciocínio e do paralelo entre os dois poetas: “A questão de perspectiva, no caso de José Chagas, tem no passado os pontos de fuga; no de Marcos Tavares, eles estão no futuro, mas a coincidência na natureza profunda das suas aspirações bem pode indicar o aparecimento de uma nova idade em nossa poesia contemporânea”.

Não sei se Marcos Tavares chegou a conhecer este juízo crítico, em tudo louvável e certo, vindo de uma das vozes mais isentas, em âmbito heurístico, da crítica literária brasileira. O que sei, e isto me parece de indiscutível relevância, é que o poeta do Ingá teve, em momento oportuno e em obra de referência valiosa, um leitor qualificado e tão somente preocupado com os aspectos intrínsecos do texto lírico, com os valores que enformam a substância e a forma da expressão.

Marcos Tavares concorreu, àquela época, com Lenilde Lima de Freitas, Águia Mendes e Arland de Souza Lopes, poetas de presença marcante na cena cultural do Estado. Seu poema apresenta-se em quatro partes (*De um álbum de família, Descobrimo a cidade, Sete boleros cardíacos e No Estado Novo*), e exprime bem o elemento estilístico que lhe é peculiar, ou seja, a comunicação espontânea e o poder de coação, que o vai caracterizar como um dos mais bem realizados poetas da Paraíba, principalmente se levarmos em conta a naturalidade de seu ritmo poético envolvido em fina ironia e em genuíno lirismo.

Wilson Martins não chega a citar seus versos como o faz com os versos de José Chagas, embora devesse ter feito. A “espontânea integração na realidade” e o “excelente instrumento poético”, por ele salientados, com argúcia e correção, poderiam muito bem ser provados com estes primeiros versos de *Álbum de família*: “Meus mortos estão sentados / todos, para uma fotografia. // Parados, esperam / o clic que lhes rompa a vida; / parados, antecipam a morte. // Vestidos de domingo olham / distante, um passarinho. // O agave em close / no primeiro plano. / Meu avô desfoca-se / entre a mataria. // Assim foi toda a vida / – como está na fotografia”.



APC: Zezita Matos pode chegar ao Oscar 2022

A atriz paraibana Zezita Matos, do teatro, cinema e televisão, também presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC), acaba de ser premiada como Melhor Atriz Coadjuvante em festivais brasileiros, por sua participação no filme de longa-metragem *Deserto Particular*, de Aly Muritiba.

O filme, que desde a semana passada já está em algumas telas nacionais, foi escolhido pela Academia Brasileira de Cinema e representará o Brasil na seleção do Melhor Filme Internacional a disputar o Oscar 2022.

Em cartaz

ESTREIAS

LUTAR, LUTAR, LUTAR (Brasil. Dir: Helvécio Marins Júnior e Sérgio Borges. Documentário. 12 anos). Documentário que conta a história centenária do Clube Atlético Mineiro, desde sua fundação, em 1908, até o título da Copa do Brasil de 2014, passando pela épica conquista da Libertadores de 2013. CINEPOLIS MANAIRA 8: 18h10 (somente tel.).

MISSÃO RESGATE (The Ice Road. EUA. Dir: Jonathan Hensleigh. Ação e Suspense. 14 anos). Depois que uma mina de diamantes desmorona na região norte do Canadá, um motorista de caminhão (Liam Neesom) faz o impossível para conseguir atravessar o gelo e resgatar com vida os minerados soterrados durante o acidente. Mas as condições climáticas pioram a cada minuto, tornando a missão cada vez mais difícil. CINEPOLIS MANAIRA 7 (leg.): 19h45; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 16h20; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 16h20.

MOSTRA-ME O PAI (Show Me the Father. EUA. Dir: Rick Altizer. Documentário. 10 anos). Diferentes histórias abordam a importância da presença do pai no desenvolvimento de um filho e sua identidade. Em tempos que a família tradicional cristã sente seus valores distorcidos na sociedade, um grupo religioso de reúne para trazer um paralelo entre a paternidade e a própria figura de Deus Pai, que, em suas crenças, criou cada ser humano ao seu reflexo. CINEPOLIS MANAIRA 2 (dub.): 15h50.

KING RICHARD - CRIANDO CAMPEÃS (King Richard. EUA. Dir: Reinaldo Marcus Green. Drama. 14 anos). Filme biográfico inspirado em Richard Williams, pai das famosas tennistas Serena Williams e Venus Williams. Destinado a fazer de suas filhas futuras campeãs de tênis, Richard (Will Smith) usa métodos próprios e nada convencionais, seguindo sua visão clara que construiu para as filhas Serena (Demi Singleton) e Venus (Saniiya Sidney). Determinado, o pai das garotas vai fazer de tudo para fazer com que elas saiam das ruas de Compton para as quadras do mundo todo. CINEPOLIS MANAIRA 11 - VIP (leg.): 14h10 - 17h15 - 20h20; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 20h30.

RESIDENT EVIL - BEM-VINDO A RACCOON CITY (Resident Evil: Welcome to Raccoon City. EUA. Dir: Johannes Roberts. Terror. 14 anos). Baseado nos dois primeiros jogos Resident Evil, que narram como Raccoon City passou de um pólo industrial a uma cidade agonizante do Meio-Oeste dos EUA após o surto do T-Virus que tornam as pessoas zumbis. CINEPOLIS MANAIRA 9 - MacroXE: 13h50 (dub.) - 16h20 (dub.) - 18h50 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h45 - 18h15 - 20h45; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 19h10 - 21h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 16h30 - 18h40 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 6 (dub.): 16h30 - 18h40 - 20h45.

VIGARISTAS EM HOLLYWOOD (The Comeback Trail. EUA. Dir: George Gallo. Comédia. 14 anos). Robert de Niro é Max Barber, um antigo produtor de cinema. Dado o seu último fracasso cinematográfico, Max tem a vida ameaçada por uma dívida com o chefe da máfia Reggie Fontaine. Para ganhar dinheiro e pagar a sua dívida, Max tem a “grande” ideia de produzir um filme apenas para matar o protagonista (Tommy Lee Jones) e ficar com o dinheiro do seguro. O que Max não contava era com a residência de Duke. CINEPOLIS MANAIRA 8: 13h20 (dub.) - 18h10 (leg., exceto ter.) - 20h40 (leg.); CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 18h30; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h30.

CONTINUAÇÃO

CASA GUCCI (House of Gucci. EUA. Dir: Ridley Scott. Biografia. 14 anos). Patrizia Reggiani (Lady Gaga), ex-mulher de Maurizio Gucci (Adam Driver), membro da família fundadora da marca italiana Gucci, conspira para matar o marido em 1995, contratando um matador de aluguel e outras pessoas, incluindo o terapeuta. CENTERPLEX MAG 4 (leg.): 17h20 - 20h30; CINEPOLIS MANAIRA 4 (dub.): 21h15; CINEPOLIS MANAIRA 10 - VIP (leg.): 14h - 17h30 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 20h; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 20h.

CLIFFORD - O GIGANTE CAO VERMELHO (Clifford the Big Red Dog. EUA. Dir: Walt Becker. Infantil e Comédia. Livre). Estudante do ensino médio Emily Elizabeth conhece um criador de animais mágico que lhe dá um cachorrinho vermelho. Entretanto, ela nunca imaginou acordar e encontrar um cão gigante de três metros em seu pequeno apartamento em Nova York. Enquanto sua mãe está viajando a negócios, Emily e seu tio divertido Casey vão viver uma grande aventura pelas ruas de Nova York com a chegada do novo membro da família. CINEPOLIS MANAIRA 3 (dub.): 13h40 - 16h - 18h15; CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 - 16h45 - 19h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h50 - 17h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h50 - 17h45.

DESERTO PARTICULAR (Brasil. Dir: Aly Muritiba. Drama. 16 anos). Daniel é um policial exemplar, mas acaba cometendo um erro que coloca sua carreira em risco. Sem enxergar um horizonte em Curitiba, ele parte em uma jornada à procura de Sara, a mulher com quem ele se relaciona virtualmente e por quem está apaixonado. Este encontro o transformará inteiramente e mudará o seu próprio destino. CINEPOLIS MANAIRA 8: 15h30.

ENCANTO (Encanto. EUA. Dir: Byron Howard e Jared Bush. Animação, Fantasia e Comédia. Livre). Na Colômbia, a extraordinária família Madrigal vive escondida em uma região montanhosa isolada, conhecido como Encanto. A magia da região abençoou todos os meninos e meninas membros da família com poderes mágicos, desde superforça até o dom da cura. Mirabel é a única que não tem um dom mágico. Mas, quando descobre que a magia que cerca o Encanto está

em perigo, ela decide que pode ser a última esperança de sua família excepcional. CENTERPLEX MAG 4 (dub.): 15h; CINEPOLIS MANAIRA 2 (dub.): 13h30; CINEPOLIS MANAIRA 4 (dub.): 13h45 - 16h15 - 18h45; CINEPOLIS MANAIRA 7 (3D, dub.): 14h20; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h - 16h20 - 18h45; CINEPOLIS MANGABEIRA 4 (3D, dub.): 13h50 - 16h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 16h20 - 18h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 16h20 - 18h20.

ETERNOS (Eternals. EUA. Dir: Chloé Zhao. Super-Herói, Ficção Científica e Fantasia. 12 anos). Os Eternos são uma raça de seres imortais que viveram em segredo durante a antiguidade da Terra, moldando sua história e suas civilizações ancestrais. Seguindo os eventos de Vingadores: Ultimato, uma tragédia inesperada os força a sair das sombras para se reunirem contra os mais antigos inimigos da humanidade, Os Deviantes. CINEPOLIS MANAIRA 6 (3D): 14h30 (dub.) - 16h45 (dub.) - 20h50 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 5 (3D, dub.): 14h30 - 17h45 - 21h; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 17h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 20h20; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 17h.

FESTIVAL VARILUX DE CINEMA FRANCÊS. Edição de 2021 do projeto com 17 filmes inéditos da recente cinematografia francesa premiados ou participantes de festival internacionais. CENTERPLEX MAG: horários variados: consultar o site do evento (variluxcinefrances.com/2021/cidade/joao-pessoa-pb/); CINEPOLIS MANAIRA 2: 18h - 21h (também consultar no site os filmes do dia).

GHOSTBUSTERS MAIS ALÉM (Ghostbusters: Afterlife. EUA. Dir: Jason Reitman. Fantasia e Comédia. 12 anos). Uma mãe solteira resolve se mudar para uma pequena cidade do interior com seus filhos. Ao chegar na nova casa, ainda sem saber ao certo o que vai acontecer, ela e seus filhos acabam descobrindo uma conexão com os Caça-Fantasmas originais e o que o seu avô, um dos integrantes dos Caça-Fantasmas, deixou para trás como legado para sua família. Mas nem tudo é brincadeira, com a descoberta de objetos e a chegada da casa, acontecimentos paranormais começam a acontecer e só tem um jeito de acabar com eles: chamando os Caça-Fantasmas. CINEPOLIS MANAIRA 7 (dub.): 16h50; CINEPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 21h10; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 19h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 19h45.

A SOGRA PERFEITA (Brasil. Dir: Cris D'Amato. Comédia. 12 anos). Neide (Cacau Protásio) é uma mulher de 40 e poucos anos que se separou do marido há pouco tempo e sonha em aproveitar a vida de solteira. Dona de um badalado salão de beleza do subúrbio de São Paulo, ela colocou seus dois filhos na faculdade, mas o mais novo, Fábio Junior (Luís Navarro), não dá nem sinal de sair de casa. Para enfim alcançar a tão sonhada liberdade, ela decide treinar uma funcionária para ser a esposa perfeita para seu filho. CINEPOLIS MANAIRA 3: 20h30; CINEPOLIS MANGABEIRA 2: 21h20; CINE SERCLA TAMBIA 2: 15h10; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h10.

Serviço

• Funesc [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tumbá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manairá (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Eudaldo do Egypso [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Maior biografia publicada sobre Roberto Carlos tem 928 páginas

Cada um dos 50 capítulos de 'Roberto Carlos Outra Vez' usa uma música gravada pelo cantor para abordar uma época de sua vida

Julio Maria
Agência Estado

Quinze anos se passaram desde *Roberto Carlos em Detalhes*. A biografia lançada em 2006 pela Editora Planeta, do pesquisador Paulo Cesar de Araújo, irritou o cantor, que alegou ser ele o dono e único contador autorizado da própria história, e o caso foi parar nos tribunais. Roberto exigiu que o livro fosse retirado das lojas para não seguir com um pedido de indenização e saiu da sala vitorioso.

Mesmo depois do desgaste do grupo de artistas Procure Saber, inicialmente apoiador da sanha censória contra os biógrafos, e do puxão de orelhas do Supremo Tribunal Federal, que entendeu pela liberdade irrestrita de publicações com um "cala boca já morreu!" da então ministra Cármen Lúcia, o livro segue trancado.

Mas a história, não. Depois de ter exposto a vida de Roberto por uma segunda vez, narrando os bastidores da audiência no livro *O Réu e Rei*, de 2014, Paulo Cesar volta ao *front* com a maior munção historiográfica já despendida em qualquer projeto publicado sobre Roberto Carlos. *Roberto Carlos Outra Vez*, da Editora Record, chega às lojas amanhã (dia 6).

São 50 capítulos distribuídos em 928 páginas, cada um usando uma música gravada pelo cantor para abordar uma época específica de sua vida. E fala-se aqui apenas do primeiro volume, que toma a vida de Roberto do nascimento a 1970. O próximo, com mais 50 canções que conduzirão o tempo até 2021, quando ele terá 80 anos, será lançado até o fim de 2022.

A reação de Roberto é ainda uma incógnita. Pro-

curada pela reportagem, a assessoria do artista disse que ele estava sem tempo para dar opinião por estar ensaiando para o especial de fim de ano da Globo.

Apesar dos dias ruins vividos diante de um Roberto Carlos bélico, talvez a única faceta que o biógrafo não conhecia de seu biografado até 2006, o livro que chega agora vai além do que já foi contado, estendendo passagens, revisitando notícias, incluindo histórias e trazendo novos *inputs*.

De mente forjada no pensamento acadêmico que o levou a fazer de uma tese uma publicação histórica sobre os cantores bregas perseguidos pela ditadura no Brasil com 'Eu Não Sou Cachorro Não', de 2002, Paulo Cesar de Araújo abre o livro com *insights* bem expostos, mas sobretudo saborosos.

Ele revela Roberto como o único dos grandes artistas a ter tripla formação no Brasil. Nenhum outro, segundo Araújo, conciliou os universos incommunicáveis da bossa nova de João Gilberto, do rock and roll de Elvis Presley e da música brega.

"Chico Buarque foi moldado pelo samba e pela bossa; não pelo rock nem pelo brega. Jorge Ben Jor bebeu na fonte do rock, que misturou com a bossa, porém, não com o brega", está escrito na abertura. "Raul Seixas se entendia muito bem com o diabo do rock'n'roll, e até com o brega, mas não com a bossa. Odair José também não, mas sim com o rock e principalmente com o brega".

E continua: "De Elis Regina a Waldick Soriano; de Ivan Lins a Sérgio Reis; passando por Gonzaguinha, Rita Lee, Belchior, Tim Maia, Maria Bethânia, Fagner, Carlos Lyra, Gal Costa, Sidney



Foto: Divulgação

Primeiro volume, que aborda do nascimento aos anos 1970, chega amanhã nas lojas; próximo terá mais 50 canções, que vai até 2021, e tem previsão de lançamento até o fim do próximo ano

Magal, Marisa Monte, Cazuza, Renato Russo – cada um influenciado pela bossa ou pelo rock ou pelo brega ou, no máximo, por dois desses estilos musicais".

Postura Distanciada

Existe um inescapável tom reverencial quando se analisa a dimensão social de Roberto, e ela fica inegável com o habilidoso jogo de ideias e apuração mostrando a presença de músicas do cantor em nascimentos, casamentos, cirurgias, enterramentos, assaltos e memórias de toda sorte, mas o novo *Outra Vez* se revela, além de mais profundo, mais distante do que *Em Detalhes*.

Se havia lá atrás um biógrafo por vezes declaradamente fã, agora, 15 anos e um processo depois, ele está mais implacável com o contar. "O tempo ajuda.

Além de reouvir as 141 fitas cassete com as entrevistas, percebendo falas que não havia percebido antes, pude consultar muito mais material, como as entrevistas e os livros publicados depois de 2006", diz Paulo Cesar de Araújo.

Impossível não pensar sobre o efeito contrário que Roberto Carlos provocou às próprias intenções ao brigar com a história em 2006. Agora, além do que virá no segundo calhamaço em 2022, tudo o que o incomodou, como o episódio da perda da perna em um acidente férreo, aos 6 anos, as humilhações impostas a Tim Maia e a noite tórrida ao lado da cantora Maysa, volta com mais detalhes e mais depuração. *Outra Vez* prova que Roberto Carlos brigou com o biógrafo errado.

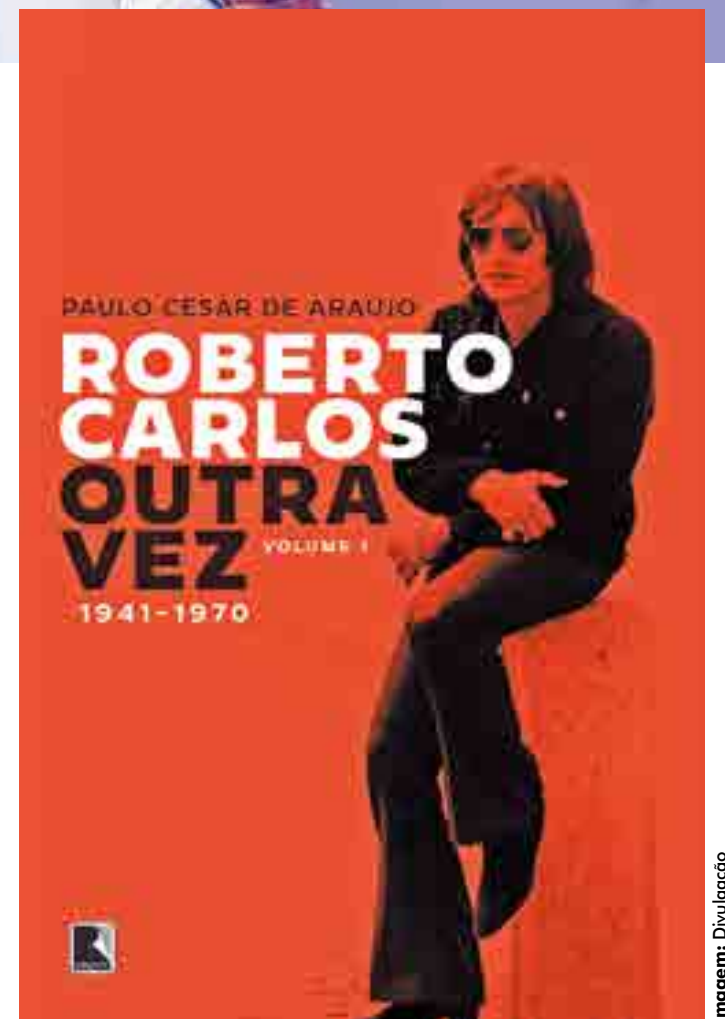


Imagem: Divulgação

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Aznavour gravou mais de mil canções

A música 'Que c'est triste Venise', com Charles Aznavour (*foto*), fez com que eu escrevesse o poema *De olhos inteiros*, lançado no meu livro *Nós - An insight*, em 2011.

A cerimônia de sua despedida aconteceu no Hôtel des Invalides, em Paris, e teve um discurso do presidente Emmanuel Macron. Imaginando seu velório, Aznavour disse numa entrevista: "Quero que seja breve, porque quando dura horas enche o saco". Afirmou ainda que não queria condolências, mas que "as pessoas estivessem felizes por estar vivas".

Aznavour – que fez mais de 1.300 canções e 80 filmes em 70 anos de carreira, tinha uma família grande, já que se casou três vezes, deixando seis filhos e muitos netos. Perto de morrer tinha um show programado para Bruxelas, na Bélgica.

Jamais esquecerei de sua música 'L'amour et la guerre', que encerrava o filme *A grande guerra*, de Mario Monicelli, exibido aqui no Cinema de Arte, do Municipal.

A seguir transcrevo meu poema *De olhos inteiros*, dedicado a Charles Aznavour e sua música:

Que c'est triste Venise
(sentimentos de um 'chansonier').
Aznavour é cantor,
se como poeta é fingidor, que seja alegre,
mesmo breve,

dando adeus à Ponte dos Suspiros, para que encontre um novo amor.

Livre, smilin' again, para que não haja morte em Veneza.

Os amores não estão mortos; se eram jovens e hoje são antigos, leio a última edição da Rolling Stone.

Museus, igrejas, praias, 'lan houses', tudo que nos leve a fazer velhos amigos.

Se é noite em Barcelona, tarde na Borborema, as portas se abrirão.

O poeta José Nêumanne, d'Uiraúna, é o sertão cosmopolita diante da novíssima era, puxada por velhos mestres.

Caros amigos, Veneza não seria beleza inútil. Aznavour olhou, fingiu a dor e cantou para que fosse até um guia de vidas extraterrestres.

Vejo gôndolas ao luar, nada de triste em Veneza.

Aschenbach ressuscitou, os malucos cantam, dançam, chegaram de Woodstock, passados quarenta anos.

O poeta potiguar Gustavo Magno, entre o papiro e a razão, prova não haver tempo, mora na filosofia, diante de olhos inteiros estão milhões de ciganos.



Charles Aznavour, falecido aos 94 anos,

conquistou fama mundial, apesar de uma voz e de um físico atípicos que não o impediram.

De 'La Bohème' a 'Que c'est triste Venise', suas apresentações no mundo inteiro continuavam reunindo milhares de fãs incondicionais que aplaudiam seus grandes sucessos melódicos sobre o amor, ou sobre a passagem do tempo.

Assim como no caso de Charles Trenet (1913-2001), a popularidade de Aznavour transcendeu idades e classes sociais, ainda que sem chegar verdadeiramente ao firmamento literário de compositores como George Brassens, Leo Ferré ou Jacques Brel.

Com frequência, ele ouviu que era muito feio, muito baixinho e não podia cantar. Mas esse gigante de 1 metro e 65, apelidado de "Aznavoice" por seus críticos – em um jogo de palavras em inglês por "has no voice" ("não tem voz") –, vendeu mais de 180 milhões de discos em oito décadas de uma longa carreira que nunca abandonou.

O Frank Sinatra francês de origem armênia se orgulhava de ter gravado os pesados discos de 78 rotações até os CDs, passando pelos LPs de vinil, que o imortalizaram. canções compostas por ele, incluindo pelo menos 70 em espanhol.

"Se algo de mim, ou do meu trabalho, deve perdurar, meus discos serão amplamente suficientes", escreveu num livro Aznavour.

Aznavour foi, antes de tudo, o embaixador da canção francesa no mundo e, nesse papel, podia cantar em qualquer idioma: espanhol, italiano, alemão, inglês, russo...

Ele fez apresentações para papas, reis e presidentes.

Em 1998, a rede americana de televisão CNN e a revista Time o coroaram "artista do século".

Quando a idade começou a lhe impor limites, Aznavour não se deu por vencido. Usava um banquinho alto e ajudava sua memória com um ponto eletrônico. E, pouco antes de sua morte, fez uma turnê no Japão.



Foto: Divulgação

CAE vota alternativas contra alta dos combustíveis na terça-feira. Para o presidente da comissão, senador Otto Alencar (PSD-BA), é preciso encontrar uma saída para os aumentos constantes. Página 14



Gestor aposta na informação para fazer prestação de contas

Número de prefeituras com aprovação do TCE-PB aumenta por causa da contratação de profissionais qualificados

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

A forma como os gestores municipais administram as suas cidades não é monitorado apenas pela população, mas principalmente pelos órgãos fiscalizadores. A questão avaliada vai além de para onde o dinheiro público vai, mas principalmente como ele é utilizado. Com isso, os prefeitos podem ter suas contas aprovadas ou não pelo Tribunal de Contas de seus estados ou municípios, mas o que os gestores têm feito de errado ao prestar contas?

Além da falta de conduta correta e legal por parte dos prefeitos, a falta de informação e de assessoria correta também é um fato importante para a reprovação. No entanto, nos últimos anos, a avaliação tem sido cada vez mais positiva na Paraíba. Seja pela maior cobrança da população através dos meios de informação e transparência, ou pelo maior investimento em profissionais do meio administrativo e jurídico por parte das prefeituras, o fato é que cada vez menos gestores têm tido pro-

blemas com as suas contas.

De acordo com a Federação das Associações de Municípios da Paraíba (Famup), cerca de 80% das prefeituras do Estado tiveram suas contas aprovadas, em levantamento realizado nos anos de 2019 e 2020. Segundo o presidente da Famup, George Coelho, isso ocorreu devido ao maior investimento por parte dos prefeitos na prestação de contas. “O índice de aprovação é muito bom na Paraíba. Hoje os gestores estão mais bem assessorados. As prefeituras estão contratando profissionais mais qualificados. Muitos têm suas contas reprovadas por falta do assessoramento mais qualificado”.

Segundo a avaliação de George Coelho, essa melhora no percentual de aprovação ocorreu nos últimos cinco anos. “Ao longo dos últimos anos mudou muito e a interação do tribunal tem ajudado. O próprio tribunal tem um sistema que faz um alerta e contribui muito para que as gestões corrijam falhas quando estão atingindo o índice de gastos”.

O procurador de contas do Ministério Público de



Além do acompanhamento pelas auditorias do Tribunal de Contas, as gestões municipais são fiscalizadas pela população através das redes sociais na internet

Contas, doutor em Direito e professor de Direito Constitucional, Marcílio Franca, ressaltou que a situação atual em volta da prestação de contas das prefeituras é positiva. “Aqui ou acolá encontra problemas, mas se ver que há uma preocupação um empenho dos prefeitos em atuarem melhor. Até porque não é só o controle do

tribunal, mas nos últimos anos houve uma preocupação grande com a questão da transparência ativa”.

Na opinião do procurador, não é apenas uma preocupação com os órgãos fiscalizadores que faz com que os gestores se empenhem, mas também a cobrança da população, que tem buscado cada vez mais informações. “Ficou

mais fácil a população cobrar uma conduta transparente, ter acesso a informação, documentos, e isso melhorou de uma maneira geral a conduta do poder público”, disse.

Uma das consequências do mecanismo do controle social é o investimento na transparência da administração pública. “Uma série de normas facilitou o acesso da

população à transparência administrativa e isso tudo favorece que as condutas sejam melhores, eficientes e econômicas. A maior parte dos municípios hoje em dia coloca as suas receitas, e folha de pagamento na internet. Essa transparência é muito positiva, essa é uma ferramenta fundamental”, completou Marcílio Franca.



Para Marcílio Franca, ficou mais fácil a população cobrar uma conduta transparente e ter acesso a informação



Segundo George Coelho, cerca de 80% das prefeituras tiveram suas contas aprovadas em levantamento de 2019 e 2020

Modelo de julgamento do TCE

O modelo de controle do TCE é dividida em duas partes, o controle das contas dos prefeitos e das contas de governo, que são julgadas de formas diferentes. As contas dos chefes do Poder Executivo das cidades se submetem a um julgamento prévio por parte do TCE, que é finalizado a partir da Câmara de Vereadores de cada município. Enquanto isso, as contas de gestão, onde são avaliadas autoridades como secretários municipais, são julgadas em caráter definitivo pelo tribunal.

“O chefe do Poder Executivo vai ser submetido a um parecer prévio. Nessa avaliação que o tribunal faz estão as grandes decisões financeiras do município. Quanto ele gastou com pessoal da receita, quanto gastou com educação, com saúde, qual foi o nível de endividamento do município, como envolve um caráter político. As contas de gestão dizem respeito a atos mais concretos da administração, o TCE vai avaliar de fato se o cheque tinha fundos, se a obra foi executada e se a pessoa nomeada prestou um concurso público idôneo”, explicou o procurador do MPC.

Os prefeitos podem ter suas contas aprovadas, re-

provadas ou aprovadas com ressalvas pelo tribunal. De acordo com dados do TCE, os cinco principais motivos que levam a reprovação de contas são: falta de recolhimento

“O chefe do Poder Executivo vai ser submetido a um parecer prévio. Nessa avaliação que o tribunal faz estão as grandes decisões financeiras do município. Quanto ele gastou com pessoal da receita, quanto gastou com educação, com saúde, qual foi o nível de endividamento do município, como envolve um caráter político”

de contribuição previdenciária; inconsistência nos instrumentos de planejamento; insuficiência de caixa; execução de despesas irregulares e irregularidades nos procedimentos licitatórios.

Já no caso de julgamento definitivo das contas de gestão, o tribunal pode, de acordo com a lei, impor uma multa ao gestor ou imputar débito, fazendo o gestor devolver ao erário o valor gasto acima do necessário.

Entre os critérios utilizados pelo TCE para fazer a avaliação está a legalidade, a economicidade da despesa pública e a eficiência do gasto público. Além de avaliar se os gastos estão dentro da legalidade, é papel do tribunal ser criterioso no que diz respeito à forma como o dinheiro foi gasto.

“Imagine se um município compra remédios para combater a Covid, tudo bem feito na lei de licitação, mas paga cinco vezes mais do que o preço de mercado, a finalidade pública foi comprometida. Ou um município qualquer que resolve fazer poços artesianos, sem nenhum cuidado, e no fim das contas é comprovado que a água está contaminada, isso não pode ser considerado um gasto legítimo. Nem sempre gastar menos ou mais é gastar melhor, hoje em dia o tribunal está preocupado em gastar melhor”, enfatizou Marcílio Franca.

Decisão de ambas as partes

Apesar do julgamento do tribunal não ser definitivo no que diz respeito aos prefeitos, a avaliação técnica é respeitada na maioria das vezes pela avaliação política realizada no Poder Legislativo. Segundo a Consti-

tuição, para as Câmaras de Vereadores conseguirem divergir da opinião do tribunal, é necessário atingir 2/3 dos votos. Ou seja, se uma Câmara tem 10 vereadores, 7 precisam concordar com a decisão contrária ao

TCE para ter validade. Na opinião do procurador, são poucas as vezes que isso ocorre. “O julgamento das Câmaras, como todo julgamento numa casa legislativa, é político e ele é válido nesse âmbito”, concluiu.

CAE vota alternativas contra alta dos combustíveis na terça

Presidente da Comissão, senador Otto Alencar, diz que é preciso encontrar uma saída para os aumentos constantes

Agência Senado

A Comissão de Assuntos Econômicos - CAE - deve retomar, na terça-feira, a votação do PL 1.472/2021, que propõe alternativas para conter a alta nos preços dos combustíveis. O projeto recebeu vista coletiva na terça-feira passada (30).

“A única coisa que a CAE não poderá fazer é se omitir e deixar de votar. O governo parece que não entende que não há mais condições do povo suportar o gás de cozinha a 10% do salário mínimo, e a gasolina custando R\$ 8, até R\$ 9. Quem está pagando a conta são as pessoas de menor poder aquisitivo. É preciso encontrar uma saída para o país nesta questão dos combustíveis” — afirmou o presidente da CAE, Otto Alencar (PSD-BA).

Para o autor da proposta original, Rogério Carvalho (PT-SE), a paridade internacional do preço (PPI) dos derivados de petróleo adotada pela Petrobras garante lucros exorbitantes a grandes acionistas da empresa, mas impacta pesadamente na inflação, e na consequente elevação da taxa de juros.

Todo esse lucro da Petrobras está sendo pago pelo brasileiro na hora de consumir o combustível, e nos ju-

ros mais elevados - reclamou.

Outro que reclama é o senador Omar Aziz (PSD-AM), para quem “o assunto é urgente e o Poder Executivo permanece de braços cruzados”.

O PL 1472 determina que os preços internos praticados por produtores e importadores de gasolina, diesel e gás liquefeito de petróleo deverão ter como referência as cotações médias do mercado internacional, custos internos de produção e custos de importação, desde que aplicáveis.

O projeto também determina que o Poder Executivo regulamente a utilização de bandas de preços com a finalidade de estabelecer limites na variação dos preços dos combustíveis, definindo a frequência de reajustes e os mecanismos de compensação. Este mecanismo determina um limite máximo para as variações dos valores do petróleo no varejo, evitando aumentos abruptos.

Fundo de estabilização

Rogério Carvalho também propôs que um sistema de bandas seja viabilizado com a criação de um fundo de estabilização nos preços dos combustíveis. No entanto, o relator Jean Paul Prates (PT-RN) retirou tal ponto por

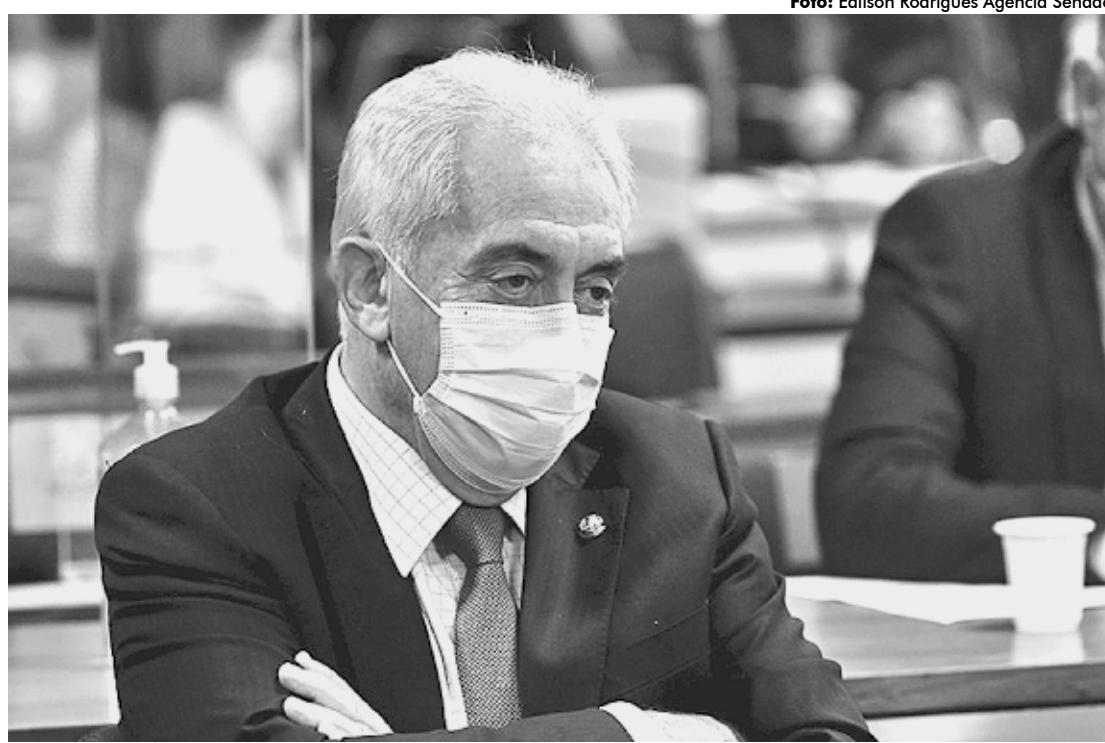


Foto: Edilson Rodrigues Agência Senado

Otto Alencar: “O governo parece que não entende que não há mais condições do povo suportar o gás de cozinha a 10% do salário mínimo, e a gasolina custando R\$ 8, até R\$ 9”

haver vício de iniciativa.

Apesar do mérito incontestável, há vício de competência legislativa do artigo que cria o Fundo de Estabilização. Razão pela qual propomos um ajuste de redação, mas mantendo o objetivo, qual seja, dispor de instrumentos de estabilização nos preços dos derivados de petróleo. Trata-se de um fundo especial de natureza contábil, e sendo assim não pode ser criado por PL de iniciativa parlamentar - explica o senador.

Também está na pauta da CAE o PLC 123/2021,

que propõe alterações ao Plano de Auxílio aos Estados e medidas de estímulo ao reequilíbrio fiscal (Lei Complementar 156), e também traz alterações ao Regime de Recuperação Fiscal dos Estados (Lei Complementar 159).

Concurso

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) deve votar, também, o projeto (PL 1676/2020) que suspende até 31 de dezembro de 2021, os prazos de validade de concursos públicos que tenham sido homologados até 20 de março de 2020. Isso

porque 20 de março de 2020 foi a data do decreto (DLG 6/2020) que reconheceu o estado de calamidade pública devido à pandemia.

Ou seja, os prazos de validade destes concursos voltarão a correr somente em 1º de janeiro de 2022, caso o PL 1676/2020 passe no Senado e depois seja sancionado. Isso porque o Programa Federativo de Enfrentamento ao Coronavírus (Lei Complementar 173) vedou aumento de despesas com pessoal até o final de 2021, prejudicando muitos aprovados em concursos por todo o país que

ainda aguardam ser chamados. O problema é que esta lei suspendeu a contagem do prazo somente até dezembro de 2020.

O projeto já passou na Câmara dos Deputados. Os autores são Israel Batista (PV-DF) e Rejane Dias (PT-PI). Em entrevista à TV Câmara, Batista explica porque entende que a proposta deve prosperar. Agora na pandemia, os estados e municípios fizeram poucas nomeações. E isso prejudicou muito os concursados que estão aguardando sua vez de ocupar uma vaga no serviço público - disse.

No limite

Senado pode analisar três medidas provisórias ainda este ano

Neste último mês de 2021, o Senado ainda pode votar três medidas provisórias que estão com seus prazos perto de expirar.

A MP 1.062/2021 tem validade até terça-feira (7), porém ainda não foi votada pela Câmara. Por meio dessa medida, o Governo Federal liberou R\$ 9,1 bilhões para o Ministério da Saúde

usar no combate à Covid-19. O montante foi destinado para o Fundo Nacional de Saúde (FNS), a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e o Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre (RS).

A MP 1.063/2021, já aprovada pelos deputados federais, tem validade até quinta-feira (9).

Ela autorizou os postos de combustíveis a comprarem álcool combustível (etanol hidratado) diretamente de produtores e importadores.

O texto aprovado na Câmara permite a venda direta aos postos também para as cooperativas de produção ou comercialização de etanol e as empresas co-

mercializadoras desse combustível. A MP 1.064/2021, por sua vez, vence no dia 15 deste mês.

Essa MP, que foi aprovada na Câmara na última quarta-feira (1º), reformula o Programa de Venda em Balcão (ProVB) da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para promover o acesso do pequeno

criador de animais ao estoque público de milho. No dia 18 de dezembro começa o recesso parlamentar.

O Parlamento retoma os trabalhos ordinários em 2 de fevereiro de 2022. Mesmo durante o recesso, o Congresso Nacional continuará em atividade - mas sem votações -, sob o comando de uma comissão re-

presentativa de parlamentares. O Senado concluiu na quinta-feira (2) a semana de esforço concentrado convocada pelo presidente da Casa, Rodrigo Pacheco. Iniciado na terça-feira (30), o plenário votou as indicações de 33 autoridades, além de aprovar a PEC dos Precatórios e a Medida Provisória que criou o Auxílio Brasil.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Peleja da alforriada no tribunal da Paraíba

Encharcada de dor, medo e incerteza, a mulher negra escrava alforriada paraibana, de Cabedelo, sentou no banco do salão de audiências do Tribunal da Paraíba e esperou cinco horas para ser atendida pelo Meirinho, antigo oficial da Justiça. O advogado dela, filho de negro e branca, apresentou demanda requerendo que Gertrudes Maria fosse considerada totalmente emancipada, após longos anos de trabalho, racionamento e fome, quando conseguiu juntar cem mil réis, saldando sua dívida com seu dono. O Ouvidor Cível da Província mandou prender Gertrudes Maria e seus dois filhos menores pelo desaforo de confrontar o Foro e ter se amancebado com um índio, união bizarra donde foram gerados cafuzos, uma espécie de insulto à etnia branca caucasiana, descendente do antigo povo ariano, ou seja, nobre. Os desembargadores da Casa de Suplicação, depois Casa da Justiça da Corte, entenderam que Gertrudes Maria não teria direito à sua carta de liberdade porque seu antigo senhor morreu sem saldar dívida com usureiro local. A escrava Gertrudes Maria entraria no

rol do patrimônio do devedor para fins de reembolso ao abutre especulador, de tez branca e formidável conceito na sociedade.

Esses fatos desenrolaram-se na província da Parahyba, no ano da Graça de 1828. A Corte de Justiça tinha o costume de abrir as sessões com a celebração de missa “para que as decisões a serem tomadas fossem presididas pelo ideal de Justiça”. Conforme doutrina e fé dos desembargadores, seria da vontade de Deus que as duas crianças, filhas da escrava alforriada e presa, fossem entregues ao impetrante como pagamento de passivo. O advogado de defesa solicitou a revisão da sentença ao Intendente de Pernambuco. O processo durou mais de dez anos, que a burocracia mora na alma da Justiça brasileira desde sua formação. Justiça antiga e pesada desde os tempos mais arcaicos, diria meu pai, o rábula Arnaud Costa. Registre-se e arquive-se que os bacharéis brasileiros aprendiam a servir às conveniências da administração colonial. Seriam advogados oligárquicos, prepotentes com os da baixa extração social. Os da parte de cima do sistema

jurídico, esses transformavam a máquina judiciária em moinho de moer pobre. Sempre foi assim. Uma escrava desafiando tal estrutura, incluindo o sistema escravagista brasileiro, não só é ocorrência digna de averbação na história das mulheres heroínas negras do Brasil, como de fato é parte substancial da longa trajetória da sociedade brasileira em sua briga por um Direito moderno e humanizado.

Gertrudes Maria saiu da cadeia e foi vender quitutes na Praça Barão do Rio Branco, no Centro Histórico da capital da Parahyba, hoje chamada João Pessoa. A ex-escrava empreendedora criou os filhos e pagou sua alforria vintém por vintém, comercializando seus doces, sentada na calçada do prédio onde até há pouco tempo funcionava a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia e a Associação do Movimento Negro e Indígena. O reitor da Universidade Federal da Paraíba mandou escorraçar as entidades dos advogados e dos negros. Tem circunstância mais simbólica? Advogados idealistas, negros e índios talvez querendo ocupar os es-

paços onde no passado não conseguiam sair do apagamento, expulsos por um burocrata cumprindo seu papel de instrumento de manutenção ideológica, em confronto com a justiça plena e igualitária.

Esses acontecidos foram narrados na rima e métrica do cordel pelo jornalista Dalmo Oliveira, no seu folheto “A peleja da alforriada no tribunal da Paraíba”, com capa e edição do xilografurista Marcelo Soares. Para Dalmo, a história de Gertrudes Maria, nascida em Cabedelo, é tema de debate desde quando se tornou ativista do Movimento Negro de João Pessoa e participava de campanhas para mudar o nome da Praça Rio Branco, no centro da cidade, pelo da ex-escravizada. “O caso de Gertrudes foi tão emblemático que se tornou paradigma no Tribunal de Justiça da Paraíba, ainda Província”, acrescentou Dalmo. Ao final, ele comove: “Não sei ao certo a gênese de minha africanidade. Dedico este cordel a minha mãe, Dalvanira Oliveira da Silva, que hoje já não sabe mais quem é e que jamais teve o direito de saber de onde realmente veio”.

William Costa
Diretor de Mídia Impressa/EPC

O papel da Imprensa Oficial da Paraíba

Com vigor criativo, veículos mantêm, também, compromisso com a promoção, divulgação e preservação da memória cultural do Estado



Fotos: Roberto Guedes

Gestores de imprensas oficiais de todo o país participaram de encontro em João Pessoa, onde discutiram perspectivas, transparência e integração do setor



A presidente da Abio, Madalena Santana (E), ao lado de Naná Garcez, presidente da EPC, participaram do encontro realizado na capital



O secretário de Comunicação do Estado, Nonato Bandeira (D), e o diretor de Mídia Impressa da EPC, William Costa, presentes no evento

É muito difícil, para nós, e creio, para qualquer outra pessoa, falar, mesmo que sucintamente, sobre o papel da Imprensa Oficial da Paraíba na promoção, divulgação e preservação da memória cultural do Estado. São tantas ações e tantos nomes, de ontem e de hoje, protagonistas desta história secular, que, com toda certeza, haverá omissões imperdoáveis, daí o caráter geral, apenas exemplificativo, desta palestra.

Ressaltamos que não se tratará aqui, por não ser da nossa competência, do braço radiofônico da Imprensa Oficial da Paraíba, ou seja, da notável Rádio Tabajara da Paraíba, com seu incrível histórico de programas de auditório, salões de debates, festivais de música e uma plataforma jornalística que sempre valorizou a cultura. Em outra oportunidade, isso certamente será feito pelo diretor da Tabajara, nosso companheiro e conhecedor da história da emissora oficial, Rui Leitão, que destacará, por exemplo, o avanço da emissora por meio das plataformas digitais.

Quem se der ao trabalho de ler um dos livros que tratam da história da Imprensa Oficial da Paraíba - este complexo industrial de comunicação, formado pelo Jornal, Editora, Gráfica e o Diário Oficial do Estado da Paraíba, agora com o acréscimo da Imprensa Braille - verá a impressionante quantidade de ações, livros, jornais, revistas e suplementos que foram produzidos, ao longo de quase 130 anos, apenas no sentido de promover, divulgar e preservar a memória cultural da Paraíba.

Muita gente não se dá conta disso, mas o Diário Oficial do Estado - hoje sob a gerência de Lúcio Falcão - também cumpre um papel importantíssimo na promoção e preservação da memória cultural, considerando-se os textos legais, nele publicados, relacionados, por exemplo, à nomeação de gestores de órgãos e criação de Fundações Culturais, Museus, Galerias de Arte etc., além dos atos referentes à realização de Feiras de Livros e Festivais de Música, de Dança e de Teatro. É a palavra oficial dando transparência e passando atestado de idoneidade e imortalidade ao ato administrativo.

Pois bem, o Arquivo de A União - hoje sob a coordenação da arquivista Ana Flor - guarda parte desta memória nas coleções de jornais, revistas e suplementos, além, claro, de livros. E disponibiliza este conjunto de bens ao público, inclusive no suporte digital. Mas é lamentável que, no decorrer da história, sucessivos governos não tenham dedicado o mesmo cuidado que ora se dispensa ao precioso acervo da Imprensa Oficial da Paraíba.

Basta dizer, a título de exemplo, que a Editora A União - atualmente conduzida pelo jornalista Alexandre Macedo - publicou milhares de livros, ao longo de sua história, e não temos, hoje, infelizmente, nem a coleção completa dos títulos publicados com o selo da casa, nem dos títulos nela impressos por terceiros, por contrato comercial. Nem mesmo a relação integral desses títulos ainda foi possível elaborar. Levantar esse catálogo é uma de nossas metas.

De qualquer modo, não poderíamos deixar de citar títulos históricos da Editora A União, como: Descrição Geral da Capitania da Paraíba, de Elias Herkmans, Dicionário Orográfico do Estado da Paraíba, de Coriolano de Medeiros,

a segunda edição do EU, de Augusto dos Anjos, Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba, do cônego Florentino Barbosa, e O romance de José Lins do Rego, de Ivan Bichara, entre outros que mais à frente registraremos.

Na atualidade, a Editora A União acentua sua presença no

/// O arquivo do Jornal A União guarda parte da memória cultural do Estado, disponibilizando este conjunto de bens ao público, inclusive no suporte digital ///

mercado editorial com obras fundamentais para a promoção e preservação da cultura paraibana, a exemplo da coleção Paraíba na Literatura (perfis biográficos de autores e autoras), Espelhos de papel (antologia de crônicas publicadas no Jornal A União), as trilógicas Celso Furtado - a esperança militante e Cartas a Paulo Freire - escritas por quem ousa esperar (parceria com a Editora da Universidade Estadual da Paraíba), além das obras vencedoras do Prêmio Literário José Lins do Rego - 120 Anos (parceria com a Fundação Espaço Cultural da Paraíba - Funesc), nas categorias Romance, Conto, Crônica, Poesia e Infanto-Juvenil.

A Gráfica A União - pela

qual responde, hoje, o técnico Nilton Tavares - não fica atrás neste processo de valorização da cultura. Para ela converge todos os projetos gráfico-editoriais da Imprensa Oficial, muitos dos quais são assinados pela equipe do Setor de Arte, gerenciado por Naudimilson Ricarte. O parque gráfico, portanto, é uma espécie de sala das máquinas desta intrépida nau, chamada Imprensa Oficial, enfrentando todas as tempestades para colocar produtos culturais sob as vistas de leitores e leitoras.

Fundado em 2 de fevereiro de 1893, ou seja, no alvorecer da República brasileira, o Jornal A União nasceu sob a égide da política. E cremos que, neste sentido, teve seu apogeu cerca de 40 anos depois, quando, de acordo com pessoas que estudam a História da Paraíba, foi o epicentro ou personagem central dos episódios que culminaram com a Revolução de 1930.

Entendemos, no entanto, que o compromisso com a Cultura foi sendo fortalecido, progressivamente, à medida que a "função política" de A União, digamos assim, ia se coadunando, também paulatinamente, com as demandas sociais por uma informação de qualidade, ou seja, que estivesse a serviço do interesse público, e não da simples promoção dos governantes de plantão.

Cremos, por exemplo, que um dos divisores de água, no que diz respeito à promoção e preservação da memória cultural da Paraíba, foi quando,

a convite do então presidente Castro Pinto, assumiu a direção da Imprensa Oficial, no dia 12 de fevereiro de 1913, o escritor e humanista Carlos Dias Fernandes. Fazia ele parte de uma constelação formada, entre outras estrelas, por Castro Pinto, Ademar Vidal, Antônio Botto de Menezes, Assis Chateaubriand, Raul Machado, José Américo de Almeida, Orris Soares e Alcides Bezerra.

Eduardo Martins, outra personalidade marcante do quadro de dirigentes de A União, assinala, no livro A União - Jornal e História da Paraíba, que, "até 1918 (...) A União, então com quatro páginas, publicava invariavelmente nas duas primeiras o que se produzia na literatura paraibana, carioca ou europeia". E diz mais: "As primeiras (páginas) eram sete longas colunas com títulos de no máximo duas palavras, englobando contos, romances, ensaios ou poesias, divididos em capítulos ou folhetins. Os sonetos apareciam com destaque, sempre no espaço hoje reservado às manchetes de primeira página".

Os versos que ilustravam a capa de A União eram assinados ora por Carlos Dias Fernandes, ora por Américo Falcão, Rodrigues de Carvalho, Raul Machado e Pereira da Silva, entre outras expressões literárias da época. Na direção do professor e crítico literário Jurez da Gama Batista, A União, além de textos de seu diretor, publicava crônicas de Rubem Braga e José Lins do Rego.

Não é à toa, portanto, que José Américo de Almeida considerava A União a primeira universidade da Paraíba. O jornal-escola deu suporte a textos do político e literato e a Editora A União o lançou como escritor e pensador, publicando, por exemplo, em 1923, A Paraíba e seus problemas, e, em

/// Pelo suplemento literário Correio das Artes passaram e continuam passando mentes brilhantes do jornalismo, da literatura, das artes e do meio universitário ///

1928, A bagaceira, romance que inaugura um vigoroso capítulo da História da Literatura Brasileira, na seara do Moderno Regionalismo, do qual fazem parte, por exemplo, José Lins do Rego, Jorge Amado e Graciliano Ramos.

A partir de 1926, segundo Eduardo Martins, na obra citada, A União começou a publicar páginas, cadernos e suplementos voltados para literatura e artes, dos quais participavam, entre outros, Antenor Navarro, Mário Pedrosa, Carlos Romero, Eduardo Martins, Monteiro Lobato, Paulo Mendes Campos, Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt e Marques Rebelo.

Mas é no dia 27 de março de 1949 que A União lançaria

seu suplemento de literatura e artes que se projetaria nacional e internacionalmente: o Correio das Artes, inicialmente editado pelo poeta pernambucano Édson Régis. Para melhor exemplificar a importância do suplemento, lembremos que o Correio das Artes recebeu, em 1981, o prêmio de Melhor Divulgação Cultural do Ano, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Pelo Correio das Artes, hoje editado pelo jornalista André Cananéia, que vem a ser, também, o editor-geral de A União, passaram e continuam passando mentes brilhantes do jornalismo, da literatura, das artes e do meio universitário, ora protagonizando manifestações artísticas, ora analisando-as criticamente. A publicação abre espaço para novos autores e autoras, de todo o país, além de destacar poemas, contos, crônicas, ensaios, artigos e perfis de nomes já consagrados do Brasil e do exterior.

De Vanildo Brito a Manuel Bandeira. De Carlos Romero a João Cabral de Melo Neto. De Gonzaga Rodrigues a Carlos Drummond de Andrade... Enfim, o Correio das Artes estabeleceu um diálogo cultural entre a Paraíba, o Brasil e o mundo cujo vigor se mantém até hoje.

Além de sua divisão em cadernos tradicionais - Cidades, Política, Economia, Esportes etc., A União sempre se fez acompanhar de cadernos e suplementos especiais que marcaram época. Cito aqui alguns dos mais recentes, levando em conta os 128 de fundação do jornal: O Pirralho (destinado ao público infantojuvenil), Jornal de Domingo (que se tornou célebre pelas reportagens e entrevistas), Ponto de Cem Réis, O Jogo da Verdade (que viria a se transformar em um livro sobre os 30 anos do Golpe Militar de 1964) e a série Paraíba Nomes do Século (perfis biográficos de personalidades que se destacaram na cultura, na política, na educação etc.).

A União, apenas no que diz respeito ao seu Caderno de Cultura e ao Correio das Artes, reúne o mais importante elenco de cronistas e resenhistas do jornalismo impresso paraibano, aqueles mantendo acesa a chama do jornalismo literário, e estes acompanhando, criticamente, a produção cultural contemporânea. O quadro de repórteres torna ainda mais eficaz esta missão cultural, registrando, por meio de entrevistas e reportagens, o que de mais importante acontece no universo das artes.

Por fim, ousamos dizer que, atualmente, a Imprensa Oficial da Paraíba vive uma fase de extraordinário vigor criativo, que se traduz, também, na manutenção do firme compromisso com a promoção, divulgação e preservação da memória cultural do Estado, inclusive no universo virtual. Provam isso, além do acervo de publicações recentes, os convênios firmados entre a EPC e a Academia Paraibana de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, a Fundação Espaço Cultural da Paraíba, a Fundação Casa de José Américo e a Fundação Ernani Sátiro, com vistas à execução de projetos de valorização da vida e obra dos homens e mulheres que, através do tempo, pensam e continuam pensando, histórica, crítica e artisticamente, a condição humana, que se espelha nas variadas formas de convívio social.

(Palestra proferida durante a 28ª Reunião da Associação Brasileira das Imprensas Oficiais, em João Pessoa, de 2 a 4 de dezembro de 2021)



1



2



3



4



6



8



10

1 O hotel Verde Green, em João Pessoa, sediou a reunião de abertura de evento promovido pela Associação Brasileira das Imprensas Oficiais (ABIO). Em nosso estado, a diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação – EPC, Naná Garcez, também Diretora Regional Nordeste da ABIO (na foto entre dirigentes das imprensas oficiais), foi a anfitriã do evento que discutiu o cenário das imprensas oficiais, previsto para 2022.

2 O casamento dos jovens Amanda e Thiago, filhos de Cláudia Simone e Paulo Marcelo Costa, e de Maria de Fátima Lisboa e Telmo Gomes Lopes, respectivamente, foi realizado no sábado (27/11), em cerimônia religiosa celebrada pelo padre José Carlos. Logo após o ato religioso, os recém-casados receberam os convidados na Maison Blu'Nelle.

3 A querida Marlene Soares, entre as amigas Ana Acioly, Graça Melo, Antonieta Macedo, Zélia Lemos, Helena Diniz, Andely Araújo, Cleone Pereira, Marluce Almeida, Divany Brasil, Nelly Cândido e Zelia Cunha teve seu aniversário festejado na Doceria Briand, em Tambaú.

4 Marcos Pires, Stella Barros Pinto, Céu Palmeira, Iara Carmem Nóbrega, Antônio Carneiro Arnaud, Eduardo Carlos, Fátima Palmeira, Dedé Pinto, Taísa Lisboa e Laurence Cesar de Souza são os aniversariantes da semana.

5 No prelo, pela EPC (A União), e já em fase de acabamento, o livro 'Patronos & Patronesses', em que os (as) postulantes à Academia Cabedelense de Ciências, Artes e Letras, traçando os perfis de titulares das 40 Cadeiras, fazem um levantamento histórico da cidade portuária, como também da atuação de eminentes membros da comunidade litorânea. O lançamento da obra ocorrerá no próximo dia 10 de dezembro, por ocasião da posse dos (as) futuros (as) Acadêmicos (as).

6 A convite do casal Hermes Alvarenga e Val Nascimento (na foto com Erick Jacquin), degustei a rica gastronomia do Nui 360, restaurante que tem menu assinado pelo chef de cozinha Erick Jacquin. O jornalista Ewerton Vieira também nos acompanhou no evento.

7 No dia 1º deste mês, realizei um city tour com cerca de 40 amigas. A bordo do veículo Jardineira Flor da Trilha, visitamos pontos históricos de nossa cidade e concluímos o nosso passeio na cafeteria Bistrô 17.

8 Durante evento realizado na Associação Paraibana de Imprensa (API), foi criado o Comitê de Fomento e Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa. O objetivo, segundo o presidente da entidade, Marcos Werick (foto), é apresentar propostas que tragam melhorias para uma das áreas culturais e turísticas mais importantes da capital paraibana.

9 O Engenho Triunfo, que faz parte do Natal Iluminado e que é dirigido pela empresária Maria Júlia Baracho, realizou evento para convidados especiais e parte da imprensa paraibana. De João Pessoa, um grupo de profissionais da imprensa prestigiou o evento.

10 O Réveillon do Oceana Hotel, no Bessa, em frente ao mar, trará nada menos do que Os Paralamas do Sucesso como atração principal, além de Osmídio Neto e Beto Movimento. Claro que o evento, que vai respeitar todos os protocolos de segurança, vai ser sucesso total.



5



7



9





Gráficas adaptam serviços e iniciam recuperação do setor

Número de pedidos caiu 91% no país em 2020, levando empresas a oferecerem produtos diversificados para atrair clientes

Carol Cassoli
Especial para A União

Afetada pela crise econômica ocasionada pela pandemia de Covid-19, a indústria gráfica paraibana sentiu a queda das atividades ao longo do primeiro semestre do ano passado, segundo a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (Fiep). O setor, que integra importante papel no fortalecimento da economia, iniciou sua recuperação este ano, registrando aumento de pedidos e de contratações.

De acordo com levantamento da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), apenas 13% dos negócios do setor gráfico passaram ilesos pela pandemia, mantendo a produção em ritmo normal. A maioria precisou se adaptar aos novos tempos. Caso, por exemplo, da pequena gráfica do empresário Wericsson Andrade, localizada em João Pessoa.

Atuando há 11 anos no setor, o empresário viu seu negócio em maus lençóis em março do ano passado. Sem saber quanto tempo duraria a pandemia ou mesmo se teria recursos para manter os funcionários em casa durante a quarentena, Wericsson precisou desligar parte da equipe da empresa. "No fim de março de 2020, tive que demitir alguns funcionários. Não era a intenção original, mas tinha acabado de começar a quarentena e, mesmo achando que só duraria quinze dias, não dava para saber se a gráfica conseguiria manter todo mundo enquanto os serviços caíam", lembra.

O caso do paraibano não foi isolado. Informações da Abigraf mostram que a indústria gráfica do Estado acompanhou a tendência nacional, que apontou queda entre os meses de março e junho de 2020, quando a demanda por serviços caiu 91%, levando à redução parcial das atividades de mais de 60% das empresas. Segundo o presidente da Fiep, Francisco Gadelha, neste período, "a produção sofreu reduções e o saldo de empregos foi negativo". A Fiep destaca ainda que o mercado gráfico só voltou a crescer na segunda metade do ano passado, tendo o segmento registrado uma média de 1.100 empregos formais gerados até o fim do ano.



Confecção de livros e encartes ajudaram a manter os serviços nas empresas paraibanas, assim como a produção de embalagens



Fotos: Evandro Pereira



Demandas têm novos produtos

Em uma das maiores gráficas da capital paraibana, por exemplo, a procura por embalagens foi o que sustentou o negócio nos momentos mais críticos da pandemia, quando gráficas de grande porte fecharam as portas. Gestor de marketing na empresa, Alessandro Pinon, explica que o maior problema foi enfrentar a falta de insumos básicos (como o papelão).

Ele analisa que as gráficas menores sentiram mais os impactos da pandemia, porque ainda se baseiam no mercado promocional que, até mesmo antes da Covid-19, já apresentava uma queda por causa do mercado digital. "Nosso problema foi outro e o que nos fez equilibrar as contas foi o mercado de embalagens", reforça.

Mercado de trabalho

Conforme dados da Fiep, na Paraíba, as atividades de impressão foram responsáveis por 83,9% do total de empregos gerados pelo setor no auge da pandemia, enquanto 15% das vagas foram sustentadas pelos serviços de pré-impressão e acabamentos gráficos. Os demais 1,1% foram de contratações realizadas na parte de reprodução de materiais gravados.

Segundo o gestor de marketing, além das embalagens para delivery outra demanda que contribuiu para diminuição dos reflexos da pandemia sobre a gráfica foi a procura por produtos para a área da saúde. " Fizemos embalagens para remédios, imprimimos bulas, trabalhamos muito com esta área no último ano", destaca.

Para o presidente da Fiep, a perspectiva positiva para o setor está atrelada a outro dado igualmente importante. "O bom desempenho foi impulsionado pela maior procura por e-commerces, pelo crescimento de 45% no uso de aplicativos de entrega de comida durante a pandemia e aumento na abertura de pequenas e microempresas", diz Francisco Gadelha.

Empregos são retomados

Na gráfica do empresário Wericsson Andrade, após a série de demissões que foram feitas em 2020, as atividades permaneceram focadas na realização de serviços menores e de encomendas antigas, como a diagramação de livros ou encartes. Com a baixa na procura dos serviços oferecidos em sua gráfica, o empresário enxergou na realização das eleições uma saída para melhorar o faturamento da empresa. "As eleições municipais fizeram a demanda por serviços gráficos subir", comenta.

Para atender aos pedidos, foram contratados novos funcionários, ainda que em regime temporário ou em modalidade autônoma. Mas, mesmo com a ligeira retomada do setor em novembro de 2020, a possibilidade de admitir oficialmente novos profissionais só aconteceu, de fato, ao longo deste ano. "Aos poucos os funcionários foram voltando", afirma o empresário.

Trabalho de volta

O momento é importante também para quem busca emprego. Acostumado a trabalhar na mesma empresa, em Olinda (PE), por seis anos, o designer gráfico Levi Alves, de 26 anos, se viu em meio à onda de demissões no Brasil com o início da pandemia. Desempregado por oito meses, a esperança de um novo emprego veio de onde ele menos esperava. "Um amigo encontrou uma vaga numa gráfica aqui de João Pessoa e me inscreveu. Como eu não tinha nada a perder, topei", conta Levi que na semana seguinte já estava trabalhando.

Prestes a completar um ano na gráfica onde foi admitido, Levi recebeu outra proposta para exercer uma função melhor remunerada. "Pensei bastante e, depois de considerar alguns sonhos, decidi aceitar. Acho que vim para ficar em João Pessoa", diz o jovem.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrslva@gmail.com | Colaborador

O desafio é iniciarmos 2022 com as contas em dia

Olá, amigos leitores. Mais um domingo e vocês não imaginam a satisfação de estar aqui interagindo através desta coluna. Dezembro chegou, um mês emblemático diante dos desafios que naturalmente se apresentam, pois há uma pressão enorme para que consumamos, com festas natalinas, comemorações e outras tentações de fim de ano. Semana passada o economista João Bosco que assina comigo esta coluna, já trouxe à tona o tema "O desafio é iniciarmos 2022 com as contas em dia" onde destaca a importância de valorizarmos o nosso endividamento.

Então vamos destacar hoje o assunto desta coluna na temática finanças pessoais. Vamos falar sobre décimo terceiro salário. Se você é um funcionário em regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), a primeira parcela do décimo terceiro salário já caiu na conta, portanto, fique atento para as próximas dicas. Com a chegada de fim de ano, é hora de planejar esse importante ganho extra.

É bem verdade que para muitos esses valores pode desafogar o orçamento ou ser uma ótima alternativa para quem

deseja dar os primeiros passos no mundo dos investimentos e auferir mais ganhos financeiros. Em outubro, a Bolsa de Valores do Brasil (B3) registrou quatro milhões de contas de pessoas físicas, com um total de R\$ 490 bilhões mantidos na Bolsa. Apesar da performance negativa nos últimos meses, esses números continuam crescendo, mas isso é assunto para outra pauta.

Sem enrolação vamos para a primeira estratégia: pense nas dívidas! Antes de imaginar algum tipo de investimento, seja em renda fixa ou variável, aconselhamos quitar ou diminuir as dívidas, só assim, você poderá pensar em investir esse dinheiro com segurança. Falando em segurança, a segunda estratégia é indicada para aqueles que têm alguma folga no orçamento, esse é o momento de pensar na reserva de emergência. Apesar de muita gente falar sobre esse assunto, é necessário ter um considerável volume financeiro, este varia de acordo com o seu custo de vida, para arcar com eventos inesperados e esperados. Lembre-se a vida não é uma linha reta.

Por fim, depois de pagar as dívidas, construir uma boa reserva de emergência, vamos falar sobre como investir o décimo terceiro salário, a terceira estratégia. Nesse ponto da nossa discussão, cabe uma boa reflexão sobre dois importantes aspectos, objetivos financeiros e o perfil do investidor.

Os objetivos, sonhos e projetos fazem parte da vida de qualquer pessoa. Eles podem ser uma viagem, a compra de um veículo, um imóvel, uma formatura ou algo que veio à sua mente nesse exato momento. Para alcançá-los você precisa de um plano e metas bem definidas. A partir dessa análise, é possível caminhar para o outro aspecto, o perfil do investidor.

Os investidores apresentam comportamentos diferentes quanto ao risco. Enquanto alguns planejam uma aposentadoria, outras desejam fazer uma viagem, por esse motivo é importante refletir sobre objetivos e os prazos, que variam de curto a longo. Alguns investidores aceitam maiores riscos, outros são avessos ao risco, essa

diversidade é relevante e precisa ser considerada na tomada de decisão sobre onde investir. Apesar disso, de acordo com vários estudos na área de finanças, as estratégias vencedoras perpassam pela diversificação.

De modo bem conservador o mais recomendável é investir em renda fixa, com liquidez imediata. Atualmente existem diversas alternativas, por exemplo, o Tesouro Selic que é um título público federal, de baixo risco, disponibilizado pela plataforma do Tesouro Direto. Indicado para aqueles que querem realizar investimentos de curto prazo com rentabilidade diária vinculada à taxa de juros da economia (taxa Selic), atualmente em 7,75%. Isso significa que se a taxa Selic aumentar a sua rentabilidade aumenta e se a taxa Selic diminuir, sua rentabilidade diminui.

Por fim meu caro leitor, não precisa investir todo o valor do décimo terceiro salário, mas fica aqui a nossa dica para adotar algumas de nossas estratégias inteligentes. Use o dinheiro com mais sabedoria e seja feliz. Até breve!

Brasileiros investem na previdência complementar

Número de interessados nesse tipo de plano tem crescido nos últimos anos, mas é preciso prestar atenção aos contratos para evitar decepções futuras



Foto: Freepik

Wellton Máximo
Agência Brasil

Poupar para quando o inverno chegar. Com essa filosofia, a previdência complementar tem atraído o interesse de cada vez mais brasileiros. Entre 2016 e 2021, o número de participantes, dependentes e assistidos (quem recebe benefício) de fundos de pensão saltou de 7,18 milhões para 7,41 milhões, segundo a Associação Brasileira das Entidades Fechadas de Previdência Complementar (Abrapp). Esse investimento, no entanto, requer atenção.

O contribuinte deve observar com cuidado a forma como o Imposto de Renda (IR) será cobrado.

7,4 milhões

É o número de brasileiros que integram os chamados fundos de pensão, segundo dados da Abrapp referentes a 2021

As recomendações variam conforme o perfil de renda e o tempo que a pessoa deseja poupar. Também é necessário estar atento a taxas que garantem a administração do patrimônio, mas reduzem

o valor dos rendimentos.

A principal diferença em relação à Previdência Social está no regime de capitalização. Na previdência complementar, cada contribuinte tem uma conta individual, com o valor das contribuições financiando o benefício futuro. Além disso, o trabalhador pode escolher o valor e a periodicidade da contribuição. Quanto mais se poupa, mais se recebe no futuro. Caso desista do plano, o dinheiro investido pode ser resgatado.

Na Previdência Social, as contribuições são fixas, determinadas pela Constituição e quase sempre descontadas na folha de pagamento (exceto no caso de contribuintes autônomos e facultativos). As con-

tribuições obedecem ao regime de repartição, onde os valores descontados do trabalhador da ativa custeiam as aposentadorias, pensões e auxílios atuais, não sendo depositados em contas individuais nem poupados.

Tipos de previdência

Para aderir à previdência complementar, o trabalhador deve, primeiro, saber a distinção entre previdência aberta e fechada. Na primeira modalidade, qualquer pessoa pode aderir a um plano de previdência comercializado por instituições financeiras. O dinheiro é aplicado numa carteira administrada pelos gestores do plano, com a fiscalização cabendo à Supe-

rintendência de Seguros Privados (Susep). No ano passado, as contribuições para a previdência aberta somaram R\$ 126,85 bilhões, segundo a Susep.

A previdência fechada está restrita a funcionários de uma determinada empresa, que se reúnem para criar um fundo de pensão. Na maioria dos casos, esses fundos recebem contribuições não apenas do empregado, mas do patrão. Atualmente, os fundos de pensão estão entre os grandes investidores do país, movimentando R\$ 995 bilhões, o equivalente a 13% do Produto Interno Bruto (PIB), segundo a Abrapp. A fiscalização cabe à Superintendência Nacional de Previdência Complementar (Previc).

+ Cobrança do Imposto de Renda varia conforme a escolha da tabela

Ao aderir à previdência complementar, o contribuinte deve responder a duas perguntas: como pagará Imposto de Renda e como deduzirá as contribuições da declaração. O IR pode ser pago pela tabela progressiva, semelhante ao modelo aplicado nos salários e nos demais rendimentos tributáveis, ou regressiva, em que a alíquota cai conforme o tempo de aplicação.

Na tabela progressiva, quanto maior o valor do benefício (complemento à aposentadoria) que o trabalhador sacar no futuro, mais Imposto de Renda é cobrado. As alíquotas variam até 27,5%, cobrados em faixas de rendimentos, como ocorre nos salários. Esse mo-

delo é indicado para quem pretende resgatar o valor investido antes de quatro anos.

Criada para estimular investimentos de longo prazo, a tabela regressiva começa com alíquota de 35% de Imposto de Renda sobre o rendimento. O valor cai cinco pontos percentuais a cada dois anos, até atingir o piso de 10% após 10 anos de aplicação. As demais aplicações financeiras cobram alíquota mínima de 15% de IR. Esse sistema é vantajoso para quem é relativamente jovem e pretende deixar o dinheiro rendendo até o momento da aposentadoria.

O poupador, no entanto, precisa estar atento. Quem escolher a tabela progressiva na

adesão ao plano pode trocá-la pela regressiva, mas não o contrário. Além disso, o tempo de contribuição é desconsiderado na mudança para a tabela regressiva, com a alíquota do IR sendo reiniciada em 35% e caindo apenas nos anos seguintes.

Diferentemente dos demais fundos de investimento (renda fixa, cambiais e multimercado), a previdência complementar não tem o mecanismo conhecido como come-cotas. Nesse sistema, o Imposto de Renda é cobrado sobre os rendimentos a cada seis meses, em maio e novembro. Na previdência complementar, o imposto só é cobrado no futuro, quando o investidor começar a sacar a quantia poupada.

Taxas

■ Além dos impostos, o investidor em previdência complementar deve prestar atenção às taxas. Normalmente, as empresas de previdência complementar cobram três tipos de taxas do participante: de carregamento, de gestão e de saída. Essas taxas remuneram as instituições financeiras e os administradores dos fundos de pensão e de previdência aberta, que decidem onde aplicar o dinheiro investido e obter o melhor rendimento.

■ A taxa de carregamento incide sobre o valor de cada contribuição. Atualmente ela está em 5% em média no mercado brasileiro, mas existem planos que não cobram essa taxa. Cobrada anualmente, a taxa de gestão varia de 0,5% a 4% sobre o patrimônio acumulado no plano. Equivalente a 0,38% do valor acumulado, a taxa de saída é cobrada no resgate das aplicações, mas algumas empresas têm isentado essas operações.

Diferenças entre PGBL e VGBL

A forma de deduzir o Imposto de Renda também deve ser levada em consideração. No Plano Gerador de Benefício Livre (PGBL), o participante pode deduzir o valor contribuído anualmente na Declaração do Imposto de Renda Pessoa Física, até o limite de 12% da renda bruta anual. Em troca, o participante deverá desistir da declaração simplificada do IR e preencher a declaração completa.

A possibilidade de deduzir as contribuições atuais não significa isenção. Apenas o momento da cobrança é adiado. O Imposto de Renda será cobrado no saque, incidindo sobre o resgate

total da aplicação ou sobre o benefício recebido mensalmente como renda.

No modelo Vida Gerador de Benefício Livre (VGBL), as contribuições não podem ser deduzidas do Imposto de Renda. No entanto, a base de cálculo é menor porque o IR incidirá apenas sobre os rendimentos no momento do resgate, não sobre o total investido pelo participante.

Tradicionalmente, o PGBL é recomendado para trabalhador com carteira assinada, que recolha mensalmente para a Previdência Social e declare Imposto de Renda de forma completa. Nos demais casos, indica-se o VGBL.

Plano pode incluir herdeiros

Além de reforçar a aposentadoria, a previdência complementar serve para agilizar a transferência de patrimônio a herdeiros. Por não entrar em inventário, o valor investido nos planos é transferido em poucos dias aos dependentes indicados pelo participante. No entanto, isso depende do momento da morte do titular.

Caso a morte ocorra na fase de acumulação, quando o participante estava apenas poupando, o patrimônio acumulado é repassado em poucos dias aos sucessores. Se

o participante tiver começado a sacar os benefícios, a transferência dependerá do plano contratado.

A modalidade de renda vitalícia prevê o pagamento de renda apenas até o fim da vida. O patrimônio acumulado é incorporado ao fundo, remunerando os riscos desse tipo de negócio para as instituições financeiras. Caso queira manter o pagamento aos dependentes, o beneficiário deverá contratar um plano que preveja a reversão do saldo a terceiros.

Agência de apoio a exportações já atende 25 empresas na PB

Em parceria com Governo do Estado, núcleo da Apex foi inaugurado oficialmente sexta-feira, mas atua, na prática, há cinco meses

Renato Félix
Assessoria da SEC&T

O apoio a empresas exportadoras e a qualificação daquelas que ainda não estão na disputa pelo mercado internacional são as funções do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex), oferecido e gerido pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil), que lançou oficialmente seu núcleo na Paraíba na última sexta-feira, em cerimônia no auditório do Shopping Sebrae, no Bairro dos Estados, em João Pessoa. Com investimento de R\$ 1 milhão - R\$ 700 mil da Apex e R\$ 300 mil do Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq/PB), o núcleo já está em funcionamento, na prática, há cinco meses e já conta com 25 empresas em atendimento, das 100 vagas possíveis.

“Mesmo no início das nossas ações já estamos apresentando para a sociedade paraibana o cumprimento de 25% das metas apresentadas para os dois anos de existência deste núcleo Peiex”, comemorou Roberto Germano, presidente da Fapesq, em sua comunicação ao público.

O Peiex tenta implantar uma cultura exportadora nas empresas, o que exige uma preparação e adequação na sua produção e estrutura de organização interna. Tanto o empresário pode procurar o programa quanto os técnicos do Peiex fazem sua prospecção de empresas que, a princípio, podem ficar aptas a competir no disputado mercado internacional.

“Na prática a implementação do programa Peiex funciona da seguinte maneira: o técnico-especialista que vai a campo atende o próprio empresário - que é o ator da empresa que tem a visão estratégica do negócio”, explica Márcia Paixão, professora do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba e coordenadora do núcleo operacional do Peiex Paraíba. “Como esse universo do comércio exterior envolve um conjunto de informações e uma quantidade de conhecimento específico muito expressivo, o técnico leva uma espécie de consultoria e vai mostrando esse cenário”.

A partir daí, o núcleo identifica se a empresa que quer mesmo se comprometer com o investimento e se ela tem capacidade para isso. São muitos os detalhes a serem aprendidos e colocados em prática. “Para colocar seu produto no exterior com segurança, você precisa, por exemplo, registrar a marca do seu produto, registrar a patente do seu produto desenvolvido, conhecer como funcionam as aduanas dos diversos países...”, enumera Márcia. “...Saber se os acordos comerciais do Brasil com esses países onde você quer colocar seu produto podem beneficiar o seu produto...”

Por isso, ela afirma que a empresa inteira tem que estar engajada no objetivo de exportar. “Vai desde a telefonista, que, dependendo do momento da empresa, já precisa falar outro idioma. até o setor contábil.



Fotos: Delmer Rodrigues

Lançamento do Programa de Qualificação para Exportação (Peiex), núcleo na Paraíba, aconteceu na última sexta-feira, em cerimônia no auditório do Shopping Sebrae, em João Pessoa



A cachaça foi uma protagonista do evento, reforçando o momento importante dessa produção na Paraíba: uma aposta do Governo do Estado e da Apex para conquistar o mercado internacional

que exige conhecimento específico”, explica Márcia. “O pessoal da logística precisa saber como funciona esse comércio exterior para identificar corretamente as embalagens, porque há todo um padrão que deve ser seguido... Tem que ter pelo menos um funcionário dentro da empresa cuidando dos processos dos pedidos e depois alimentando os clientes com as informações do andamento do embarque...”

Os benefícios de se qualificar para a exportação acabam tendo reflexos até no mercado interno. “Quando você passa por um processo de qualificação profissional para exportar, você precisa se adequar a muitas exigências rigorosas do mercado internacional”, explica Lucas Fiuza, diretor de negócios da Apex Brasil, que também falou no evento. “E isso acaba elevando o nível de qualidade do seu produ-

to, do seu serviço e da operação da sua empresa como um todo. Então isso acaba tendo reflexos na sua atuação no mercado local. Você consegue vender mais, ter um reconhecimento melhor por parte do mercado... É um ganha-ganha muito interessante”.

É um ganho que pode ser até inesperado para as empresas de olho no comércio exterior. “Muitas vezes os empreendedores são atraídos

pela ideia da exportação em si. Mas não é um mar de rosas, não é fácil: tem que ter concentração, tem que ter trabalho, tem que ter esforço”, conta ele. “Quando eles vão em busca desse mercado e identificam que existem essas etapas que precisam ser vencidas, eles continuam com o foco original, mas acabam tendo consciência do reflexo que essa qualificação teve também na sua operação local”.



Cachaça é protagonista do evento

O evento contou com uma exposição das cachaças paraibanas e foi encerrado com uma degustação das bebidas. A cachaça foi uma protagonista do evento, reforçando o momento importante dessa produção na Paraíba: uma aposta do Governo do Estado e da Apex para conquistar o mercado internacional. A Apex, inclusive, aposta na Paraíba como um vértice dessa produção no Norte e Nordeste: o núcleo Peiex no estado vai atender também a produtores de outras unidades da federação dessas regiões.

“O núcleo vai atender as empresas paraibanas, claro, mas o que eu achei bacana aqui é que a partir da Paraíba vai ser feito o atendimento de todo o Nordeste com relação à indústria da cachaça”, aponta Lucas Fiuza. “Isso mostra que é um setor em que a Paraíba tem se destacado”.

Márcia Paixão lembra que o setor da cachaça é estratégico para o Governo do Estado. “Também já tem esse potencial internamente, produtos premiados no exterior... Foi um atrativo expressivo para a implantação do programa, a Apex também olha o potencial”, conta ela. A agência resolveu

empreender atenção específica às demandas do agronegócio. “A demanda do setor era muito grande e eles viram que era preciso um tratamento diferenciado”, diz ela. “Então criaram o Peiex Agro. Ai tem o Peiex Agro Cachaça, o Peiex Agro Leite e Derivados, Peiex Café Especial...”

A Paraíba, no caso, está capitaneando o Peiex Agro Cachaça na região (para o Sul e o Sudeste, o estado de Minas Gerais é que fica com essa função). A agência, o governo e os produtores estão almejando um aumento expressivo na exportação da cachaça, de número considerado ainda pequeno no país diante do potencial da bebida.

“Hoje exportamos apenas 5 milhões de litros de cachaça num universo de produção de mais de 800 milhões de litros”, contou Carlos Lima, presidente do Instituto Brasileiro da Cachaça (Ibrac). “A tequila deve estar ultrapassando 250 milhões de litros de exportação atualmente. Em termos de receita para o México, isso vem rendendo mais de 1 bilhão de dólares por ano. Enquanto nossas exportações no Brasil, no ano passado, acho que não alcançaram nem 9 milhões”.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA seleciona pessoas com deficiência (PCD). Os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187, Catolé. Campina Grande.

F A Z S A B E R a todos quantos virem o presente Edital, observando o que consta dos autos da Ação Monitória, processo 0065175-70.2014.8.15.2001, de autoria de UNIMED JOÃO PESSOA COOPERATIVA DE TRABALHO MÉDICO - CNPJ: 08.680.639/0001-77, fica INTIMADO(A) a empresa MD PROMOTORA ADMINISTRADORA DE CREDITO E COBRANCA LTDA - CNPJ: 04.930.232/0001-08, por encontrar-se em lugar incerto e não sabido, para, na forma do art. 513, §2º do CPC e no prazo de 15 (quinze) dias, pagar o valor indicado no demonstrativo discriminado e atualizado do crédito, acrescido de custas e despesas processuais. Fica a parte executada advertida de que, transcorrido o prazo previsto no art. 523 sem o pagamento voluntário, inicia-se o prazo de 15 (quinze) dias para que, independentemente de penhora ou nova intimação, apresente, nos próprios autos, sua impugnação. Não ocorrendo pagamento voluntário no prazo do art. 523 do CPC, o débito será acrescido de multa de dez por cento e, também, de honorários de advogado de dez por cento... E para que a notícia chegue ao conhecimento de todos, mandei expedir o presente Edital, que será afixado na sede deste Juízo, no local de costume e publicado na forma da lei. Dado e passado nesta cidade de João Pessoa, estado da Paraíba, aos 21 dias do mês de Outubro de 2021. Eu, GENEYSSEN ANDRÉ PEREIRA CORREIA, Técnico Judiciário, digitei-o.

EDITAL DE CITAÇÃO COM PRAZO DE 20 (vinte) DIAS. O DR. MANUEL MARIA ANTUNES DE MELO, Juiz de Direito em exercício na 11ª Vara Cível da Capital, em virtude da Lei, etc... F A Z S A B E R - a todos quantos o presente edital virem ou dele conhecimento tiverem, que por este Juízo e Cartório 11ª Vara Cível, situado no Fórum Des. Mário Moacyr Porto, 4º andar, Av. João Machado, 532, Jaguaribe, n/capital, centro, municipal, se processam os termos da Ação de EXECUÇÃO, processo Judicial Eletrônico (PJE) nº: 0064977-33.2014.8.15.2001, movida por BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S/A em face de ELETROTÉC - COMÉRCIO, REP. E ASSISTÊNCIA TÉCNICA LTDA - ME, FLAVIO RICARDO CAMPELO DACONTI, FABIANA HOLANDA PEREIRA DACONTI, EDUARDO LUIZ CAMPELO DACONTI. Na forma do Art. 256 II, e § 3º, do NCPD como o promovido, Eduardo Luiz Campelo Dacontti, não fora localizado, e para que mais tarde alguém não alegue ignorância, mandou o MM Juiz expedir o presente, ficando CITADO: EDUARDO LUIZ CAMPELO DACONTI, portador do CPF nº. 398.626.404-30, atualmente em lugar incerto e não sabido; para, proceder ao pagamento da quantia de R\$ 74.811,54 (setenta e quatro mil, oitocentos e onze reais e cinquenta e quatro centavos) no prazo de 03 (três) dias, contados da citação (CPC, art. 829), sob pena de penhora e avaliação de bens, que deverá ser cumprida pelo Oficial de Justiça. Fixados os honorários advocatícios em 10% (dez por cento) sobre o valor do débito, verba essa que será reduzida pela metade caso a parte executada efetue o pagamento no prazo mencionado (CPC, art. 827, § 1º). Eventuais embargos devem ser opostos no prazo de 15 (quinze) dias, contado, conforme o caso, na forma do artigo 231 do CPCivil (CPC, art. 915). Cliente a parte devedora de que, no prazo para embargos, reconhecendo o crédito da parte exequente e comprovando o depósito de trinta por cento do valor em execução, acrescido de custas e de honorários de advogado, poderá requerer que lhe seja permitido pagar o restante em até 6 (seis) parcelas mensais, acrescidas de correção monetária e de juros de um por cento ao mês (CPC, art. 916), cujo prazo se iniciará com o término do prazo do edital, nada apresentado, será considerado revel, sendo-lhe nomeado curador especial na forma do art. 72, II, § único do NCPD, que será exercida pela Defensoria Pública, publicado na forma da lei. DADO e passado nesta Cidade de João Pessoa, aos 23 dias do mês de setembro de 2021. Eu, JOSINEIDE B. DE VASCONCELOS, analista, (ad) Manuel Maria Antunes de Melo - Juiz de Direito.

Comarca da 1ª Vara Cível da Capital - PB. Edital de Citação. Prazo: 20 dias. Processo PJE Nº 0834026-86.2015.8.15.2001. Ação: EXECUÇÃO DE TÍTULO EXTRAJUDICIAL. Partes: BANCO BRADESCO S/A - CNPJ nº 60.746.948/0001-12 contra LIRA CONFECÇÕES LTDA - CNPJ nº 09.615.381/0001-98. O MM. Juiz de Direito, Dr. Josivaldo Félix de Oliveira, da 1ª Vara Cível da Capital, em virtude da Lei, etc. Faz saber a todos quantos virem ou tiverem conhecimento do presente Edital, que por este Cartório e Juízo tramita a ação acima mencionada e que através do presente Edital fica CITADO o executado, atualmente em local incerto e não sabido, LIRA CONFECÇÕES LTDA - CNPJ nº 09.615.381/0001-98, para pagar a dívida de R\$ 32.138,11 (trinta e dois mil e cento e trinta e oito reais e onze centavos), no prazo de 03 (três) dias, ou apresentar embargos em 15 dias. Os honorários foram fixados em 10% (dez por cento) sobre o valor do débito, verba essa que será reduzida pela metade caso o executado efetue o pagamento no prazo mencionado (CPC, art. 827, § 1º). Para a provável hipótese de revelia, nomeio curador da parte promovida o Dr. Antônio de Oliveira Alves, advogado de ofício em exercício na unidade judiciária, que deve ter vistas dos autos para apresentação de defesa. E para que ninguém possa alegar ignorância, o presente Edital vai ser publicado na forma da lei. 1ª Vara Cível da Capital - PB, 03 de novembro de 2020.

Mais de três mil reservatórios na Paraíba são mapeados e monitorados pela Agência Nacional de Águas, incluindo o Açude Epitácio Pessoa (foto), que tem evaporação média de 1.400 litros por metro quadrado ao ano

Os efeitos da evaporação da água nos reservatórios

Pesquisa realizada pela ANA pode nortear gestores públicos a conduzir de forma mais eficaz a gestão das águas

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A evaporação da água de mais de 175 mil reservatórios artificiais brasileiros consumiu 27,9 trilhões de litros por ano ou um total de 885 mil litros de água por segundo, somente em 2019. Esse volume foi analisado em uma superfície média de 39,95 mil quilômetros quadrados de espelhos d'água. Os dados estão no estudo Evaporação Líquida de Reservatórios Artificiais no Brasil, que traz um novo modelo de cálculo sobre evaporação, mostrando dados mais precisos nos estados do país.

A iniciativa foi posta em prática pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Para se ter ideia, a quantidade de líquido evaporado em 2019

(885 mil litros de água por segundo) representa mais da metade da vazão média das Cataratas do Iguaçu, no Paraná, que é de 1,5 milhão de litros de água por segundo. A pesquisa analisou a evaporação média no país entre os anos de 2001 e 2019 e revelou que essa taxa variou entre 20 e 29 litros por segundo por quilômetro quadrado de superfície. Nesse mesmo período, as maiores vazões anuais de evaporação líquida no Brasil (superiores a mil metros cúbicos por segundo) foram verificadas em 2002 (1.028 metros cúbicos por segundo); 2005 (1.056 metros cúbicos por segundo); 2007 (1.072 metros cúbicos por segundo) e 2012 (1.070 metros cúbicos por segundo).

O coordenador de Estudos Setoriais da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), Thiago Fontenelle, enfocou que

o estudo não aponta se há tendência de aumento da evaporação. O objetivo da iniciativa seria sanar uma grande preocupação da ANA, que era a de contar com estimativas mais precisas sobre o processo da evaporação líquida dos reservatórios do país.

Além de ter influência do clima, a evaporação varia também conforme as áreas efetivamente ocupadas (que são afetadas pelo clima), e também pela operação dos reservatórios. "Portanto, há uma ciclicidade e não um aumento ou diminuição linear", frisou.

Realidades diferentes

Essa base técnica mais aprimorada sobre a evaporação dos reservatórios artificiais é importante para trazer estimativas mais próximas da realidade nos diferentes estados brasilei-

ros. O controle de demandas hídricas, a operação da infraestrutura existente e o planejamento da infraestrutura complementar (verde e cinza) requerem, segundo Thiago, estimativas cada vez mais precisas sobre os diversos usos, especialmente em cenários momentâneos de escassez hídrica e de crise energética, ou em cenários mais persistentes de mudanças do clima. "Essa contabilidade hídrica, cada vez mais precisa, entre oferta e consumos de água, subsidia tomadas de decisão mais adequadas e mais ágeis".

Neste caso, podemos entender que, em tempos de crise hídrica, a pesquisa serve como um norteador para que gestores públicos possam conduzir, de forma mais eficaz, a gestão de água para as diversas demandas exigidas pela população.

Fontenelle declarou

que a construção de reservatórios pressupõe que os benefícios à regularidade e garantia da oferta de água superam em muito os impactos negativos sobre a vazão natural e os consumos. Portanto, a evaporação causada pelo reservatório é uma perda inerente conhecida desde as fases de concepção e viabilidade.

"O que a ANA traz com esse estudo são números mais precisos e atualizados sobre essas taxas para mais de 175 mil reservatórios no Brasil, que podem auxiliar tanto na operação dessas infraestruturas quanto na avaliação de novas represas que sejam propostas, visando à qualidade ambiental e à segurança hídrica da população e das atividades econômicas".

No Brasil, as cinco maiores vazões de evaporação líquida concentram 32% do

total nacional. São os casos dos reservatórios de Sobradinho (167,1 metros cúbicos por segundo) e Luiz Gonzaga (45,3 metros cúbicos por segundo), na Região Hidrográfica São Francisco; Porto Primavera (48,8 metros cúbicos por segundo) e Ilha Solteira (26 metros cúbicos por segundo), na Região Hidrográfica Paraná; e Tucuruí (27,1 metros cúbicos por segundo), na Região Hidrográfica Tocantins-Araguaia.

Essa contabilidade hídrica, cada vez mais precisa, entre oferta e consumos de água, subsidia tomadas de decisão mais adequadas e mais ágeis //

Pesquisa dará suporte às políticas de segurança hídrica

A estimativa de evaporação líquida, conforme publicação da ANA, já faz parte das ações de planejamento e operação dos setores usuários, assim como da análise de viabilidade individual dos projetos.

A incorporação da evaporação líquida será considerada na elaboração de instrumentos de planejamento, como o Plano Nacional de Segurança Hídrica (PNSH), os Planos Decenais de Expansão de Energia, o Plano Nacional de Energia e o novo Plano Nacional de Recursos Hídricos (PNRH 2022-2040).

O coordenador de Estudos Setoriais da ANA, Thiago Fontenelle, explicou que todos os reservatórios da Paraíba foram analisados, sendo que há cerca de 3.250 mapeados pela ANA. "Os maiores reservatórios têm a seguinte situação: o Coremas-Mãe d'Água tem evaporação líquida média de 1.300 litros por metro quadrado de lago, ao ano; o Açude Engenheiro Ávidos tem média de 1.200 litros por metro quadrado, ao ano; e o Açude Epitácio Pessoa possui média de 1.400 litros por metro quadrado, ao ano", exemplificou.

Ele acrescentou que, grande parte dos reservatórios do Estado está sujeita a taxas de evaporação líquida de 1.200 a 1.500 litros de água por metro quadrado de reservatório ao longo de um ano.

Condições ambientais

Thiago Fontenelle explicou que a evaporação líquida é resultante da diferença entre a evaporação da água do lago e a evapotranspiração real esperada para a mesma área, caso não existisse o reservatório. Portanto, esse cálculo contabiliza uma "perda" ou um "uso"

de água adicional, em função da existência do reservatório, devido às condições ambientais locais e suas características de construção e operação.

Quando indagado se as mudanças climáticas têm relação com esse processo, Fontenelle afirmou que "qualquer fator natural ou antrópico que altere o clima vai afetar os fenômenos de evaporação do lago e de evapotranspiração real da bacia hidrográfica. Alterações de precipitação são mais sensíveis (menos chuva, menos evapotranspiração e maior evaporação líquida)".

SAIBA MAIS

Em 2019, 114 reservatórios apresentaram evaporação líquida superior a 500 litros por segundo e somaram vazão média anual de 666 metros cúbicos por segundo, o que equivale a 75% do total nacional, sendo que 32 deles não fazem parte do Sistema Interligado Nacional (SIN). Os 14 reservatórios com vazões acima de 10 metros cúbicos por segundo em 2019 são responsáveis por 51% do total de vazão consumida pela evaporação de água.



Foto: Ascom/Atlético-MG

Atlético-PB promete um time competitivo no Paraibano

Novo presidente do Trovão Azul, Alexandre Albuquerque, diz que equipe vai buscar uma vaga para a Série D

Foto: Instagram/Atlético-PB



O presidente do Atlético de Cajazeiras, Alexandre Albuquerque, disse que, apesar das dificuldades, o time será forte em 2022

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

A nova diretoria do Atlético de Cajazeiras projeta uma equipe competitiva para disputa do Campeonato Paraibano de Futebol na edição de 2022. O empresário, Paulo Albuquerque, eleito novo presidente do "Trovão" é quem vai comandar os interesses do clube até dezembro de 2023. Mesmo com desafios nas finanças, a nova gestão quer deixar para trás os maus resultados obtidos dentro de campo, em 2021, e através do equilíbrio financeiro, busca uma temporada de conquistas positivas no futebol e na gestão administrativa.

Nesta temporada, durante sua disputa no Campeonato Paraibano, o Atlético andou lado a lado com a ameaça do rebaixamento. Em oito partidas disputadas na primeira fase, venceu apenas uma, empatou quatro e perdeu três. Já na segunda fase – repescagem para semifinal – empatou com o Campinense e acabou eliminado nos pênaltis.

Os planos para formação do elenco que vai disputar o Paraibano do ano que vem já estão sendo elaborados. De acordo com Paulo Albuquerque, presidente do clube, a ideia é contar com pelo menos 25 atletas, em função da realidade financeira do clube.

"Já temos um elenco quase que finalizado, cerca de 80% dos pré-contratos estão confirmados. A nossa ideia é contar com o número de 25 atletas, no máximo, levando em conta a necessida-

de do equilíbrio financeiro para reestruturar o clube. Dessa forma, esperamos colher bons frutos na temporada", afirmou.

Até o momento, o clube anunciou oficialmente a contratação do treinador Jaelson Marcelino, que já teve passagens pelo Asa – AL, Sergipe – SE, na Paraíba ele comandou Campinense e Botafogo. O comande alviazulino, de 46 anos, estará à frente do Atlético na disputa do Paraibano 2022. O Trovão ainda anunciou as contratações do preparador físico, Luis André Oliveira, do auxiliar técnico Beto Silva, e anunciou a presença dos primeiros reforços, o zagueiro Léo Alves e o volante Diego Serra.

Se de forma administrativa, a nova diretoria do Atlético é cautelosa, dentro de campo, ela é mais audaz, e mesmo sabendo dos desafios, traça objetivos bem claros para a temporada de 2022. "Os nossos objetivos são bem claros em relação à disputa no Campeonato Paraibano. O primeiro é manter o planejamento de bons resultados, a partir disso, buscaremos o avanço para as semifinais, e consequentemente, garantir uma vaga na Série D do Brasileiro, pensando mais alto, o título da competição seria consequência do nosso trabalho", comentou Paulo Albuquerque.

Para a sequência das contratações, o clube acompanha a definição do calendário do Campeonato Paraibano de 2022 ainda não definido pelo Conselho Arbitral da Federação Paraibana de Futebol.

Paraibano 2022

Conselho Arbitral se reúne nesta segunda-feira

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Conselho Arbitral da FPF terá primeira reunião para definir rumos do Paraibano 2022

Definidos os clubes que conseguiram o acesso para a Primeira Divisão do Campeonato Paraibano da edição 2022, o Conselho Arbitral da Federação Paraibana de Futebol se reúne, nesta segunda-feira (6), na sede da FPF, em João Pessoa, para debater os rumos do calendário e fórmula de disputa para o certame estadual da próxima temporada.

De acordo com Michele Ramalho, presidente da Federação Paraibana de Futebol, a perspectiva é que o campeonato tenha início no mês de fevereiro e que os próprios clubes definirão a fórmula do regulamento da disputa.

"O ano de 2021 foi muito bom para o futebol da Paraíba. Todos os cam-

peonatos foram realizados sem nenhum problema e já vamos começar o planejamento para 2022 nesta segunda, com a realização do Conselho Arbitral para o Campeonato Paraibano da Primeira Divisão. Como vem acontecendo na nossa administração, a coisa será conduzida com muita democracia. Serão os clubes que vão decidir como será o campeonato. Temos datas suficientes para fazer uma boa competição, já que vamos começar logo na primeira semana de fevereiro", comentou.

Devido à realização da Copa do Mundo do Qatar 2022 ser realizada no mês de dezembro, a CBF – Confederação Brasileira de Futebol, terá de encurtar suas competições até o mês de novembro do próximo ano, sendo assim, a entidade máxima do futebol brasileiro orienta que as competições estaduais sejam disputadas entre 26 de janeiro e 3 de abril.



Foto: Instagram/FPF

A presidente da FPF, Michele Ramalho, vai comandar a reunião que irá definir os detalhes do Paraibano 2022 da 1ª Divisão

Ao todo, dez clubes entram na disputa pelo título da 112ª edição da principal divisão do futebol paraibano, e pelo direito de parti-

cipações em outras competições – Copa do Nordeste, Copa do Brasil e Campeonato Brasileiro, garantidas a partir das respectivas po-

sições dos clubes dentro da classificação, ao final do torneio estadual. Campinense, Sousa, Botafogo, São Paulo Crystal, Treze, Atléti-

co de Cajazeiras, Nacional de Patos, CSP, Sport Lagoa Seca e Auto Esporte são as equipes que irão participar da edição de 2022.



Judô brasileiro brilha no Pan-Americano 2021 de Cali

Brasil manteve a hegemonia do judô no continente ao conquistar 11 medalhas no geral, sendo seis de ouro

A Seleção Brasileira Júnior de Judô brilhou nos inéditos Jogos Pan-Americanos Sub-21 de Cali e retornou ao Brasil com 11 medalhas na bagagem. Foram seis ouros, uma prata e quatro bronzes conquistados pelo judô brasileiro, que manteve a hegemonia continental na modalidade, tanto nas disputas individuais, liderando o quadro geral, quanto na competição por equipes mistas que teve o time brasileiro como grande campeão. De quebra, os cinco atletas que foram campeões no individual garantiram vagas para representar o país nos Jogos Pan-Americanos de Santiago 2023, na classe sênior.

"A gente bateu a nossa meta, que era de cinco ouros e demos um passo importante na transição, pois

garantimos que cinco atletas jovens participem de Santiago em categorias que são chave para nós, como 73kg, 70kg, 78kg e 100kg. Gostei muito também da atitude dos atletas na competição por equipes. Foi algo muito positivo. É uma nova competição que a gente tem que trabalhar porque, agora, é a 15ª medalha olímpica. Gostaria de aproveitar e agradecer ao Comitê Olímpico do Brasil por todo o suporte à nossa delegação. O atendimento em todos os serviços foi impecável: alimentação, hospedagem, transporte, departamento médico, logística de protocolo, tudo feito com muito cuidado para que a gente tivesse a melhor vivência nesses Jogos", avaliou Marcelo Theotonio, gerente das equipes de transição da

CBJ, chefe de equipe do judô em Cali.

A campanha do judô brasileiro em Cali começou já com quatro medalhas no primeiro dia de disputa. Aléxia Nascimento (48kg) e Gabriel Falcão (73kg) foram campeões em suas categorias, enquanto Nauana Silva (63kg) e Matheus Pereira (66kg) faturaram medalhas de bronze. Thayane Lemos (57kg) deixou o bronze escapar por muito pouco e ficou em quinto lugar.

"Eu fico muito feliz em ter sido a primeira atleta no judô a conquistar uma medalha de ouro nos jogos Pan-Americanos Júnior de Cali. Vai ficar marcado para mim, porque é um momento histórico", comemorou Aléxia Nascimento. "Foram lutas muito difíceis e complicadas.

Às vezes o jogo não batia, principalmente na final onde eu comecei em desvantagem, porque levei dois shidos. Mas tive foco, força e pensei: não quero que outra pessoa leve essa medalha para casa. Essa medalha é minha e eu fui determinada para isso", concluiu.

"Foram lutas duras, até a final foi tudo bem difícil, mas aproveitei a oportunidade para imobilizar o adversário.

Minha meta é ser campeão olímpico e o Pan de Santiago vai ajudar a mostrar os atletas e a trilharem esse caminho", projetou o peso leve Gabriel Falcão.

No segundo dia de competições individuais, os judocas brasileiros tiveram resultados ainda melhores, com quatro finais e duas disputas de bronze. Luana Carvalho

(70kg), Eliza Ramos (78kg) e Kayo Santos (100kg) conquistaram o ouro, Marcos Santos (81kg) ficou com a prata, e Daniel Bolezina (+100kg) e Luana Oliveira (+78kg) ficaram com o bronze. Victor Hugo Nascimento (90kg) também lutou nesse dia, mas caiu na fase de oitavas de final e não chegou às disputas por medalhas.

"Estou muito feliz por ter conquistado a vaga para Santiago 2023 e por ter tido a oportunidade de representar o Brasil nessa competição", resumiu o meio-pesado Kayo Santos em sentimento compartilhado por suas companheiras de equipe e também campeãs Luana e Eliza

As dez medalhas (5 ouros, 1 prata e 4 bronzes) dearam ao Brasil o primeiro lugar geral no quadro de medalhas

das disputas individuais do judô. Cuba ficou em segundo lugar (2 ouros, 2 pratas e 2 bronzes), seguida por Estados Unidos, Venezuela e República Dominicana.

No último dia de competição, todos os atletas brasileiros voltaram ao tatame do Coliseo Yuri Alvear para a disputa por equipes mistas. Mostrando muita garra e união, o time brasileiro formado por Gabriel Falcão (73kg), Marcos Santos (90kg), Victor Hugo Nascimento (90kg), Kayo Santos (+90kg), Daniel Bolezina (+90kg), Thayane Lemos (57kg), Luana Carvalho (70kg), Eliza Ramos (+70kg) e Luana Oliveira (+70kg) venceu República Dominicana, Cuba e os Estados Unidos para conquistar o sexto ouro do Brasil em Cali.

Na orla de JP

Corrida do Circuito das Estações reunirá milhares de participantes

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Pelos menos 2.500 corredores, entre profissionais e amadores, participam neste domingo da etapa Inverno do Circuito das Estações 2021. A corrida de rua, com largada às 6h do Largo da Gameleira, deveria ter sido realizada em julho, mas precisou ser adiada por conta da pandemia da Covid-19. Os percursos de 5 e 10 quilômetros têm como pano de fundo a bela orla das praias de Manaíra, Tambaú e Cabo Branco.

No menor trecho, os participantes seguem pela Avenida Cabo Branco no sentido bairro, retornando em frente ao Food Park de mesmo nome. Já para quem

corre os 10 quilômetros, o retorno acontece próximo ao Gulliver Mar Restaurante, na região conhecida como Ponta do Cabo Branco.

Segundo a organização da etapa Inverno do Circuito das Estações 2021, todos os protocolos sanitários estão sendo seguidos, tendo os competidores que apresentar comprovação da imunização completa contra a Covid-19, ainda no ato da retirada do kit, que aconteceu na última sexta-feira, 3. O uso de máscara é obrigatório antes e depois da corrida, sendo opcional durante o trajeto. O Circuito das Estações é realizado na capital desde 2018, quando aconteceram quatro corridas por ano.

A Superintendência Executiva de Mobilidade



Foto: Secom/PMJP

A largada será hoje, às 6h, no Largo da Gameleira, no bairro de Manaíra

Urbana (Semob-JP) montou um esquema especial com a finalidade de disciplinar o trânsito, isolado no trecho destinado às provas.

A etapa Inverno do Circuito das Estações 2021 reforça o status de João Pessoa,

já considerada a 'capital das corridas'. Ainda em dezembro, no dia 11, acontece a Corrida Natal dos Sentimentos, realizada pela Prefeitura de João Pessoa, por meio da Secretaria de Esporte, Juventude e Recreação (Sejer).

Festival paralímpico supera as expectativas

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Aconteceu na manhã de ontem no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), o primeiro Festival Paralímpico Loterias Caixa. O evento reuniu crianças e adolescentes entre 8 e 17 anos, que puderam conhecer mais sobre alguns dos principais esportes paralímpicos.

"O objetivo é fazer com que as crianças pratiquem atividade física e possam também conhecer as modalidades paralímpicas de forma lúdica, através de brincadeiras", conta Fábio Vasconcelos, um dos coordenadores do festival. GoalBall, paratletismo e bocha foram as modalidades escolhidas para esse primeiro evento que teve como foco a inclu-

são e não a competição. "Por isso separamos 20% das vagas para crianças sem deficiência, para que assim houvesse essa interação com as demais que apresentam algum comprometimento visual, físico ou intelectual".

A presidente do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, Valéria Cavalcanti, explica que o festival marcou o início de uma nova fase do instituto, que além de referência em reabilitação passa a ser referência no paradesporto. "Inauguramos nosso ginásio em maio e há cerca de dois meses fechamos um convênio com o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e a Universidade Federal da Paraíba". Parceria que coloca o ICPAC entre os 17 centros de referência do paradesporto no Brasil", afirmou Valéria.



A alegria dos jogadores, da comissão técnica e dos dirigentes do Atlético Mineiro após a vitória sobre o Bahia e a conquista do Brasileirão

Atlético-MG comemora título em jogo contra o Bragantino

Hoje será a primeira vez que o Galo vai se encontrar com a sua torcida após ser campeão por antecipação

Ivo Marques

ivo_esportes@yahoo.com.br

O domingo hoje será de festa e de casa cheia no Mineirão, em Belo Horizonte. A torcida do Atlético vai receber o time após a conquista do título brasileiro, após 50 anos. O Galo vai enfrentar o RB Bragantino, às 16 horas, pela 37ª rodada do Brasileirão. Com 81 pontos, o Atlético já é campeão, após a vitória de virada por 3 a 2 sobre o Bahia, na última quinta-feira, em Salvador. Um dos jogadores mais importantes na conquista do Galo foi o

atacante paraibano Hulk. Ele é o artilheiro do campeonato, com 18 gols, e favorito a ser escolhido o craque do Brasileirão 2021.

Já o Bragantino, vice-campeão sul-americano, está na 5ª colocação com 53 pontos, e ainda luta, ponto a ponto, com o Corinthians, pelo G4. A equipe vem de uma derrota inesperada para o Juventude, por 1 a 0, na última rodada.

Corinthians x Grêmio

Corinthians e Grêmio prometem fazer um jogo muito disputado neste domingo, às 16 horas, na Neo

Química Arena, em São Paulo. Os dois clubes buscam a vitória com objetivos completamente diferentes. O Timão é o quarto colocado do campeonato, com 56 pontos, e luta para se manter no G4, pois assim, garante a presença na fase principal da Libertadores do próximo ano. Já o Grêmio atravessa uma das maiores crises de sua história. O tricolor gaúcho está na 18ª posição, na zona de rebaixamento, e corre sério risco de ser rebaixado. Com apenas 39 pontos, e o primeiro clube fora do Z4, o Atlético-PR, já tem 42 e um

jogo a menos. O Grêmio precisa desesperadamente de uma vitória para continuar na luta para fugir da Série B do próximo ano.

Bahia x Fluminense

Em Salvador, o Bahia espera contar com a força de sua enorme torcida para vencer o Fluminense, às 16 horas, na Arena Fonte Nova. O tricolor baiano tem 40 pontos e está na zona de rebaixamento, na 17ª posição na tabela de classificação. O time vem de uma derrota dolorosa em casa para o Atlético-MG, por 3 a 2, após

estar vencendo por 2 a 0.

O Fluminense está em outra situação na competição. O clube está na 7ª colocação com 51 pontos e luta ainda para conseguir terminar no G4, ou pelo menos garantir a participação na Pré-Libertadores de 2022. O tricolor carioca vem de uma derrota de virada por 2 a 1 para o Atlético-MG, no Mineirão.

Ceará x América-MG

O último jogo deste domingo será uma disputa acirrada para terminar entre os oito clubes brasileiros que

vão participar da Libertadores e Pré-Libertadores no próximo ano. O Ceará vai receber o América-MG, às 19 horas, na Arena Castelão, em Fortaleza. O alvinegro cearense está na 9ª posição com 49 pontos e vem de uma derrota para o Flamengo por 2 a 1, no Maracanã.

O coelho mineiro está logo à frente, na 8ª colocação, com a mesma quantidade de pontos, mas com um melhor saldo de gols. O América vem de uma grande vitória sobre a Chapecoense, por 3 a 0, no Estádio Independência, em Minas Gerais.

Flamengo começa, esta semana, a definir quem será o técnico que vai comandar o clube na próxima temporada

Da Redação

Após as eleições de ontem para a presidência, o Flamengo deverá decidir nos próximos dias o nome do novo técnico da equipe, que vai substituir Renato Gaúcho, que deixou o comando da equipe na semana passada. Se dependesse da maior torcida do país, Jorge Jesus seria o escolhido. Os torcedores não esquecem o número de títulos que o clube conquistou, quando da sua passagem pelo clube em 2019 e início de 2020. Só que o português tem contrato com o Benfica até o meio do ano e o Flamengo gostaria de ter um novo técnico, já a partir da pré-temporada, em janeiro.

Outro nome bastante comentado entre os torcedores do Flamengo é o do argentino Carlos Gallardo e do português André Villas

-Boas. Segundo comenta-se na Gávea, os dois treinadores já foram contatados pelo clube, mas existe muita dificuldade para a contratação deles.

Outros dois nomes que surgiram nos últimos dias foi o do espanhol Eners-to Valverde, ex-técnico do Barcelona no período entre 2017 e 2020, que conquistou uma Copa do Rei e levantou o caneco do Campeonato Espanhol duas vezes pelo time catalão. O profissional atualmente está sem clube. Outro que se ofereceu para treinar o Flamengo foi o espanhol Javi Gracia, com passagens por: Málaga (ESP), Rubin Kazan (RU) e Watford (ING). Estes dois se ofereceram através de seus empresários.

Mas tudo indica que o escolhido pode ser o português Carvalho. O interesse do Flamengo em Carvalho é

O Flamengo esperou o resultado das eleições da presidência para definir o nome do novo técnico para 2022. Ele poderá ser português, argentino ou espanhol

antigo. Na época, com a saída de Jorge Jesus, o clube carioca tentou a contratação do treinador, que hesitou em vir para o Brasil por conta de decisões familiares em função da pandemia de Covid-19. Logo em seguida, o técnico declarou em diversas oportunidades a vontade de comandar o rubro-negro um dia.

Esta semana, o jornalista português, Gonçalo Lopes, afirmou que Carvalho é



Foto: Divulgação

O nome do português Carvalho, antigo desejo do clube, aparece no momento como o favorito para ser contratado

a primeira opção do Flamengo e já houve um contato entre o clube e o treinador recentemente, mas a negociação precisaria da liberação do Braga, de Portugal,

atual equipe do técnico.

Nesta temporada à frente do Braga, Carvalho disputou 21 jogos: 11 vitórias, cinco empates e cinco derrotas. Ao todo, 44 gols foram

marcados e 25 gols sofridos. A equipe, no momento, é a quarta colocada no Campeonato Português e ocupa a segunda posição no Grupo F da Liga Europa.



Energia dos torcedores nos estádios empurrou alguns times para a vitória e, consequentemente, o aumento de pontos na Série A

Volta da torcida aos estádios ajuda os clubes a vencerem

Só na Série A, 14 dos 20 clubes igualaram ou somaram mais pontos agora do que no tempo dos estádios vazios

Gonçalo Junior
Agência Estado

Depois de 20 meses de restrições impostas pela pandemia, a torcida voltou aos estádios e conseguiu empurrar, de fato, a maioria dos times no Campeonato Brasileiro. Dos 20 clubes da Série A, 14 igualaram ou somaram mais pontos como mandantes em relação aos jogos que fizeram com as arenas vazias. Apenas seis tiveram pontuação inferior.

O Estádio comparou os resultados dos clubes no período imediatamente anterior à retomada, das rodadas 11 à 22, com o período que se seguiu, das rodadas 23 à 34. A intenção foi analisar o impacto do retorno do público após as medidas para conter o avanço da pandemia no país.

Os 14 clubes que aproveitaram melhor a força da torcida foram: Atlético-MG, Corinthians, Red Bull Bragantino, Internacional, Fluminense, América-MG, Ceará, Santos, Cuiabá, Atlético-GO, Juventude, Bahia, Sport e Chapecoense. Os times que fizeram campanhas piores diante

da torcida foram: Palmeiras, Flamengo, Fortaleza, Athletico-PR, São Paulo e Grêmio.

Só atleticanos e corintianos venceram todas as partidas como mandantes. O que existe em comum entre os dois é a presença maciça do público, em torno de 40 mil pessoas. "Os times que jogam com casa cheia estão conseguindo grandes resultados", avalia Cristiano Dresch, vice-presidente do Cuiabá, estreante na Série A e que perdeu apenas uma das sete partidas depois que a torcida voltou à Arena Pantanal.

Virtual campeão brasileiro, o Atlético Mineiro venceu com e sem torcida, antes e depois. Embalado por quase 60 mil pessoas diante do Fluminense, o Atlético conseguiu a 15ª vitória seguida em casa. O time perdeu para o Fortaleza na estreia, empatou com a Chapecoense na sequência e depois só venceu.

O Corinthians mudou de patamar com a volta da Fiel. Após começar o torneio flertando com a zona de rebaixamento, o time só venceu desde a volta dos torcedores à Neo Química

Arena e agora está no G-4. São sete vitórias em sete partidas, sequência que resgata a expressão "caiu em Itaquera, já era". A diferença em relação à campanha como visitante é assustadora. Dos oito jogos, a equipe perdeu cinco e empatou três. "Pegamos o Corinthians com o estádio lotado. Eles fizeram o gol aos 42 do segundo tempo.

Torcida

Foi fundamental para alguns clubes, após a liberação do público nos estádios

Se estivesse vazio, talvez eles não tivessem o mesmo ânimo", conta Marcelo Paz, presidente do Fortaleza.

É essa energia que motiva o Juventude na luta contra o rebaixamento. O time do Rio Grande do Sul ainda não perdeu desde o retorno do público, diante do Ceará. Antes dos jogos, o

público faz o chamado "corredor jaconero" para recepcionar o ônibus. "A presença da torcida não foi importante só durante os 90 minutos. Já são quatro jogos em casa e estamos invictos desde o retorno do público", relata Walter Dal Zotto, presidente do Juventude.

Marcelo Paz lembra que o retorno da torcida foi gradativo. O estádio não ficou cheio de um jogo para o outro. Em casa, o Fortaleza alternou triunfos sobre Palmeiras e Atlético Goianiense, por exemplo, mas perdeu para Flamengo e Ceará. "Como ainda temos restrições de acesso por conta da vacinação, nós ainda não conseguimos ter o mesmo público de antes da pandemia. O crescimento tem impacto positivo no rendimento da equipe". Essa é a mesma opinião de Alessandro Barcellos, presidente do Internacional. "Com a torcida no estádio, o desempenho do time tende a melhorar. Ela é um diferencial no Beira-Rio".

Embora tenha influência direta no fator psicológico, como explica o professor Marcelo

Paciello, pesquisador sobre o comportamento do consumidor esportivo, o torcedor na arena não é certeza de vitória. Também influenciam a formação da equipe, desgaste físico, lesões e a qualidade do adversário.

Outro fator importante é a disputa de outras competições. Antes de ser tricampeão da Libertadores, por exemplo, o Palmeiras usou o time reserva no clássico com o São Paulo e acabou perdendo por 2 a 0. O Athletico Paranaense, campeão da Copa Sul-Americana, sofre risco de rebaixamento por causa de um elenco enxuto. O time teve dificuldades para se dividir em duas competições.

Alguns clubes não conseguiram melhorar sua posição com o estádio cheio. Foi o caso do São Paulo, que faz uma das suas piores campanhas de sua história nos pontos corridos. Nas últimas rodadas, o time de Rogério Ceni empatou com o Athletico-PR e perdeu para o Flamengo diante de quase 40 mil pessoas. O time só se recuperou contra o Sport, novamente com estádio cheio.

Palmeiras arrecada mais de R\$ 160 milhões na temporada

Agência Estado

O título da Copa Libertadores e a confirmação do 3º lugar no Campeonato Brasileiro consolidam para o Palmeiras uma premiação de aproximadamente R\$ 164,5 milhões ao longo da temporada 2021. Os resultados obtidos no Campeonato Paulista, Recopa Sul-Americana, Supercopa e Copa do Brasil, apesar de não terem sido os desejados pelo técnico Abel Ferreira, também ajudam nas finanças do clube.

No último sábado, ao derrotar o Flamengo na prorrogação, por 2 a 1, em Montevidéu, o Palmeiras

ganhou de premiação da Conmebol US\$ 15 milhões (o que corresponde a cerca de R\$ 84 milhões). Porém, como a Libertadores tem premiação cumulativa a partir das fases do torneio, a premiação total é de US\$ 22,5 milhões (cerca de R\$ 126,2 milhões).

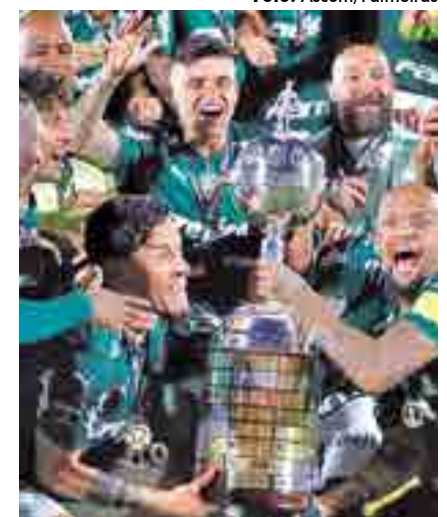
A vitória por 3 a 1 sobre o Cuiabá, nesta terça-feira, garantiu o Palmeiras a terceira colocação do Brasileiro, posição que ele não perde mais até o fim da disputa. Com seis pontos e quatro vitórias a mais do que o rival Corinthians (4º colocado), o time alviverde é inalcançável restando apenas duas rodadas. Os comandados de

Abel Ferreira, por sua vez, também não podem mais ultrapassar o Flamengo, vice-líder, com 70 pontos. O pódio no torneio nacional renderá ao Palmeiras mais R\$ 29,7 milhões.

Atual campeão da Copa do Brasil, o Palmeiras não conseguiu repetir o feito da última temporada e caiu logo na estreia para o CRB nos pênaltis. Mesmo assim, por ter participado da competição, a equipe palestrina também ganha uma recompensa de R\$ 1,7 milhão. Os cofres do clube foram abastecidos ainda, apesar de outras frustrações, com os vice-campeonatos da Supercopa do Brasil,

Recopa Sul-Americana e Campeonato Paulista. Todos eles pagam cotas aos participantes.

No Paulistão, a derrota na final para o São Paulo deixou a equipe com o segundo lugar, que recebe R\$ 1,154 milhão. Já a Supercopa, em que o Palmeiras foi derrotado nos pênaltis pelo Flamengo, rendeu outros R\$ 2 milhões. Na Recopa, o cenário foi semelhante diante do Defesa e Justiça, mas a premiação é ainda melhor: R\$ 4,2 milhões. Todo esse dinheiro ajuda muito o clube em ano de pandemia, quando a volta da torcida aos estádios só aconteceu em novembro.



A conquista da Libertadores foi a maior premiação do Palmeiras em 2021

Samuel Vital Duarte construiu uma carreira que o levou a trabalhar como jornalista independente em diversos jornais de Pernambuco, da Paraíba e de outros estados. Ele também foi diretor do Jornal A União Página 26 e 27



Fotos: Reprodução

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

A recente inauguração do Museu Cidade de João Pessoa, instalada na casa em que morou o ex-governador que dá nome à capital e localizada na Praça da Independência, reforça a importância de espaços de partilha de conhecimento que resgatem a memória e a história do povo paraibano. Ao contrário do que muitos pensam, o Museu da Cidade não é o primeiro, nem será o último (é o primeiro, sim, voltado à figura do ex-governador João Pessoa e à cidade de João Pessoa). Dados do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) mostram que, na Paraíba, existem 61 museus físicos cadastrados no sistema nacional, porém, infelizmente, a maioria deles é desconhecida do público.

Somente na capital, a cidade paraibana, com um maior número de espaços do tipo, são 18 museus cadastrados no Ibram. Campina Grande não fica muito atrás de João Pessoa e conta, de acordo com o Ibram, com 14 museus cadastrados. Mas os espaços museológicos estão espalhados por todo o Estado, do Litoral ao Sertão, reservados a preservar a cultura paraibana e a contar detalhes de sua história.

O jornalista Fernando Moura, curador do Museu Casa de José Américo e responsável por formar grupos instaladores dos principais museus públicos do Estado, avalia que a inauguração do Museu Cidade de João Pessoa renovou o interesse do público paraibano por museus, mas o momento deve ser oportunizado para ampliar os mecanismos de atração de pessoas a esses espaços de partilha de conhecimento.

Para tanto, o curador e também historiador Fernando Moura adianta que o Governo do Estado, de forma interdisciplinar, tem trabalhado para criar um núcleo de comunicação e marketing que integre todos os museus do Estado, sobretudo os públicos, de forma que sejam desenvolvidas linguagens e estratégias de atração de público aos espaços museológicos existentes e aos futuros museus que devem ser inaugurados no próximo ano.

“A partir do Museu da Cidade de João Pessoa, do qual eu tive oportunidade de participar como um dos curadores, a ideia é criarmos um núcleo interdisciplinar que trabalhe nessa divulgação para todas as unidades museológicas. Teremos um trabalho organizado e conectado a todos os museus, divulgando as atividades de cada um deles. O museu tem que estar dentro das plataformas e ter um espaço físico de atração. Nesse sentido, esse núcleo de comunicação terá esse papel para promover e motivar as pessoas a visitarem os museus da Paraíba, que existem. Nós temos museus, sim, a questão é que as pessoas não estão habituadas a irem”, aponta.

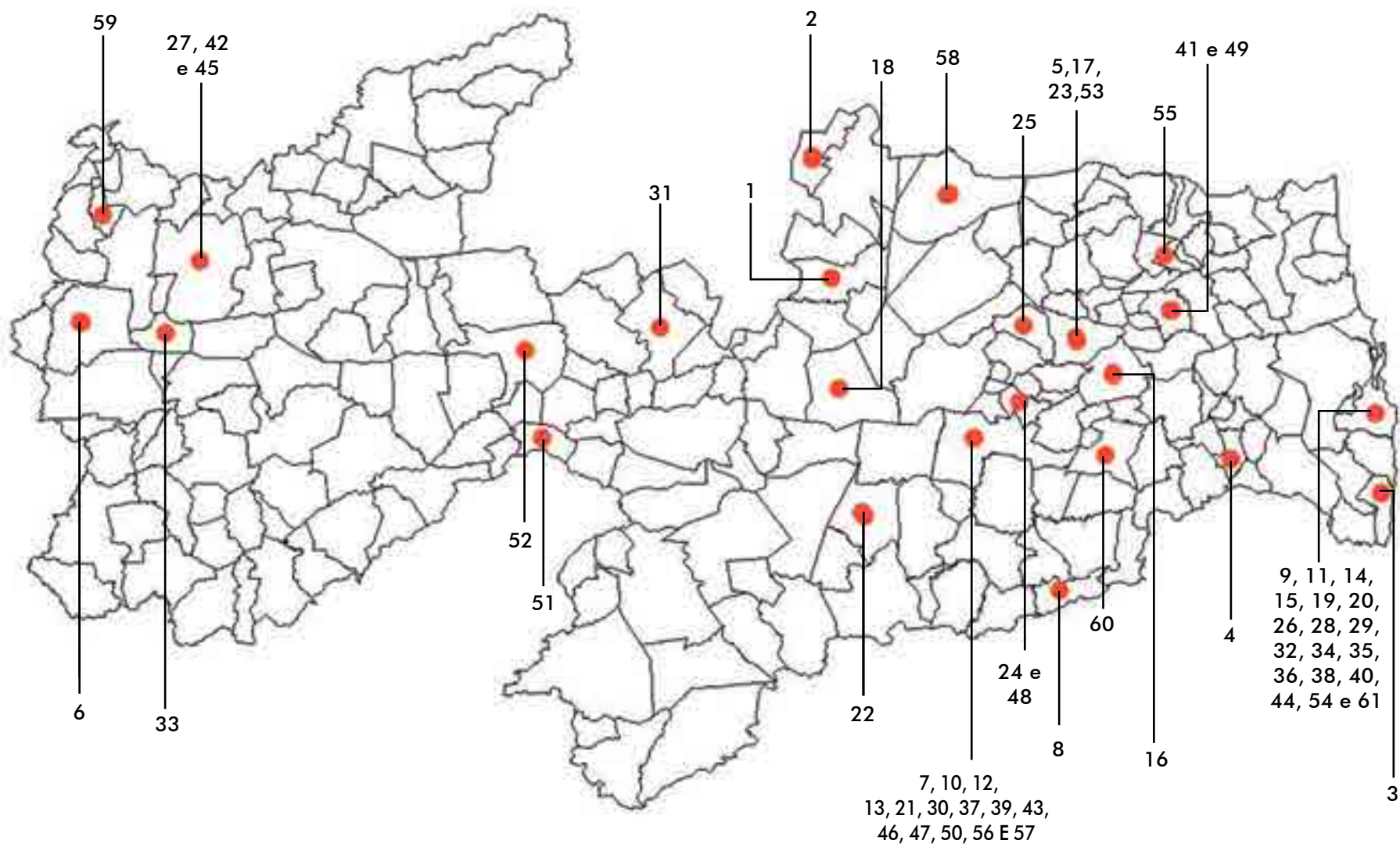
Mundo digitalizado

A avaliação de Fernando Moura é de que o mundo do conhecimento foi digitalizado, mas os museus e seus espaços ficaram isolados nesse processo. A ideia do núcleo interdisciplinar de divulgação dos museus tem justamente o objetivo de retomar essa inclusão. “Entendemos que o distanciamento do público, no nosso caso específico, é reflexo de uma retração natural do público mais jovem em relação aos museus. O acesso aos museus se dá, em grande volume, virtualmente. As pessoas fazem tour hoje nos museus pela internet. Ao mesmo tempo que facilitou o acesso, a nova ferramenta também afastou a presença física das pessoas nos ambientes museológicos”, ressalta.

Dados do Instituto Brasileiro de Museus mostram que na Paraíba existem 61 museus físicos cadastrados no sistema nacional; só em João Pessoa são 18 espaços disponíveis

Um mapa para os museus paraibanos

Estado conta com mais de 60 espaços museológicos físicos e o desafio é atrair público na pandemia



OS 61 MUSEUS REGISTRADOS OFICIALMENTE NA PARAÍBA

- 1 - Museu Histórico e Geográfico Francisco Retumba (público), em Pedra Lavrada
- 2 - Museu Antônio Faustino Gomes Filho (público), em Frei Martinho
- 3 - Museu Arqueológico de Pitimbu (público), em Pitimbu
- 4 - Fundação Menino de Engenho (privado), em Pilar
- 5 - Casarão José Rufino (público), em Areia
- 6 - Museu do Futebol de Cajazeiras (público), em Cajazeiras
- 7 - Museu de História Natural da Universidade Estadual da Paraíba (público), em Campina Grande
- 8 - Memorial Mata Virgem (público), em Umbuzeiro
- 9 - Museu Casa de Cultura Hermano José (público), em João Pessoa
- 10 - Museu Digital de Campina Grande Sesi (privado), em Campina Grande
- 11 - Memorial Augusto dos Anjos (privado), em João Pessoa
- 12 - Museu de Arte Assis Chateaubriand (privado), em Campina Grande
- 13 - Museu de Arte Popular da Paraíba (público), em Campina Grande
- 14 - Centro Cultural São Francisco (privado), em João Pessoa
- 15 - Museu do Artesanato Janete Costa (público), em João Pessoa
- 16 - Museu Casa de Margarida Maria Alves (público), em Alagoa Grande
- 17 - Museu Regional de Areia (privado), em Areia
- 18 - Museu Benedito Filgueira Gois (privado), em Soledade
- 19 - Museu da Cidade de João Pessoa (público), em João Pessoa
- 20 - Centro Cultural Parque Casa da Pólvora (público), em João Pessoa
- 21 - Museu Interativo do Semiárido da UFCG (público), em Campina Grande
- 22 - Museu Histórico-Cultural de Cabaceiras (privado), em Cabaceiras
- 23 - Museu Casa de Pedro Américo (público), em Areia
- 24 - Museu do Selo (privado), em Lagoa Seca
- 25 - Museu Remigense - Casa de Cultura Dona Ezy (público), em Remígio
- 26 - Museu de Arte Sacra do Convento de Santo Antônio (privado), em João Pessoa
- 27 - Centro Cultural Banco do Nordeste (público), em Sousa
- 28 - Memorial da Justiça Eleitoral da Paraíba (público), em João Pessoa
- 29 - Museu da Cultura Popular Paraibana (público), em João Pessoa
- 30 - Museu Fonográfico Luiz Gonzaga (privado), em Campina Grande
- 31 - Museu Comunitário Jeová Batista (público), em Santa Luzia
- 32 - Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (privado), em João Pessoa

- 33 - Museu Vivo da Cana de Açúcar do Alto Sertão da Paraíba (privado), em Nazarezinho
- 34 - Museu Vivo Olho do Tempo (privado), em João Pessoa
- 35 - Núcleo de Arte Contemporânea da UFPB (público), em João Pessoa
- 36 - Memorial Hotel Globo (público), João Pessoa
- 37 - Museu de Minerais e Gemas do Centro Gemológico do Nordeste (público), em Campina Grande
- 38 - Museu José Lins do Rego (público), em João Pessoa
- 39 - Museu da Força Expedicionária Brasileira (privado), em Campina Grande
- 40 - Memorial da Justiça do Trabalho na Paraíba (público), em João Pessoa
- 41 - Centro de Documentação Coronel João Pimentel (privado), em Guarabira
- 42 - Museu Sargento Edésio de Carvalho (privado), em Sousa
- 43 - Museu Casa de Aluizio Afonso Campos (privado), em Campina Grande
- 44 - Laboratório de Estudos e Pesquisa da Aprendizagem Científica do Departamento de Matemática da UFPB (público), em João Pessoa
- 45 - Memorial Antônio Mariz (privado), em Sousa
- 46 - Museu Vivo da Ciência e Tecnologia Lynaldo Cavalcante (público), em Campina Grande
- 47 - Memorial Severino Cabral (privado), em Campina Grande
- 48 - Museu do Índio (privado), em Lagoa Seca
- 49 - Memorial Frei Damião (privado), em Guarabira
- 50 - Museu Histórico Memorial da Prata (privado), em Campina Grande
- 51 - Museu Agar Nunes Guedes (privado), em Teixeira
- 52 - Fundação Ernani Satyro (público), em Patos
- 53 - Memorial Abdias Pereira Dantas - Museu da Rapadura (público), em Areia
- 54 - Pinacoteca da UFPB (público), em João Pessoa
- 55 - Museu do Homem Serrano (privado), em Serra da Raiz
- 56 - Museu de História e Tecnologia do Algodão (público), em Campina Grande
- 57 - Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande (público), em Campina Grande
- 58 - Museu do Homem do Curimataú (público), em Cuité
- 59 - Memorial Zé Moura (público), em Poço de José de Moura
- 60 - Museu das Itacoatiaras (público), em Ingá
- 61 - Fundação Casa de José Américo (público), em João Pessoa

+ Trabalho pioneiro é desenvolvido em JP

O Museu Casa de José Américo desenvolve um trabalho pioneiro no Estado. Entendendo o caráter pedagógico do conhecimento, em parceria com a Secretária da Educação do Estado, desenvolveu o projeto 'Escola Vai à Fundação', em que semanalmente grupos de estudantes de escolas do Estado são acompanhados por professores e monitores em visita ao acervo, instalado na Fundação Casa de José Américo (FCJA), no Bairro do Cabo Branco, em João Pessoa. Moura explica que o próximo passo é inverter a lógica, passar a levar parte do acervo do museu às escolas.

O compromisso com o resgate à memória cultural do Estado também se mostra no investimento para a digitalização de documentos anti-

gos. Conforme Moura, o estado está adquirindo equipamentos por meio do projeto Digitalih, que vão permitir a digitalização de documentos históricos de grande porte, viabilizando, por exemplo, o acesso virtual a páginas antigas de jornal.

Além da inauguração do Museu Cidade de João Pessoa, aberto ao público no último dia 4 de novembro, outros dois museus, por iniciativa do governo estadual, devem ser abertos em breve. Fernando Moura adianta que a previsão é de que, em fevereiro de 2022, o Museu da Polícia Militar da Paraíba seja inaugurado no Centro de João Pessoa, oportunizando o acesso à história da polícia no Estado com um vasto acervo, assim como a inauguração do Museu do Palácio da Redenção, que vai contar a história da Paraíba

por meio de obras de arte que já existem na sede do governo estadual. “O Museu do Palácio da Redenção está próximo de ser inaugurado. Os investimentos já foram iniciados e as obras estão em andamento”, arrematou Moura. Os dois novos museus estão incluídos na proposta do núcleo interdisciplinar de divulgação dos espaços museológicos da Paraíba.

A velha máxima de que “quem gosta de passado é museu” está sendo ressignificada no estado por meio de iniciativas propostas pelo próprio governo. As pessoas gostam, sim, de visitar o passado, costumam visitar os museus, o desafio no entanto é conectar o interesse da população em conhecer mais sobre a própria história às tecnologias de um mundo cada vez mais digital.

Samuel Duarte

Tímido e pobre, chegou a governador e ao Congresso

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Samuel Vital Duarte, “um intrépido brejeiro” de Alagoa Nova, no interior paraibano, começou a exercitar sua veia jornalística ao mesmo tempo em que cursava Direito na Faculdade de Recife. Foi daí que ele construiu o trampolim profissional que o levou a trabalhar, como jornalista independente, em diversos jornais de Pernambuco, da Paraíba e de outros estados.

Já reconhecido como jornalista experiente, acompanhou o rastilho de pólvora que se formou para a explosão do movimento armado de 1930, atuando em Recife como repórter do Diário da Manhã, na cobertura da morte do então presidente (governador) João Pessoa, que ocorreu dentro da Confeitaria Glória, na capital pernambucana, onde o estadista acabou assassinado pelo advogado João Dantas, em 26 de julho de 1930. Esse jornal recifense pertencia aos irmãos Caio e Carlos de Lima Cavalcanti, parentes da vítima.

Samuel, agindo assim, agregou-se a um movimento de jovens de todo o Brasil que apoiava João Pessoa. Os maiores exemplos desse engajamento preparatório para a Revolução de 1930 foi o próprio Samuel e José Américo de Almeida que, com a

Seguidor

Samuel agregou-se a um movimento de jovens de todo o Brasil que apoiava João Pessoa

ascensão de Getúlio Vargas à Presidência da República, conquistaram espaços políticos notórios no território brasileiro. João Pessoa, se não fosse assassinado, poderia chegar à capital federal, pois era o candidato a vice na chapa presidencial de Getúlio Vargas.

Reconhecida a capacidade jornalística de Samuel e o seu empenho nas causas pró-João Pessoa, no dia 20 de março de 1931 ele foi nomeado diretor do Jornal **A União** pelo então interventor na Paraíba, Anthonor Navarro, e se tornou o homem que mandava em tudo na imprensa oficial do estado, onde permaneceu até outubro de 1934.

Daí em diante, seus passos jornalísticos foram registrados como colaborador no Diário Carioca (1952-1962); no Correio da Manhã e na Folha de São Paulo; entre outros jornais de destaque nacional. Ao longo de sua vida, Samuel Duarte sempre contribuiu para os jornais da Paraíba e de Pernambuco. Posteriormente, em terras paraibanas, ocupou cargos públicos e políticos.

Ele nasceu em Alagoa Nova (na Região do Brejo paraibano e distante a 152 quilômetros de João Pessoa), em 10 de maio de 1904. Morreu no Rio de Janeiro, em 3 de dezembro de 1979. Filho de um casal de agricultores sem recursos, teve sua educação e formação entregue ao vigário do município, Monsenhor Jerônimo, que o enviou ao Seminário Diocesano na capital para se aprimorar nos estudos.



Ilustração: Tônio

Samuel Duarte atuou em vários jornais pelo país, principalmente em sua terra natal e em Pernambuco; na Paraíba, foi diretor do Jornal A União

Capacidade intelectual do paraibano chamava a atenção

Antes, na escolinha do Distrito de Cantagalo, em Alagoa Nova, chegou a chamar a atenção do professor Elísio Sobreira, que se impressionou com sua capacidade intelectual. Mais tarde Elísio seria um dos fundadores da Polícia Militar da Paraíba, corporação da qual foi também comandante. Samuel, ao transferir-se para a capital, estudou no Colégio Diocesano Pio X e fez o Curso de Humanidades no Seminário Paraibano, em 1921, depois cursou Direito em Recife.

Leccionou francês e inglês no Liceu Paraibano. Completando o seu ciclo educacional superior, tornou-se “brilhante advogado” em Recife. Foi secretário do Interior e da Segurança Pública na Paraíba, diretor da Agência de Cadastros do Banco do Brasil para a Região Norte, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e, como jornalista, trabalhou nos jornais O Correio da Manhã, Diário Carioca, Folha de São Paulo, O Combate e Era Nova.

Representou o Ministério do Trabalho no Conselho Executivo da Sudene; foi deputado federal e presidente da Câmara. Como presidente da OAB, posicionou-se fortemente a favor do impeachment do então presidente Fernando Collor (hoje senador), antes

obtendo notoriedade nacional por revelar-se contra o regime militar ditatorial, que se instalou no Brasil em 1964 e durou 21 anos.

Destacou-se na militância do Direito, tornando-se um advogado apontado como extremamente inteligente e, em nível de Brasil, na época “era um dos melhores em sua área”. Casou-se com Angelina de Castro Pinto, com quem teve três filhos: Glauco, Maria Leticia e Paulo Sérgio – esse último atualmente é destacado crítico de arte, gozando de bom conceito profissional e intelectual na América Latina. Samuel ingressou na Academia Paraibana de Letras (APL) em 8 de janeiro de 1963.

Seus biógrafos, de modo geral, o descrevem como “homem tímido, discreto e recatado, a ponto de não permitir liberdades nem mesmo com os parentes mais próximos. Por combater ferrenhamente o nepotismo, nunca colocou um parente em cargo estratégico, embora tenha sido governador da Paraíba por quatro meses na década de 1940.

Oswaldo Trigueiro que “Samuel Duarte, por possuir o hábito da leitura e cultura a liberdade, decepcionou-se com o caminho religioso, ao não permitir o autoritarismo intelectual de uma parte da maioria dos sacerdotes”.



Fotos: Arquivo

O interventor Anthonor Navarro foi quem nomeou Samuel Duarte para dirigir A União



Como presidente da OAB, o paraibano se posicionou fortemente em favor do impeachment do então presidente Fernando Collor de Mello

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Marta, Irina, Trotski, Stalin e o jornalista

“Irina, espero que você goste do livro e que a versão dos fatos, aqui apresentada, traga dados novos aos seus conhecimentos. Grande abraço, Marta”. Irina mora na Rússia e Marta, no Brasil. Marta é minha tia caçula por parte de mãe; paraibana de nascimento, há anos está radicada em Brasília (DF). De Irina, não sei a origem, mas hoje tenho em mãos um livro que deveria ser seu: ‘O Homem que Amava os Cachorros’, de Leonardo Padura.

Há poucos anos, tia Marta e tio Ricardo estiveram na Rússia a passeio. Lá, conheceram Irina. Conversa vai, conversa vem – em português, registre-se –, ficou acertado que lhe enviariam, quando retornassem ao Brasil, um exemplar do livro de Padura. O romance do escritor e jornalista cubano, porém, nunca chegou às terras de Putin.

O livro foi à Rússia pelos Correios, é fato, mas a encomenda voltou. Talvez houvesse algum erro no endereço anotado por minha tia. A obra de Padura reconstrói as trajetórias de Leon Trotski, o líder soviético, e de seu assassino, o militante espanhol Ramón Mercader. Como Trotski teve um affair com Frida Kahlo e minha tia sabe da minha afeição pela artista mexicana, acabei ganhando de presente o

filme ‘A sombra de Stalin’, que está disponível na Netflix.

“Angélica, como te falei, via WhatsApp, este livro foi à Rússia e voltou (objeto EB121008118 BR, Correios). Portanto, ‘a culpa é das estrelas’. Aproveite. É uma bela leitura. Abraço”, escreveu tia Marta na folha de rosto do livro, ao me presentear. Sim, dessa vez, a encomenda chegou direitinho.

Recebi o livro de tia Marta em dezembro de 2017. Comecei a leitura pouco depois, mas fui atropelada por afazeres, sentimentos, vida. O volume ficou do meu lado da cama todos esses anos, mas acabei deixando-o meio de lado. Nos últimos meses, ele voltou a chamar minha atenção, dentre outras leituras.

Li, por exemplo, ‘Do Czarismo ao comunismo – As revoluções do início do século XX’ (editora Três Estrelas), de Marcel Novaes. ‘Catarina: A Grande’ (editora Rocco), de Robert K. Massie. E, mais recentemente, a edição comentada de ‘A Revolução dos Bichos – Um conto de fadas’ (Troia Editora), de George Orwell.

Programei-me para retomar a leitura de ‘O Homem que Amava os Cachorros’ no fim de semana passado. Voltei ao texto de Padura, mas ainda não terminei o livro. Antes, reservei um momento para ver o

filme ‘A sombra de Stalin’, que está disponível na Netflix.

Com diversas referências à ‘Revolução dos Bichos’, a produção mostra o jornalista galês Gareth Jones na União Soviética do início dos anos de 1930. Nessa época, aliás, George Orwell (pseudônimo do jornalista Eric Arthur Blair), que aparece em uma cena conversando com Jones, ainda não havia escrito a fábula que é uma sátira ao stalinismo – ‘A Revolução dos Bichos’ só viria a ser concluída em 1944, sendo publicada apenas um ano depois.

O longa-metragem ‘A sombra de Stalin’ é uma história baseada em fatos reais. Pala de utopia, jornalismo, política, corrupção, ética. Gareth Jones foi o primeiro jornalista a revelar a dura verdade escondida sob o governo autoritário de Josef Stalin: um regime de exceção surgiu após a corrupção dos ideais socialistas originais. O livro ‘O Homem que Amava os Cachorros’ é uma ficção. É um romance histórico. Uma premiadíssima obra que, na edição da Boi Tempo, tem apresentação primoro-

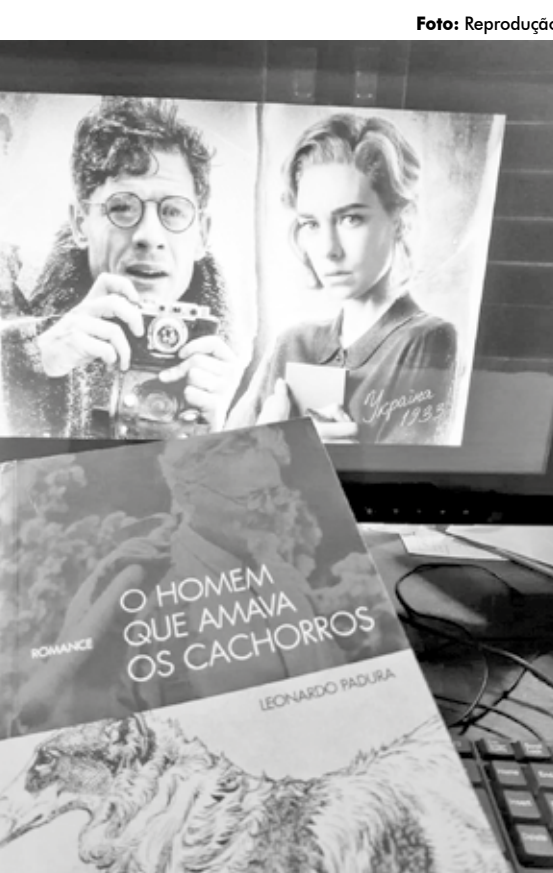


Foto: Reprodução

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

A Jovem Guarda – Parte V

Nessa caminhada pelo passado da Jovem Guarda, damos sequência a uma pequena amostragem de quem foram seus astros e suas estrelas.

Waldirene Fraraccio (São Paulo, 1948), como o nome denuncia, é filha de imigrantes italianos, cuja família se espalhou pela capital paulista e por Taubaté, terra dos irmãos Tony e Cely Campello. Seu avô já era maestro, e seus tios, cantores. Descobriu-se cantora em eventos escolares, partindo, então, para apresentações radiofônicas, conduzida por um irmão que tinha pretensão a cantor. Daí a ser descoberta por Aldemar Dutra (não confundir com Altamar) foi um salto. Este, após levá-la a programas infantis, já a levou, aos quatorze/quinze anos, para gravar o primeiro disco na RCA. No início de carreira, ela se inspirava em Marisol, famosa cantatriz norte-americana, de ascendência mexicana. Ficou conhecida nacionalmente, a partir de 1967, quando gravou um compacto simples com ‘A Garota do Roberto’, de Carlos Imperial e Eduardo Araújo, e ‘Só vou gostar de quem gosta de mim’, uma gravação de Rossini Pinto feita para ela, que a gravou antes mesmo que Roberto Carlos o fizesse. Chegou a apresentar-se nos Estados Unidos, no Canadá e no Chile, onde virou mascote da seleção de futebol, após haver gravado em espanhol os dois referidos sucessos. Nos bastidores da Jovem Guarda, Wanderléa, Martinha e Waldirene formavam trio (WMW) de amigas tipo “arrasa quartelão”.

Rosemary (Pereira Gonçalves, Rio de Janeiro, 1945) – Habitada, desde criança, a participar de eventos musicais infantis, iniciou a carreira em 1961, com um primeiro contrato na Chantecler, com interpretações de natureza romântica (‘Fala Coração’ e ‘Também sou mulher’), mas tornou-se conhecida, em nível nacional, a partir do programa Jovem Guarda, quando foi cognominada de a “Fada do lê-jê-iê”. Seu grande hit foi uma versão para o sucesso ‘Che m’importa del mondo’, de Rita Pavoni (RCA, 1963). Em paralelo com a JG (TV Record-SP), ela apresentava o ‘Menina Moça’ (TV-Rio). Na mídia, na Rede Tupi-Rio, levada por Boni (José Bonifácio de Oliveira), apresentou ‘A Grande Parada’ e fez incursões em Flávio Cavalcanti, Jô Soares e Hebe Camargo, mas foi no Chacrinha que “imperou” graças a influência da irmã dela, Terezinha, espécie de assistente de palco do velho guerreiro (quem não se lembra do “Terezinha!!!”). Em 1970, une-se à família de Carmen Miranda, a quem reverencia com um tributo, em que uniu, em um CS, as cantoras Chiquinha Gonzaga com Carmem Miranda, com gravações de ‘Lua Branca’ e ‘Corta Jaca’ (CG) e ‘Abre Alas’, ‘Camisa Listrada’ (CM).

Sérgio (Bassini) Reis (São Paulo, 1940) – Cantor e compositor que, após ganhar uma viola dos pais, aos dezesseis anos, enveredou pelo mundo da música, interpretando os sucessos de Lucho Gatica, Trio Los Panchos, Pepino di Capri e Sérgio Endrigo, as evidências musicais de sua juventude. Residindo no mesmo bairro

que os componentes da futura dupla Os Vips (Ronald e Márcio Antonucci), costumavam se reunir para divertirem-se, cantando. Tanto é que, ainda hoje, há quem pense que ele teria participado da famosa dupla. Saíndo da fase do bolero, Sérgio Reis enveredou, já em 1961, pelos caminhos do que se chamava de rock paulista. Sua mudança de gênero musical ocorreu quando da gravação do primeiro 78 rpm (1961, pela Chantecler: de um lado um bolero, ‘Enganadora’, e do outro um rock-balada ‘Será’, disco que não obteve expressivo sucesso, o que começou a despontar com a versão do hit (1962) ‘Lana’, sucesso de Roy Orbison. Mas o grande sucesso somente veio em 1967 quando, acompanhado pelos Jet Blacks, gravou, já pela Odeon, o compacto duplo com quatro de suas composições, com destaque para a ainda hoje lembrada ‘Coração de Papel’. Passada a onda da JG, enveredou pela chamada música sertaneja e nela se estabilizou, impulsionando sucessos de vários compositores: ‘O Menino da Porteira’, ‘Panela Velha’, ‘Pinga ni Mim!’.

Jerry Adriani (Jair Alves de Souza, Brás-SP, 1947 – Tijuca-Rio de Janeiro, 23017) – O nome artístico adveio da junção do nome de um seu ídolo, o comediante Jerry Lee Lewis, com o do cantor italiano que procurava imitar – Adriano Celentano. Iniciou sua vida artística como vocalista do pequeno conjunto Os Rebeldes (1962), que se apresentava na TV Tupi-SP, onde era o comandante de ‘A Grande Parada’. Seu primeiro álbum foi ‘Italianissimo’ (1964), a que se seguiu, no mesmo ano o ‘Credi a Me’, ambos com ênfase na música italiana. Na TV Excelsior foi também o apresentador do ‘Excelsior a Go

Go’. Dentre os seus “feitos musicais”, foi ele o responsável pela ida de Raul Seixas para o Rio de Janeiro, com quem formou parceria de 1969 a 1971, quando o baiano iniciou a carreira solo. Haviám se conhecido em Salvador, nos tempos do bolero, Sérgio Reis enveredou, já em 1961, pelos caminhos do que se chamava de rock paulista. Sua mudança de gênero musical ocorreu quando da gravação do primeiro 78 rpm (1961, pela Chantecler: de um lado um bolero, ‘Enganadora’, e do outro um rock-balada ‘Será’, disco que não obteve expressivo sucesso, o que começou a despontar com a versão do hit (1962) ‘Lana’, sucesso de Roy Orbison. Mas o grande sucesso somente veio em 1967 quando, acompanhado pelos Jet Blacks, gravou, já pela Odeon, o compacto duplo com quatro de suas composições, com destaque para a ainda hoje lembrada ‘Coração de Papel’. Passada a onda da JG, enveredou pela chamada música sertaneja e nela se estabilizou, impulsionando sucessos de vários compositores: ‘O Menino da Porteira’, ‘Panela Velha’, ‘Pinga ni Mim!’.



Foto: Reprodução

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

O empresário no seu negócio

Você sabe o que você está plantando em seu negócio, que possa melhorar? Qual seu público alvo? Como fazer as compras de seu negócio?

Seja qual for seu ramo de atividade – bar, restaurante, hotel, motel, lanchonete... –, você tem que ter noções básicas para tocar seu negócio ou fazer alguns cursos, hoje virtuais, pelo Sebrae, ou em locais específicos para a sua área de atuação, também virtualmente.

Na última quarta-feira, fui, com meu filho, para uma franquia de Açaf onde tem uma área de parque para a diversão de crianças, que demorou 30 minutos para que o garçom pudesse vir à mesa e perguntar o que eu queria. Nem ao menos o cardápio do local ele trouxe. Por mais que, às vezes, seja falado para mudanças e formas de trabalhar, parece que estamos falando para uma parede. Sem falar que demorou mais 20 minutos para poder vir um misto-quente, uma batata frita e uma vitamina de Açaf. Depois, o empresário não sabe o porquê do seu negócio ficar em queda... Ou será que ele sabe e acha que é o correto?

Muitas vezes é preciso sair do seu eu e procurar um profissional; e, às vezes, novamente na área necessária para solucionar aquela situação que são os problemas, que quase sempre eles acham normal. Não analisam na posição do cliente, mas sim da deles.

Aí, nesse caso, entram os consultores, os chefs executivos, que vão fazer a análise do local e corrigir os erros e os vícios já existentes, pois é recorrente o proprietário só querer ver o recebimento no final do mês e não vê as reclamações nas redes sociais, e quando vê, não responde. Não toma conhecimento

do que falam mal deles nas empresas de aplicativos de delivery. E esta pessoa que você irá contratar, um especialista, é preparada, tem olho crítico. Esse profissional faz observações em coisas que nem os melhores amigos do empresário fariam para ele.

A consultoria mostra ao contratante as observações que ele não consegue enxergar de maneira normal, além de ver os pontos deficientes que existem no estabelecimento. Criar uma identidade para um lugar é muito fácil, difícil é persistir para que isso tenha um resultado favorável e permanente, para que possa passar de geração a geração.

A teoria da consultoria é simples. Pela visão de um profissional que vive no ambiente, tudo é perfeito. E às vezes está. Porém precisa apenas de um toque para que o resultado tenha o alcance necessário para aquilo que é buscado, no que você precisa para corrigir seus erros.

O profissional consultor trabalha com duas vertentes: a primeira é o resultado daquilo que ele vê para a mudança junto ao contratante e ter um resultado positivo; a outra parte é a aplicação na prática junto ao resultado conseguindo às mudanças e novas solicitações. Ao encontrar o erro, é dever do contratante corrigi-lo, o mais rápido possível, para que se tenha uma resposta do que está sendo trabalhado pelo chef consultor.

A maioria das empresas sempre está de olho no salário mais baixo de seus funcionários. E isso se chama profissional inexperiente para se colocar em uma responsabilidade onde ele não dará conta, pois não foi treinado e não teve uma experiência para tal

função. Esse tipo de política tem que ser mudada imediatamente. Sem observar que um profissional tem um valor diferenciado de quem estaria buscando qualquer emprego. Um profissional de verdade para a área específica demanda de um treinamento, que é quase zero. Já um funcionário que busca um emprego qualquer por necessidade de trabalho, além de precisar de ser um super treinamento para suprir o resultado, não atinge o objetivo de valorizar o seu trabalho. Ele irá fazer da maneira que achar “melhor”.

Com meu olhar mais para o campo do negócio funcional e com o trabalho que já faço de consultoria durante muitos anos, vejo que os bons profissionais, hoje em dia, já estão ocupando seu posto de trabalho, e os que estão aí não encontraram ainda uma oportunidade de mostrar seu talento e serem valorizados. Os que ainda buscam qualquer emprego, vejo como uma pedra para aquele empresário que visa em contratá-lo achando que vai resolver o seu problema. Pelo contrário, será uma pedra no seu sapato todo tempo.

Nunca é tarde para se buscar um profissional para resolver e fazer acontecer seu negócio. Quem não serve para somar, nunca servirá para ajudar em sua empresa. Cada um em seu quadrado, esse é o lema. Se você permanecer no erro, sua fama um dia o levará à decadência por falta de respeito com seu cliente. E o principal é a humildade profissional em assumir o erro e tentar corrigir. Fica a dica, pois, neste momento em que estamos vivendo, não é para amadores recém-nascidos. E nem nós, consultores, fazemos milagres. Precisamos da ajuda de vocês, empresários.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA Cozido do Chef

Ingredientes

- 1 kg de acém sem osso
- 1 kg de costela bovina
- 1 kg de calabresa
- 2 batatas inglesas grandes
- 1 batata doce grande
- 2 cenouras
- 1 repolho tamanho médio
- 400g de jerimum
- 2 espigas de milho
- 1 inhame pequeno
- 1 macaxeira média
- 1 banana da terra grande
- 1 cabeça de alho picado
- 1 cebola grande picada
- 2 colheres de sopa de coentro
- 4 ovos cozidos
- 8 folhas de couve
- Quiabo
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- Cominho a gosto

Modo de preparo:

■ Lave todos os ingredientes, corte e tire as cascas. Refogue a cebola, o alho com duas colheres de azeite. Em seguida, acrescente a carne e os temperos. Na panela de pressão, siga acrescentando os outros ingredientes por ordem de mais demorada cozinhar até o último, que serão as folhas de couve. Acrescentar 300 ml de cachaça e um copo e meio de água. Tampe a panela e deixe-a cozinhar. Depois de começar a apitar, deixe cozinhar por 30 minutos. No final, preparar o pirão com farinha de mandioca e sirva com arroz branco e os ovos que foram cozidos separadamente. Bom apetite!

QUENTINHAS

Um dos lugares mais charmosos de João Pessoa, o Al Dente Cucina, inaugura seu café no jardim. Espaço Giardino, área externa da casa com um jardim exclusivo, ficará aberto para o café da tarde, das 15h às 18h; almoço e jantar neste ambiente continuam funcionando normalmente.

Já imaginou degustar um café especial ou um drink exclusivo ao ar livre? Em um ambiente elegante, repleto de verde, com o aconchego de um fim de tarde? Era o que faltava para o Al Dente Cucina, que abre operações à tarde, em seu delicioso Giardino. A casa fica aberta para esse ambiente inclusive para eventos pré-agendados.

Assinado pela arquiteta Leila Azzouz e pela paisagista Beatriz Campelo, o Giardino do Al Dente já atraía o desejo dos clientes de abertura nesse horário. “Era um desperdício ficar fechado neste horário e perder a mágica do lugar durante o pôr do sol”, revela o chef Rômulo Fernandes.

O menu, assinado pelo chef, traz opções para todos os gostos: cafés, croissants, cuscuz nordestino, chás e drinks, com petiscos exclusivos. No espaço também funcionará o empório, onde serão comercializados as massas e molhos servidos no restaurante, para quem quiser cozinhar em casa com os produtos do Al Dente.

O Al Dente Cucina fica localizado à Rua Francisco Claudino Pereira, 730, em Manaíra. Para conhecer mais sobre o restaurante, o Instagram é @aldentecucina.



PITADAS A GOSTO



A maior rede de chás gourmet do Brasil abre as portas em João Pessoa. A espanhola Tea Shop inaugurou sua primeira no Cabo Branco. Quem é apaixonado por chá está ganhando um ponto de referência na capital paraibana: é a loja da Tea Shop, inaugurada na quarta-feira (2), no bairro Cabo Branco. João Pessoa foi escolhida para sediar mais uma operação da marca no país da maior e mais especializada rede de chás do Brasil. A Tea Shop conta com mais de 130 mesclas desenvolvidas em laboratórios na Europa e o selo de qualidade da rede, com matriz em Barcelona e mais de 100 lojas pelo mundo. Além da variedade para agradar a todo tipo de paladar, a marca é famosa por armazenar as folhas a granel em latas para manter o aroma e o frescor, proporcionando uma experiência multissensorial.

“Nossa loja abrirá com essa atmosfera acolhedora e com a missão de levar o cliente a este mundo tão fascinante da segunda bebida mais consumida no mundo”, garante a franqueada Luciana Amaro, que tem como sócio o marido, Dêmison Fernandes.

A inauguração em João Pessoa segue uma tendência do mercado: o brasileiro está tomando mais chá. O consumo da bebida cresceu 20 pontos percentuais nos 10 anos compreendidos entre 2009 e 2018, mostra a Pesquisa de Orçamentos Familiares, divulgada pelo IBGE em agosto do ano passado. No mesmo período, os refrigerantes tiveram queda de 34 pontos percentuais e os sucos industrializados recuaram 42 pontos na preferência do consumidor.

Para conferir as novidades da Tea Shop em João Pessoa, o endereço é Avenida Epitácio Pessoa, 5050, no Empresarial Buenos Ayres, loja 4. Pelo Instagram, o perfil é @teashop_cabobranco. No siteteashop.com.br, podem ser encontradas opções de chás para todos os paladares e harmonizar com todos os tipos de comida e bebida. A franqueadora também lançou um clube de assinaturas de chás e infusões myteashop.com.br que, além de oferecer uma experiência diferenciada para o segmento, ainda garante benefícios e descontos para os assinantes nas lojas da rede.

